

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Gilberto da Silva

**O Betel Brasileiro – estudo da transição de uma instituição religiosa-
educacional tradicional para pentecostal**

São Paulo
2011

Gilberto da Silva

O Betel Brasileiro – estudo da transição de uma instituição religiosa-educacional tradicional para pentecostal

Dissertação apresentado à Coordenadoria da Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Bitun

São Paulo
2011

Gilberto da Silva

O Betel Brasileiro – estudo da transição de uma instituição religiosa-educacional tradicional para pentecostal

Dissertação apresentado à Coordenadoria da Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Bitun

___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Bitun
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Breno Martins Campos
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Douglas Nassif Cardoso
Universidade Metodista de São Paulo

FICHA CATALOGRÁFICA

S586b Silva, Gilberto da

O Betel Brasileiro : estudo da transição de uma instituição religiosa tradicional para pentecostal / Gilberto da Silva – 2011.
132 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.
Bibliografia: f. 113-127

1. Protestantismo 2. Transição religiosa 3. Hibridismo 4. Betel Brasileiro 5. Relações de gênero I. Título

LC BX9042.B66
CDD 207.21

AGRADECIMENTOS

À Coordenadoria de Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie: corpo docente e pessoal de apoio.

Ao prof. Dr. Ricardo Bitun que orientou até o final do trabalho.

Ao prof. Dr. Douglas Nassif Cardoso que me incentivou a prosseguir nos estudos.

Aos colegas de classe, especialmente ao Lucas que sugeriu o objeto da pesquisa.

Às ex-alunas do Betel Brasileiro, que cooperaram com seus testemunhos, franqueza e conversa amistosa.

Aos meus pais que se gastaram para dar uma melhor educação aos filhos.

À esposa Claudia e filhos que compreenderam minha ausência ao longo do curso.

Sobretudo, à Deus, a quem devo a existência e a manutenção cotidiana.

Cheguei à conclusão de que deveria me servir da razão e olhar nela a verdade de todas as coisas. Talvez a imagem de que me sirvo não seja totalmente correta, já que nem eu próprio aceito sem ressalvas que a observação ideal dos objetos, que é uma observação por imagens, seja melhor que aquela que provém de uma experiência dos fenômenos.

Sócrates

RESUMO

O presente o estudo tem por finalidade discorrer sobre o Betel Brasileiro, uma organização evangélica pentecostal com mais de 75 anos de existência sob comando feminino. Originariamente, o pequeno educandário para moças protestantes, que surgiu no sertão da Paraíba em 1935, era tradicional e estrangeiro; todavia, em meados dos anos sessenta, a instituição tornou-se nacionalizada e híbrida, ao aderir à crença pentecostal. Deste modo, a investigação procura compreender o possível motivo da transição do Betel estrangeiro/tradicional para o Betel brasileiro/pentecostal, bem como conhecer a sua expansão de 1968 a 2008.

Para tal, aborda-se o objeto da perspectiva das Ciências da Religião, tendo o estudo de caso qualitativo como método de investigação empírica, que permite lidar com fenômenos sócio-culturais, cujos limites não estão claramente definidos. Também se fez uso da pesquisa bibliográfica, entrevista e coleta de história de vida. E para consubstanciar o estudo, consultou-se diversos teóricos; destacando-se Weber, para entender a ação humana, e Bourdieu, por conceituar as instituições como agentes de integração social.

Conclui-se que o abasileiramento e o hibridismo contribuíram para ampliar a aceitação da aludida instituição religiosa-educacional no matizado campo religioso protestante brasileiro do período investigado.

Palavras-chave: Protestantismo, Transição religiosa, Hibridismo, Betel Brasileiro, Relações de gênero.

ABSTRACT

The present study has the purpose to discourse on the Brazilian Bethel, a Pentecostal Evangelical organization with more than 75 years of existence under the female leadership. Originally, the small educational establishment for protestant young women, that appeared in the hinterland of the Paraíba in 1935, was traditional and foreign; however, in the middle of Sixties, the institution became nationalized and hybrid when adhering to the Pentecostal belief. In this way, the *recherche* looks for understanding the possible reason of the transition of the traditional and foreign Bethel for a Pentecostal and Brazilian Bethel, as well as to know its expansion between 1968 and 2008.

For such, it approaches the object from the perspective of Sciences of the Religion, having the case's qualitative study as method of empirical inquiry, that allows to deal with social cultural phenomena whose limits are not defined clearly. Also, it was used the bibliographical research, the interviews and the collection of life history. Several theoreticians were consulted to substantiate the study; pointing out Weber, to comprehend the human being actions", and Bourdieu, for appraising the institutions as agents of social integration.

Then, the study concludes that the nationalization and the hybridism contributed to extend the acceptance of the alluded religious-educational institution into the *mélange* religious field of the Brazilian Protestantism of the investigated period.

Keywords: Protestantism, Religious transition, Hybridism, Brazilian Bethel, Gender's relations.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Assembleia de Deus

AME – Associação Missão Esperança

AMIBB – Agência Missionária Betel Brasileiro

AMTB – Associação de Missionária Transcultural Brasileira

APM – Associação de Professores de Missões

BB – Betel Brasileiro

CBB – Convenção Batista Brasileira

CBN – Convenção Batista Nacional

CENAM – Centro Acadêmico de Missões

DEMIMBB – Departamento de Missões Mundiais do Betel Brasileiro

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBBB – Instituto Bíblico Betel Brasileiro

IEF – Igreja Evangélica Fluminense

LBA – Legião Brasileira de Assistência

MIB – Missão Informadora Brasileira

MMMB – Movimento Missionário do Brasil

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SUMEBB – Superintendência Missionária Eclesial

UESA – União Evangélica Sul Americana

WEC – World Evangelization Crusade

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1 – Considerações metodológicas	14
Capítulo 2 – Esboço do campo protestante brasileiro	29
2.1 Matrizes da religiosidade colonial	30
2.2 Protestantismo permanente.....	31
2.2.1 <i>Os imigrantes protestantes</i>	32
2.2.2 <i>A empresa missionária protestante</i>	34
2.2.3 <i>O protestantismo kalleyano</i>	38
2.2.4 O protestantismo pentecostal.....	40
2.2.5 <i>Valores pentecostais</i>	43
2.2.6 <i>Taxionomia do pentecostalismo brasileiro</i>	45
2.2.7 <i>Questão de gênero no protestantismo brasileiro</i>	51
Capítulo 3 – A transição do Betel estrangeiro para o brasileiro	62
3.1 O Betel estrangeiro.....	63
3.1.1 <i>Modus vivendi</i>	66
3.1.2 <i>Modus operandi</i>	67
3.2 O Betel brasileiro	68
3.2.1 <i>Confissão de fé betelina</i>	72
3.2.2 <i>O ethos betelino</i>	75
Capítulo 4 – A expansão do Betel Brasileiro.....	77
4.1 Visão/missão/objetivos	77
4.2 Coordenadoria de ensino teológico e missiológico.....	82
4.3 Departamento de Missões Mundiais do Betel Brasileiro.....	94
4.4 Superintendência Missionária Eclesial.....	97
4.5 Departamento de educação e ação social	101
Considerações finais.....	109
Referências bibliográficas.....	113
Anexos.....	128

INTRODUÇÃO

O senso comum ensina que a formação sócio-religiosa brasileira é sincrética; e, na observação sociológica e antropológica, a mentalidade e a cultura nacional derivam do intercâmbio das crenças e tradições dos povos que aqui se encontraram. Tal assertiva encontra eco na obra de Vianna (1987, p. 108), *Populações meridionais do Brasil*, que, segundo Ricupero (2007, p. 63), “sugere, antes mesmo de Gilberto Freyre, que na mestiçagem, produto do latifúndio, capaz de reunir, num mesmo espaço, elementos das três raças presentes no Brasil, se encontraria a própria gênese da nacionalidade”. A Genética também confirma a conclusão dessas ciências, ao declarar que o brasileiro não possui estirpe única. Prova disso é estudo do Pena (2002), *Homo Brasilis*, que mapeou o DNA de 247 pessoas das regiões Norte, Nordeste, Sul e Sudeste e constatou que 90% do brasileiro branco possuem linhagem paterna europeia; mas, do lado materno, 60% dos pesquisados são de ascendência ameríndia ou africana.

Visto que a estrutura do brasileiro é demasiadamente complexa e riquíssima do ponto de vista antropológico, o estudo do campo religioso do país exige uma abordagem multidisciplinar. Daí, segundo Brandão (1980, p. 296), “não se deve chegar depressa e aos saltos à conclusões finais a respeito das funções religiosas”, nem pensar que “qualquer tipo de religião cumpre sempre e

só, em qualquer conjuntura, a mesma tarefa predeterminada de atribuição de legitimidade a uma ordem social de dominância”, isto porque, conclui o teórico, “os fenômenos religiosos existem em constante mudança”. É, portanto, a partir desse pressuposto, que se inicia a investigação sobre a transição do Betel tradicional e estrangeiro para o Betel pentecostal e brasileiro.

Posto isso, o estudo divide-se em quatro capítulos: o primeiro estabelece as bases teórico-metodológicas, uma exigência de todo trabalho científico. O capítulo expõe a questão da delimitação, dos objetivos, da problematização e relevância da pesquisa. Fez-se uso do estudo de caso qualitativo como método de investigação, haja vista que, de acordo com Yin (2001, p. 32), os modelos contemporâneos das Humanidades consideram que os construtos sociais não têm fronteiras fixas. Nesse caso, os paradigmas matemáticos provenientes das ciências naturais são inadequados para o trato dos fenômenos humanos, dotados de sentido ou significado subjetivo (WEBER, 2000; JAESCHKE, 2006).

E para atender ao caráter da multidisciplinaridade das Ciências da Religião, campo em que o estudo está sendo abordado, utilizou-se de vários referenciais: Weber, pela atenção que deu aos tipos da ação humana e Bourdieu, por suas teorias do papel das instituições, como instrumento de integração social, produtoras de bens culturais e religiosos e detentora de “capital simbólico” e pelo conceito de *habitus*. Por fim, realizou-se uma revisão da literatura e descobriu-se que o estudo é inédito, porque em nenhuma das obras consultadas o Betel Brasileiro foi academicamente trabalhado.

O segundo capítulo esboça sucintamente o campo religioso protestante do Brasil, descrevendo as motivações que impulsionaram os missionários estrangeiros a se fixar no país e porque as igrejas tradicionais não cresceram na camada mais pobre e discriminada do século XIX. Por outro lado, o capítulo

mostra que a mensagem pentecostal dividiu muitas instituições históricas e que algumas aderiram ao pentecostalismo a partir dos anos cinquenta ao meado de 1960, período do surgimento do Betel Brasileiro. Finalmente, o capítulo demonstra a ambiguidade no meio protestante quando o assunto é ordenação feminina.

O terceiro capítulo fala a respeito dos fundamentos betelinos e os fatores que desencadearam o processo de mudança entre o antigo Betel canadense de princípios tradicionais, para o re-fundado Betel brasileiro que abraçou crenças pentecostais e rejeitou a teoria cessacionista dos dons espirituais. O capítulo aborda também pontos convergentes entre o antigo e o novo Betel, tais como, o zelo pelo estudo das Escrituras protestantes e a dedicação ao trabalho assistencial.

O último capítulo, o quarto, apresenta a expansão do Betel Brasileiro nos quarenta primeiros anos da organização abasileirada. Nessa expansão, observa-se que a tarefa missionária é o principal objetivo da instituição, por essa razão, criaram-se quatro departamentos que trabalham harmoniosamente uns com os outros e que se utilizam de instrumentos da administração moderna para que os objetivos estabelecidos sejam cumpridos.

Capítulo 1

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Toda investigação científica requer o estabelecimento de uma base metodológica. Sendo assim, o teor deste capítulo é de suma importância porque, de modo claro, expõe os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa, a saber: a delimitação, os objetivos, a problematização, as hipóteses, a relevância, a metodologia, os referenciais teóricos e a revisão de literatura sobre os quais o presente estudo repousa. Com isso, se espera entender a intenção do pesquisador no que concerne à tarefa investigativa.

O fenômeno refere-se ao Instituto Bíblico Betel Brasileiro (IBBB), também conhecido como Betel Brasileiro que é uma organização evangélica híbrida¹ porque esposa valores tanto do protestantismo tradicional quanto do pentecostal. A sua existência desdobra-se em dois períodos ininterruptos: o primeiro, sob administração estrangeira, compreende os anos de 1935 a 1968. O segundo tem vigência a partir de 1968 e representa o marco do abasileiramento da instituição, da ascensão da liderança nacional e da expansão organizacional.

¹ A expressão “hibridismo” (cruzamento de espécies diferentes) tem origem nas Ciências biológicas, mas tem sido utilizada, desde as últimas décadas do século XX no campo das Ciências da cultura (tendo como sentido a mistura de tradições diferentes). Os teóricos argumentam que o hibridismo e sincretismo “são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriada à modernidade tardia do que às velhas e contestadas identidades do passado” (HALL, 2007, p. 91). Desse encontro de culturas, há possibilidade tanto de consenso quanto de conflito por questões fronteiriças; isto é, o “novo” pode ser criticado pelo fundamentalismo de ambos os lados. No hibridismo, asseverou Bhabha (1998, p. 21), existe uma “negociação complexa” e um diálogo permanente.

Não obstante a longevidade do Betel, o estudo restringir-se-á aos quarenta primeiros anos da gestão brasileira, isto é, de 1968 a 2008.

O passo seguinte, após a delimitação, é estabelecer os objetivos do estudo. Tem-se como propósito central conhecer o “como” e o “porquê” do abraqueiramento do educandário evangélico feminino, em que circunstância se deu a transição da liderança estrangeira para a brasileira. Isso implica dizer que a investigação será aprofundada de tal sorte, que a configuração do ethos institucional betelino aflorará necessariamente. Também, se evidenciarem as continuidades, descontinuidades e reorientações organizacionais do Betel nacionalizado no contexto do campo religioso protestante brasileiro.

Levanta-se, então, a questão ou o problema: o quê de novo o IBBB trouxe para o cenário religioso nacional que o tornou um objeto do estudo científico? Vários fatores podem ser destacados ao advento do Betel Brasileiro: as manifestações sócio-culturais e políticas da década de 60 que remodelaram o país e o mundo afiguraram-se importantes.² Igualmente se deve mencionar o movimento de renovação carismática dos anos cinquenta e sessenta que influenciou setores do catolicismo romano e do protestantismo tradicional.

Diante disso se pergunta: qual é a relevância do estudo? A priori, se sabe que na elaboração de todo constructo humano existe motivo, seja aparente e/ou subjacente, e para conhecê-lo, geralmente, se requer a manifestação do idealizador. Observa-se que esse paradigma do senso comum

² A década de 1960 marcou a história da humanidade com diversos fatos sócio-político-religiosos. Relembrando alguns, têm-se vários movimentos: dos direitos civis dos negros norte-americanos, liderados por Martin Luther King, dos direitos feministas, dos defensores do homossexualismo, o sucesso dos Beatles, o festival de Woodstock que reuniu em uma fazenda de Nova York mais de 400 mil jovens, tornou-se um marco da contracultura, no Brasil surge a jovem guarda com Erasmo, Roberto Carlos e Vanderleia. A Guerra Fria entra na fase da espionagem sofisticada; o marxismo avança em países do Terceiro mundo o golpe militar de 1964 no Brasil impede as ideias socialistas no país. O homem caminha na lua, e a Globalização começa a sufocar os países sem plataforma industrial. No campo religioso, acontece o Concílio Vaticano II com objetivo de "promover o incremento da fé católica e uma saudável renovação dos costumes do povo cristão, e adaptar a disciplina eclesial às condições do nosso tempo" (HTTP: WIKIPEDIA.ORG) que nas palavras do papa João XXIII, é o chamado o *aggiornamento* (atualização e abertura).

também tem sua validade na reflexão científica. Por essa razão, se expõe a importância da pesquisa em sua dimensão acadêmica, social e pessoal.

No aspecto acadêmico, verifica-se que o declínio da hegemonia católica teve como consequência direta a ascensão de outros cultos, um fato incontestável, segundo os dados do Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³. Referindo-se aos evangélicos, na década de 40, eles perfaziam apenas 2,6% da população brasileira. Avançaram respectivamente para 3,4% em 1950, 4% em 1960, 5,2% em 1970, 6,6% em 1980, 9% em 1991 e 15,4% em 2000 e estima-se que o Censo de 2010 apontará uma continuidade ascendente dos mesmos. Assim se explica o incremento da pesquisa acadêmica no campo religioso protestante do Brasil, em especial do ramo pentecostal.

Em contrapartida, inexistem quaisquer estudos que abordem de forma direta o Betel Brasileiro. Assim, o presente se configura como um trabalho inédito; e, classificá-lo como original significa lançar luz científica a assunto pouco estudado. É o caso do IBBB liderado por mulher desde a fundação⁴, cujo reduto nascedouro e o campo de atuação religiosa predominam o comando masculino, símbolo de uma herança sócio-histórica⁵. A partir dessa

³ O catolicismo romano tornou-se o principal aprisco pelo qual os diversos credos aliciam seus adeptos. Não obstante o antagonismo existente entre a religião protestante e a afro-brasileira e espírita, todas têm no catolicismo nominal a fonte de maior crescimento. Por exemplo, dados de 80/91 apontam um crescimento percentual católico de apenas 0,03%, comparado ao protestante 1,58%, kardecista 0,70%, afro-brasileira 0,12%, outras 0,61%, no entanto os sem religião superaram a todos, 2,77%.

⁴ Ainda que esteja fora do período de abordagem do objeto, vale lembrar que apenas recentemente se elegeu o primeiro homem à presidência do IBBB, trata-se do pastor Edmundo Jordão de Vasconcelos, foi aluno betelino, formado da turma de 1986. Eleito em dezembro de 2010, Vasconcelos comandará a instituição até dezembro de 2014 juntamente como a vice, a ex-presidente. Informação colhida no site oficial do Instituto Bíblico Betel Brasileiro. Disponível em: http://www.betelbrasileiro.com/viewpage.php?page_id=2. Acesso em: 11/03/11.

⁵ A caracterização da família patriarcal restringia-se ao Nordeste açucareiro colonial, tese de Gilberto Freyre (1963) eternizada em *Casa-Grande e Senzala*. No entanto, segundo Ricupero (2007, p. 88), o patriarcalismo não seria fenômeno geográfico, mas social, criado pelo latifúndio monocultor e a escravidão; por isso que esse tipo de família também se verifica na São Paulo do café. A força desse sistema ultrapassava fronteiras culturais, prevaleceu nas Antilhas e no

constatação, a questão de gênero no protestantismo está posta e será tratada no bojo do estudo. Enfim, é uma proposta inovadora, porque contribui para o alargamento da compreensão dos fenômenos religiosos brasileiros no campo das Ciências da Religião.

Além da importância científica, o estudo é socialmente relevante na medida em que produzirá informações para ampliar a formação cultural e educacional do brasileiro. Isto porque, na divulgação dos dados da pesquisa, constatar-se-á que a atividade educacional, eclesial e missionária betelina, seja no Brasil ou no exterior é também orientada para o mais pobre e ao necessitado de toda sorte de infortúnio. Então, facilmente se presume que na difusão de valores religiosos, a práxis betelina inclui o resgate do respeito, da dignidade e da melhoria da vida humana.

Ao que parece, o interesse pessoal está associado ao acadêmico e ao social. É nesse momento que o objetivo e o subjetivo se misturam: a alegria da realização aflora e a “paixão” do investigador é exposta. Nesse particular, o pesquisador sente-se duplamente satisfeito: a primeira satisfação é objetiva, mensurável, pois se realiza um estudo científico inédito; o segundo motivo é subjetivo, de cunho afetivo e emocional; isto é, há vinte anos, o investigador integra o corpo docente de um dos seminários teológicos administrado pelo Betel Brasileiro. Então, é oportuno ressaltar que parte da academia suspeita da escolha e da neutralidade do pesquisador que esteja muito próximo do objeto de estudo. Nesse sentido, Aron (1990, p. 474) torna a questão relativa e observa que “a elaboração científica começa por uma escolha que só tem

sul dos EUA. Portanto, não é de se estranhar a mentalidade patriarcal e escravagista das famílias norte-americanas sulistas que imigraram para o Brasil após a derrota dos Confederados. Os missionários que aqui chegaram guardaram, por muito tempo, a lembrança de sua causa nacional. G-Léonard (1981, p. 76) lembra que “um destes missionários sulistas se havia conservado tão firme em suas convicções que, quando em 1886, o pastor brasileiro Eduardo Carlos Pereira publicou uma brochura em favor da abolição da escravatura, ele escreveu um verdadeiro tratado anti-abolicionista, ou se quisermos, escravagista.”

justificação subjetiva”. Ainda falando da escolha, Reboul (1980, p. 41) assim se pronunciou:

“todo ensino, embora científico, repousa em certas escolhas que não podem ser científicas. O grande erro, diria até, a grande hipocrisia, tanto do positivismo lógico como de toda espécie de cientismo, é dissimular a necessidade de escolher” (sic).

De fato, na visão epistemológica, o distanciamento em relação do objeto é recomendável, mas na impossibilidade de cumprir tal orientação vale a advertência de Mendonça (2007, p. 154) ao *insider*, o pesquisador que labuta no interior da estrutura de seu objeto, esse deve empreender um esforço concentrado, cercado-se de redobrada atenção e “cuidado na direção da maior neutralidade possível” em relação ao fenômeno investigado. Conclui-se que não se deve investigar meramente por capricho pessoal, individualista, mas que se contemple na pesquisa ações voltadas para o avanço científico e para o progresso, sobretudo, da sociedade e comunidade local na qual o pesquisador vive e atua.

Até aqui, tratou-se da relevância do estudo em suas diversas facetas. Agora, é a questão do método. Antes de tudo, pergunta-se pelo método e pela teoria em que se instrumenta a pesquisa.

“os métodos foram caminhos que cientistas famosos percorreram em suas pesquisas, mas ninguém é obrigado a segui-los. Entretanto, é inegável que o objeto faz pressão sobre o método e certos caminhos consagram-se, pela natureza do objeto como os mais adequados. Então, se não devemos nos submeter à servidão a este ou aquele método, não devemos, por isso necessariamente descartá-lo” (MENDONÇA, 2007, p. 153).

Percebe-se nas palavras de Mendonça indício de argumentação a favor da uma multiplicidade metodológica que venha de encontro com a interdisciplinaridade das Ciências da Religião que, apesar do *status* de disciplina autônoma, não possui um estatuto epistemológico próprio. As Ciências da Religião é

intradisciplinar e surge no ponto de interseção⁶ de diversas matérias, e se apropria dos conhecimentos e métodos de suas subdisciplinas e disciplinas auxiliares mais importantes, como: Filosofia, História, Sociologia, e Psicologia da religião; e, também, de saberes etnológicos e antropológicos.

Tal multiplicidade de referências não é um amorfo conjunto de métodos e abordagens, mas uma ciência metodologicamente integrativa. A disciplina constitui-se no “perfil adequado de um empreendimento intelectual que se devota a entender, de modo o mais abrangente e profundo possível o complexo mundo religioso em suas manifestações sócio-históricas e expressões contemporâneas” (USARSKI, 2006, p. 74). Estabelece-se, pois, que não se pode falar em “um” método apenas, mas há parâmetros flexíveis norteadores da pesquisa em Ciências da Religião, e o estudo de caso qualitativo é um deles.

Diante do exposto, afirma-se que esse foi o caminho escolhido à compreensão do objeto. Haja vista que o conceito geral informa que o estudo de caso qualitativo refere-se a uma descrição de um fenômeno delimitado, quer seja uma instituição, uma pessoa, um grupo de pessoas ou uma unidade social; nesse ponto concorda Yin (2001, p. 32) ao definir estudo de caso:

“estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (...)”.

Assim como outros autores, tais como, Goode e Hatt (1968, p. 421), vêem o estudo de caso como “um método de olhar a realidade social” que se vale do conjunto de técnicas de pesquisas correntes nas investigações sociais,

⁶ A situação das Ciências da Religião é análoga a da Pedagogia. Embora se constitua como ciência autônoma, a Pedagogia também não possui uma metodologia particular. O fenômeno educacional é o alvo do estudo pedagógico o qual recebe *insight* oriundo da Psicologia da educação, da Sociologia da educação, da Filosofia da educação, da História da educação e outras disciplinas afins. Assim, o fenômeno religioso constitui-se no objeto privilegiado das Ciências da Religião.

como entrevista, observação participante, material impresso e manuscrito, coleta de história de vida. Portanto, os documentos oficiais utilizados foram o Estatuto do Betel Brasileiro de 2009, as revistas comemorativas dos 25, 30 e 40 anos de fundação da instituição. As entrevistas com Lídia Almeida mencionadas na pesquisa, apareceram primeiramente na obra de Afonso Celso (2003), *A educação de jovens e adultos: história e memória da década de 60*.⁷ A outra fonte aqui utilizada foi uma longa conversa da jornalista Cláudia Mércia Eller Miranda com Lídia, em janeiro de 1998, quatro anos antes de sua morte; a entrevista foi publicada primeiramente na edição 108 da Revista Raio de Luz de 1998, e reproduzida no livro organizado por Miranda (2010), *Lídia de Almeida de Menezes: Fé e coragem*.

Ademais, em março de 2011, aplicou-se um questionário em cinco moças formadas no Betel Brasileiro em época diferente (1972, 1979, 1990, 1991 e 2003), por escolha pessoal das entrevistadas, seus nomes serão mantidos em sigilo. Formulou-se nove questões abertas abordando a procedência religiosa, motivo da escolha pela escola Betel, relacionamento docente/discente, experiência marcante e atividade atual das pesquisadas. Também, se colheu a história de vida de uma ex-betelina graduada no ano 1999. Seu nome é Suzi Alves⁸, hoje, trabalha no Timor-Leste como professora

⁷ Afonso Celso Scocuglia é docente e pesquisador do Departamento de Fundamentação da Educação e do Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O livro de Scocuglia (2003), *A educação de jovens e adultos: histórias e memórias da década de 60 decorrem* de sua tese de doutoramento em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O depoimento oral de Lídia Almeida de Menezes foi colhido em 15/5/1996 em função de seu envolvimento com a Secretaria de Educação da Paraíba nos anos 60. Nessa ocasião Lídia Almeida estava como professora e posteriormente assumiu a diretoria de educação de base, cargo que ocupou por cinco anos (1966-1970) na implantação Cruzada de Ação Básica (Cruzada ABC) – representava um movimento de educação de jovens e adultos, sustentado pelo Usaid, O Colégio Presbiteriano Agnes Erskine de Recife e a Sudene. A Cruzada ABC encerrou na década de 1970, com um saldo, na gestão da professora Lídia, de cem mil paraibanos alfabetizados. Mencionada por Scocuglia (2003, p. 159), disse: “A ABC foi o embrião do Mobral.”

⁸ História de vida e o modelo do questionário aplicado nas ex-betelinas estão nos anexos I e II.

de educação infantil e no seminário do Betel Brasileiro com parceria com a Missão AME.

Então, o que se pretende no estudo de caso qualitativo? Simplesmente “compreender uma situação em profundidade, enfatizando seu significado para os vários envolvidos” (MERRIAM, 1988 citado por GODY, 2007, p. 119). Em outros termos, a investigação qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações e opiniões; ela é adequada à explicação da “complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos” (PAULILO, 1999, p. 135). Nisso, pois, está a utilidade do estudo de caso como metodologia, visto que o interesse principal está no *insight*, na descoberta, na interpretação do fenômeno, mais do que na verificação de hipóteses ou estabelecimento de paradigmas ou teoria universal; haja vista que os fenômenos humanos e sociais são, por natureza, idiossincráticos e de apreensão parcial.

Indubitavelmente, por detrás de todo método se esconde pressuposto teórico, e para se descobrir e explicitá-lo é imperativo perguntar: em que campo do saber o estudo deve ser abordado? Das Ciências Naturais ou das Ciências Humanas? É certo que os paradigmas positivistas utilizam-se das ciências nomotéticas ou ciências duras como Química, Física, Biologia, Astronomia, etc para derivar modelos padronizados, universais. Há, por outro lado, a perspectiva ideográfica que se vale de axiomas das Ciências da Cultura, Ciências do Espírito ou ainda Ciências Compreensivas.⁹ É na concepção ideográfica que se trabalha os significados particulares, e a compreensão do mundo social configura-se a partir das histórias ou experiências de vida informadas pelos próprios sujeitos,

⁹ O exposto denota um debate teórico-metodológico, o qual foi aberto há mais de um século. Discute-se a relação entre o campo das Ciências Naturais e das Ciências do Espírito, e não se fala apenas, mas se litiga, assevera Jaeschke (2006, p. 122). Contudo, a discussão não será retomada porque aqui não é o fórum adequado; e, em segundo lugar o debate foge ao escopo da investigação em curso. Essa nota é útil porque identifica e esclarece a área científica e a linha teórica da pesquisa.

afirmam Andrade e Tanaka (2001, p. 58). Claro está, então, que não se procura explicar a essência dos acontecimentos, mas entender mundos particulares, especialmente os construídos pelas experiências religiosas (JAMES, 2003).

Convém ressaltar que os fenômenos sociais têm fronteiras movediças, isto é, pouco precisas. Por isso, o objeto de estudo terá uma abordagem compreensiva, pois essa ciência possui características teórico-metodológicas flexíveis, em detrimento do rigor positivista evolucionista, que trata os objetos sociais com precisão matemática, dentre os teóricos dessa escola destacam-se Augusto Comte (1798-1857) e Émile Durkheim (1858-1917).

Assim, dizendo respeito a Ontologia, a Ciência compreensiva seria introspectiva, utilizando a intuição dos fatos, e teria por objetivo atingir não generalidades de caráter matemático, preciso, mas descrições qualitativas de tipos e formas fundamentais da vida humana. E a aplicabilidade e utilidade dessa ciência podem ser apercebidas através das concepções de Max Weber (1864-1920). Pois, no sentido de entendimento, a palavra compreensão é a tradução do alemão *Verstehen*; e, quanto à diferenciação entre Ciências Humanas e Ciências Naturais, Aron (1990, p. 468) anotou o pensamento de Weber:

“no domínio dos fenômenos naturais, só podemos apreender as regularidades observadas por meio de proposições de forma e natureza matemática. Em outras palavras, é preciso explicar os fenômenos por meio de proposições confirmadas pela experiência, para ter o sentimento de compreendê-las. A compreensão é por conseguinte mediata, passa por intermediários – conceitos ou relações”.

Embora as Ciências da histórica e da sociedade e as Ciências da natureza tenham a mesma racionalidade, os fenômenos naturais são apenas compreendidos através da lógica matemática. No caso da conduta, da motivação ou da intencionalidade humana, continua o pensamento de Weber:

“a compreensão é, num certo sentido, imediata: o professor compreende o comportamento dos que acompanham suas aulas, o viajante compreende por que o motorista de taxi para diante do sinal vermelho. Não é necessário constatar quantos motoristas se detêm diante do sinal vermelho para entender por que razão eles agem assim. A conduta humana tem uma inteligibilidade intrínseca, que vem do fato de que os homens são dotados de consciência”.

Como se pode observar, Weber (2000) ocupou-se da ação social para apreender o sentido (ou significado) da construção individual ou coletiva e destacou quatro tipos de ação humana: 1) a ação racional com relação a um objetivo; 2) a ação racional com relação a um valor; 3) a ação racional afetiva; e, 4) a ação tradicional; dentre as quais as duas últimas são de particular interesse para o estudo. No contexto betelino, a ação racional com relação a um valor não tende a alcançar um objetivo definido e exterior; ao invés, busca-se o subjetivo; a fidelidade religiosa. Nisso se explica a atitude de algumas moças formadas no Betel Brasileiro que crêem que o celibato representava um valor maior à causa religiosa, por essa razão abdicaram do casamento; fato constatado em pesquisa empírica. Pois das seis pesquisadas através dos procedimentos de história de vida e questionário, somente duas são casadas. Portanto, na ação tradicional, o sujeito não precisa conceber um objeto ou um valor, nem ser impelido por uma emoção; obedece simplesmente a estímulos enraizados por longa prática; isto é, responde-se a reflexos ditados pelos hábitos, costumes e crenças adquiridos ao longo do processo sócio-histórico de cada indivíduo.

E, não obstante aos conflitos inerentes às organizações sociais, conjecturar-se que na confluência das ações weberianas o Betel Brasileiro caracteriza-se como “tipo-ideal” de organização religiosa. Explicando que tipo ideal é uma maneira de formalização do pensamento. Deste modo, quando elaborado, implica na construção de quadros utópicos, conceituais que, por meio dos quais,

se manifesta no pensar homogêneo ou ainda se organiza, no entender de Weber (1986, p. 104), num “cosmos não contraditório de relações pensadas.”

Ainda que relevantes, as teóricas weberianas são insuficientes para se compreender os muitos ângulos do objeto em destaque. Então, se recorreu a Pierre Bourdieu (1930-2002) por sua afinidade estrutural com Weber. Bourdieu foi um eclético, sendo filósofo transformou-se em antropólogo, sociólogo e possuía conhecimento de história. Em seus escritos inclui o conceito de “campo”, a teoria de “habitus”, a ideia de “reprodução cultural” e a noção de “distinção”. E, para analisar a cultura e suas instituições, utilizou-se de termos das ciências econômicas: “bens”, “produção”, “estratégia”, “mercado”, “capital” e “investimento”. As expressões “capital cultural” e “capital simbólico” e suas ideias entraram na linguagem cotidiana e na agenda de sociólogos, antropólogos, historiadores e cientistas da religião (BURKE, 2008, pp. 76-78).

Pois bem, utilizando referenciais bourdieuanos, inferir-se que o Betel Brasileiro detém um “capital religioso” significativo que lhe assegura uma posição de autoridade e credibilidade diante da comunidade evangélica.¹⁰ Diz-se, então, que daí emana o poder betelino para alterar, modificar crenças e práticas dos educandos e daqueles que giram em seu entorno; impondo-lhes, deste modo, um *habitus* institucional; conceito bem definido por Bourdieu (2005, p. 57):

“em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do *capital religioso* na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um *habitus* religioso,

¹⁰ O IBBB mantém parceria com agências missionárias nacionais e estrangeiras, e o corpo docente e discente de seus seminários teológicos é oriundo dos diversos segmentos do protestantismo do Brasil e de outros países; assunto desenvolvido no capítulo 4.

princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social”.

Realizadas as considerações pertinentes ao método e aos referenciais teóricos, é momento de debruçar-se sobre a literatura que especificamente aborda o tema da pesquisa. No entanto, pode-se dizer que o IBBB ainda não despertou a comunidade científica, porque os poucos livros e artigos que trabalham o fenômeno não têm formatação acadêmica. Tais informações são valiosas fontes primárias e secundárias, não obstante serem oficiais ou produção de pessoas vinculadas à estrutura organizacional. A título de ilustração, Claudia Mércia Miranda é a jornalista responsável pela publicação oficial da instituição, estudou no Betel Brasileiro na década de 80, foi aluna e secretária de Dona Lídia, como a fundadora era costumeiramente chamada. A jornalista organizou o livro da fundadora, *Fé e Coragem: inspiração para refletir na vida cristã e no compromisso missionário* (2010).

Miranda dividiu o livro de 192 páginas em seis sessões distintas contendo: mensagens bíblicas, conselhos de encorajamento aos formandos betelinos, testemunho de conversão da fundadora, os desafios do primórdio do Betel Brasileiro, esboço de sermão e finaliza com a reprodução de uma longa entrevista com Lídia datada de janeiro de 1998, gravada especialmente para a edição 108 da Revista Raio de Luz. De igual abordagem se encontra a obra de PAZ (2002), *Uma mulher que andou com Deus – vida e obra da missionária Lídia Almeida de Menezes*. E a obra de Sônia Duarte dos Santos (2003), *Betel: casa do Oleiro, uma experiência de uma seminarista*, é professora da instituição e ex-aluna, da turma de 1984, relata a sua experiência de vida durante os anos que cursou o Betel Brasileiro, em João Pessoa. Além de

informações pessoais, o escrito de Santos contém dados do *modus operandi* da organização que foi muito útil ao presente estudo.

Também, é possível lançar alguma luz de esclarecimento sobre o Betel Brasileiro a partir da análise da implantação do protestantismo no Brasil. Existe basicamente duas linhas de pesquisa do campo religioso protestante brasileiro: a primeira aborda o protestantismo histórico, no que tange às dificuldades de inserção e aceitação cultural da doutrina reformada. A outra linha estuda o protestantismo pentecostal, procura-se conhecer a gênese, a práxis e a fragmentação do movimento.

Assim, dentre as obras clássicas do protestantismo histórico se encontra a de Émile-G. Leonard (1963), *O protestantismo brasileiro – Estudo de eclesiologia e história social*, escrita nos anos 50. Ele pretendia desvendar no presente e no passado próximo da história protestante brasileira elementos para compreender e explicar melhor o passado europeu francês, no que se refere ao conflito e perseguição religiosa. Para Leonard, a implantação do protestantismo no Brasil deu-se sob um clima de confronto entre a religião estabelecida, a católica, e a divulgada pelos missionários estrangeiros: a protestante.

O historiador descobriu que na visão das autoridades eclesiásticas católicas do período imperial, os missionários protestantes, apelidados de “propagandistas, era responsáveis pela evasão de padres para as igrejas protestantes: José Manuel da Conceição (1822-1873) tornou-se presbiteriano e Antonio Teixeira da Albuquerque (1840-1887) batista, “alguns deles foram indivíduos de grande projeção e muito conhecidos em seu tempo”, conta Leonard (1963, p. 106). A reação do romanismo foi desde rotular os protestantes de “bodes”, como advertir o rebanho católico das doutrinas

protestantes, e até permitir ataques em casas aonde se realizava cultos protestantes, afirmou Leonard (1963, p. 116).

Por sua vez, Boanerges Ribeiro (1973), compreendeu a fixação do protestantismo no Brasil de outra maneira. Seu livro *O protestantismo no Brasil monárquico*, opina que a aceitação do protestantismo no Brasil passou pelo crivo do sincretismo cultural que rejeitou as normas do Concílio de Trento (1545-1563) e a disputa de poder entre Lisboa e Vaticano. Comenta Ribeiro (1973, p. 52):

“no bojo do conflito introduziu-se o Protestantismo no Brasil, onde nosso regalismo, contrariado e combatido, passou a apresentar-se com sintomas anticlericalistas, também visíveis na religião popular, rebelde ao enquadramento doutrinário e disciplinar”.

O modelo tridentino não chegou a ser assimilado à cultura popular porque, paralelamente ao catolicismo oficial, os colonos lusitanos trouxeram um catolicismo ibérico misturado com práticas judaicas e maometanas, mas impregnado do sentimento religioso que Azzi (1978, p. 52) chama de “catolicismo de devoção”. Esse catolicismo simples destituído das concepções escolásticas medievais coadunou-se com as tradições indígenas e africanas e medrou o “catolicismo popular” (HOORNAERT, 1974, p. 98). Pesavam ainda a favor dos protestantes ventos modernizantes e manifestações anticlericais, Wernet (1987, p.91) conta que os capuchinos foram ameaçados de expulsão e que Feijó – regente da Província de Piratininga, hoje São Paulo – desejava contratar moravianos¹¹ para catequizar os índios brasileiros.

¹¹ Os morávios são originários da Morávia ou Boêmia, região, hoje, pertencente a República Tcheca, antigos discípulos de John Huss (1369-1415). Os hussitas estabeleceram, mas de 400 igrejas no Leste europeu as quais foram destruídas e seus membros espalhados durante a Guerra dos 30 anos, Jan Amos Komenský (1592-1670) – em latim, Comenius; em português, Comênio – considerado “pai da pedagogia moderna”, foi um de seus bispos. Segundo Silva (2009, pp. 147-152), os moravianos reagruparam-se em 1722 nas terras do jovem conde Nicolau von Zinzendorf que se tornou o líder dos moravianos. Conhecidos pelo viver simples e pelo zelo missionário alcançaram cinco continentes, em menos de 100 anos.

Já na interpretação de Mendonça (2008, p. 210), expressa na obra de doutoramento, *Celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, “a única via que o protestantismo encontrou para se inserir no país foi através da camada livre e pobre da população rural”, diga-se, negligenciada pelo catolicismo romano. Ele também disse que “a introdução da educação protestante na sociedade brasileira deu-se concomitantemente à pregação dos primeiros missionários” (MENDONÇA, 2008, p. 144), e constituiu-se numa eficaz estratégia missionária; eis aqui o motivo do surgimento dos muitos colégios, faculdades e universidades protestantes no Brasil.

Por outro lado, tem-se o pentecostalismo, o segmento religioso protestante que mais cresce no país, que possui uma abundância de literatura de autores diversos: Rolim (1985), Silva (1992), Bitun (1996, 2007), Mariano (1999), Romero (2005), Yamamori e Miller (2007), apesar disso, nenhum dos mencionados analisa especificamente o objeto que aqui se propõe estudar.

Enfim, metodologicamente, o estudo ora empreendido mostra-se claramente pós-estruturalista porque incorpora uma postura pós-fundacionista. Isto significa dizer que o fenômeno ora estudado tem validade somente dentro de um contexto estrito. Pois no estudo de fenômeno religioso não existe a possibilidade de estabelecer um centro, de um princípio estruturador, “de um fundamento „estático“, estável que garanta a identificação e a universalização dos processos estruturais” (RODRIGUES, s.d., p. 8). Ademais, concluiu Rodrigues (p. 8), “o pós-estruturalismo também se afastou das pretensões científicas racionalistas do positivismo clássico que elegera as Ciências naturais para a formulação de teorias que explicassem os fenômenos sociais”.

Capítulo 2

ESBOÇO DO CAMPO PROTESTANTE BRASILEIRO

O capítulo anterior lançou as bases teórico-metodológicas do estudo de forma que os demais capítulos seguiram de maneira estrita as orientações ali manifestadas. Atento ao exposto no anterior, a tarefa do presente capítulo é esboçar o campo do protestantismo brasileiro. Não será exaustivo, porque diversas obras versam sobre a diversidade evangélica no Brasil, assunto discutido na Revisão de literatura. Deste modo, o capítulo servirá de preâmbulo ao estudo do IBBB que medrou em decorrência, principalmente, do contexto religioso. Contudo, para compreender o Betel Brasileiro se requer uma reflexão sobre o conjunto de fatores dinâmicos que se interagiram no contexto sócio-histórico do Brasil. Certo é, então, que, o interesse de resgatar o passado possível está, como diz Le Goff (1990, 13), “tão-somente em esclarecer o presente”.

Assim, quando os viajantes europeus, e os missionários protestantes passavam ou chegaram ao Brasil no começo de século XIX, exaltavam a beleza natural da terra, mas se admiravam da religiosidade do povo, representada pela quantidade de imagens e cruzeiros que se espalhavam pela região. Certa vez, Henry Martyn, que aportou em Salvador a caminho da Índia, exclamou: “When shall this beautiful country be delivered from idolatry and

spurious Christianity! Crosses there are in abundance; but when shall the doctrine of the cross be held up!” (SARGENT, 1862, p. 114).¹²

2.1 Matrizes da religiosidade colonial

A devoção religiosa no Brasil colonial, observada pelos estrangeiros tem raiz no imaginário mítico dos portugueses que cruzaram os mares em busca de novas terras para torná-las católicas; assim, Le Goff (1990, p. 432) diz que certos mitos alicerçam-se a partir da memória coletiva. Por isso que, na mentalidade dos lusitanos da Idade Média, Cristo inaugurou o reino português para a salvação dos gentios. E, segundo Bessellar (1986, p. 16), as trovas do Bandarra¹³ encontraram em Antônio Vieira (1608-1697) seu mais ilustre interprete que “vislumbrava um Portugal encabeçando o reino divino na terra, que resulta num império ao mesmo tempo espiritual e temporal” (BOBERG, 2003, p.37).

Tal conduta justifica a exteriorização religiosa de Pêro Vaz de Caminha e outros cronistas de então que batizavam as novas descobertas com nomes dos santos católicos ou dos símbolos sagradas – Ilha de Vera Cruz, Terra da Santa Cruz – assim que do alto do mastro gritava o marujo: terra à vista! Não é, pois, de se admirar a atitude de Pedro Álvares Cabral que ao invés da bandeira portuguesa, fixou no solo brasileiro o estandarte da Ordem de Cristo, numa clara

¹² “Quando será que este lindo país se livrará da idolatria e do cristianismo espúrio! Cruzes existem em abundância, mas quando a doutrina da cruz será proclamada!” (SARGENT, 1862, p. 114, tradução nossa). Henry Martyn (1781-1812) foi capelão inglês da Cia das Índias Orientais e missionário na Índia esteve no Brasil em novembro de 1805.

¹³ Quase tudo o que se sabe com certeza da vida de Gonçalo Anes Bandarra consta do seu processo inquisitorial, publicado por Teófilo Braga na sua *História de Camões* (1873), segundo Besselaar (1986, p. 14). Bandarra deve ter nascido por volta de 1500 na vila de Trancoso e morreu após 1556. Julgava-se que o sapateiro era pobre e de origem modesta, porém no Tribunal declarou-se que “fora rico e abastado” e ter optado pela pobreza. Descobriu-se também que não era analfabeto, pois correspondia com pessoas da corte e que durante oito anos manteve, por empréstimo, uma Bíblia em sua casa. E antes de devolvê-la, ele memorizou longos trechos das Escrituras Sagradas, sobretudo, os proféticos do Velho Testamento. Em consequência disso, passou a ser considerado um profeta, principalmente entre os cristão-novos da Beira (p. 15). Veja ainda a obra de Manuel Cândido (2008) *O mito de Portugal nas suas raízes culturais*.

alusão à posse da terra para Cristo. A celebração da missa junto à rude cruz representou o signo augusto da conquista cristã e o marco da construção do caráter brasileiro que, na sua estrutura, há predomínio do afetivo, do irracional e do místico (AZEVEDO, 1971, p. 211) e da diversidade do campo religioso nacional, como bem observou Mello (1986, p. 134): “traços católicos, negros, indígenas e judaicos misturavam-se, pois, na colônia, tecendo uma religião sincrética e especialmente colonial”.

2.2 *Protestantismo permanente*

Notadamente, instalou-se no Brasil uma religião segmentada.¹⁴ Mas a causa do divisionismo da cristandade não reside na Reforma Protestante, porque desde muito tempo o cristianismo apresenta um passado marcado por cismas. Assim, e, de maneira geral, se diz que o movimento religioso do século XVI deu origem aos grupos luteranos, calvinistas, anabatistas e anglicanos dos quais medraram outros grupos que se disseminaram pelo mundo.

Destarte, foi na diáspora protestante que as ideias reformadas alcançaram o Brasil.¹⁵ E a transferência da corte de D. João para a colônia lusitana da América do Sul significou a fixação permanente da fé reformada no Brasil. Entende-se que, na fuga da coroa portuguesa, houve uma causalidade histórica que corresponde ao expansionismo terrestre napoleônico¹⁶, que buscava criar

¹⁴ O motivo da fragmentação do cristianismo, e, conseqüentemente, do protestantismo brasileiro está no divisionismo da cristandade. Por exemplo, em 311, a questão donatista dividiu a Igreja norte-africana, em 325 surgiram as igrejas arianas, em 431 as nestorianas, em 1054 a Igreja Ortodoxa e no século XVI, o protestantismo saiu do catolicismo romano.

¹⁵ Observa-se que as tentativas protestantes francesas e holandesas no Brasil colonial estão bem documentadas através de Pombo (1967), Ribeiro (1973), Schalkwijk (2004), Mello (2010), Ferreira (2010) entre outros pesquisadores; por esse motivo o período não será abordado.

¹⁶ Napoleão Bonaparte (1769-1821) é considerado um dos maiores estrategistas militares dos últimos tempos. Ele desenvolveu uma carreira meteórica no contexto político-francês: aos 24 anos foi promovido a general, aos 30 ganhou o posto de cônsul e aos 35 tornou-se imperador.

uma Europa unida sob a liderança francesa, e o interesse colonialista inglês que visava a ampliação de domínio além-mar (POMBO, 1967). Então, cabia ao rei de Portugal escolher uma das opções: 1) obedecer às ordens napoleônicas e expulsar os ingleses do solo português; 2) insurgir-se contra as forças terrestres francesas ou 3) submeter-se aos ingleses que se assenhorearam dos mares. Ainda que não se saiba bem do real motivo, Portugal aceitou o favor da Inglaterra com a qual possuía laços antigos de amizade e de comprometimento financeiro. Assim, em 1808, a frota da majestade inglesa escoltou a monarquia lusitana para a colônia brasileira (GOMES, 2007).

2.2.1 *Os imigrantes protestantes*

No contexto religioso do século XIX a Inglaterra declarava-se protestante, mas não possuía objetivo proselitista. Não obstante, contribuiu efetivamente à entrada e prática do cristianismo reformado na colônia católica sul-americana; e, o Tratado de Aliança e Amizade e de Comércio e Navegação (1810) atesta o momento histórico, visto que o artigo 9º reza que “a Inquisição ou Tribunal do Santo Ofício não terá lugar nos meridionais domínios americanos da coroa de Portugal”, e ainda nos artigos 12 e 23 facultaram aos ingleses a liberdade de culto. O acordo foi um golpe duro ao ultramontanismo¹⁷, favoreceu

¹⁷ Ultramontano ou *outremontagne* é um termo usado desde o início do século XIX, para indicar o que está para lá das montanhas, além dos Alpes; é uma alusão direta à Roma, ao papado, mas as raízes ultramontanistas datam do século XVI. É uma manifestação contrária ao mundo moderno. As revoluções contemporâneas fortaleceram a posição ultramontana porque, segundo Wernet (1987, p. 179), “a Revolução Francesa, que pretendia descristianizar a França, acabou em anarquia e o império de Napoleão, ao tentar colocar a religião a serviço do Estado, degenerou em tiranias”. Os católicos conservadores propunham a união do Trono/Altar, como solução da crise entre Igreja/Estado, que asseguraria para o trono “não apenas a proteção divina, mas também o apoio sem reserva de um clero que saberia como dirigir as massas” (WERNET, 1987, p. 179). Nisso, as observações de Bourdieu, mencionadas por Miceli (2005, p. x), são verazes ao dizer que nos sistemas simbólicos, as funções sociais que lhes são pertinentes transformam-se em função políticas.

o “regalismo” (RIBEIRO, 1973, p. 52) e, por último, assentou as bases legais pelas quais se deu a entrada permanente da crença reformada no Brasil.

Uma vez que a porta se abriu ao protestantismo, chegaram súditos e cidadãos de outros países não-católicos: norte-americanos, suecos, dinamarquês, escoceses, alemães, suíços, afirmou Ribeiro (1973, p. 18). Os que exerciam função diplomática residiam junto à corte no Rio de Janeiro; outros, incentivados pelo governo imperial, vieram cultivar a terra, trabalhar no comércio e em fábrica de ferro. Esses professavam a fé reformada, sem, no entanto, praticar o proselitismo. Wirth (2009, p. 32) teoriza a respeito do não envolvimento dos imigrantes com o povo da terra ao dizer que “o protestantismo de imigração tem na identidade étnica a sua referência fundamental”. Portanto, misturar-se com a população local composta por índio, negro, caboclo, mulato, cafuzo, representaria, em última instância, macular a religião e tornar a raça impura.

O isolamento cultural, para preservar a crença, os hábitos e costumes tradicionais da terra natal, não era um exclusivismo dos imigrantes protestantes do século XIX; pois, ainda no século passado, há registro de discriminação racial no sul do país praticado por católicos. Trata-se da colônia de Porto Novo, fundada em 1926, às margens do Rio Uruguai. Essa, idealizada por jesuítas, foi projetada para um grupo étnico e confessionalmente homogêneo, porque se entendia que “a fé, os valores culturais essenciais, estão seriamente colocados em perigo em colônias mistas, principalmente para a nova geração” (LERMEN, 2009, p. 15).

Por causa das questões culturais apontadas, os imigrantes protestantes fecharam-se à evangelização dos brasileiros. De certo, se realizava culto protestante, mas, tão-somente, em língua estrangeira. Por conta disso, inexistente documento da presença de igreja protestante no país até a proclamação da

Independência. As palavras de Ribeiro (1973, p. 18) sintetizam o momento colonial: “não há notícia de existir, então, sequer um brasileiro protestante”.

2.2.2 *A empresa missionária protestante*

O Tratado de 1810 entre Portugal e Inglaterra contribuiu para a efetivação do protestantismo no Brasil. Todavia, a divulgação e expansão da doutrina reformada aconteceram a partir da metade do século XIX, com a chegada de religiosos profissionais, sendo que, de acordo com Reily (1984, p 18), “a grande maioria dos missionários protestantes que atuaram no Brasil veio dos Estados Unidos da América” (sic). O que os impeliu a empreender longas e perigosas viagens transatlânticas a lugares inóspitos, com risco de contrair alguma doença tropical, eles estavam cientes de que não havia medicamento eficaz para combatê-la? Uma solução à questão poder ser o conceito weberiano da ação tradicional que se transmite de geração em geração e ajusta-se à visão daqueles que espalhavam suas crenças religiosas em terras alheias.

Presumidamente, o “Pacto do *Mayflower*” seria outra resposta, e a possível raiz do movimento missionário norte-americano. O chamado “Pacto do *Mayflower*” foi um acordo assinado a bordo do navio *Mayflower* que carregava imigrantes puritanos¹⁸ ingleses para o Novo Mundo. O grupo que aportou a Massachusetts, em 1620, firmou um compromisso de assumir a nova colônia para a glória de Deus e para a propagação do cristianismo. A nova sociedade adquiriu contorno laico, democrático, liberdade de empreendedorismo, orientado por uma ética e moralidade rigorosa. O lucro, o fruto do trabalho honesto, simbolizava a benção divina, e que deveria ser investido ou

¹⁸ O puritanismo representou um movimento religioso inglês do século XVI, que tinha por objetivo eliminar da Igreja da Inglaterra os resquícios do catolicismo romano. Cria-se que a salvação depende inteiramente de Deus, a Bíblia como guia indispensável à vida do cristão e a igreja e a sociedade devem refletir o ensino específico das Escrituras Sagradas protestantes.

reinvestido em causas piedosas. Weber (1983) viu nesse modelo de organização social um ambiente propício ao florescimento do capitalismo.

Outro fator a ser considerado na composição da vocação missionária que se formava foi a ascese puritana que se transferiu para o Novo Mundo. Nessa se ensejava uma vida austera segundo o tripé religião-moralidade-educação, que serviu de base ao sentimento norte-americano de povo escolhido construiu a cosmovisão do povo norte-americano de origem anglo-saxão. Veja, por exemplo, a convicção de um ministro metodista, citado por Mendonça (2008, p. 23):

“Deus está usando os anglo-saxões para conquistar o mundo para Cristo, a fim de despojar as raças fracas e assimilar e moldar outras. O destino religioso do mundo está nas mãos dos povos de fala inglesa. À raça anglo-saxão, Deus parece ter entregue a empresa de salvação do mundo” (sic).

A ideia do “destino manifesto” é antiga e está presente na memória fundante de muitos povos.¹⁹ No entanto, esse sentimento marcou indelevelmente a sociedade norte-americana do século XIX, e a expressão supra aludida foi cunhada por John L. O'Sullivan, fundador e editor da “The United States Magazine and Democratic Review” que endossava a política expansionista norte-americana como uma orientação divina, como escreveu no editorial de sua revista de julho, em de 1845.

“Texas has been absorbed into the Union in the inevitable fulfillment of the general law which is rolling our population westward; the connexion of which with that ratio of growth of population which is destined within a hundred years to swell our numbers to the enormous population of *two hundred and fifty millions* (if not more), is too evident to leave us in doubt of the

¹⁹ Na literatura veterotestamentária e nos escritos rabínicos o conceito de “povo de Yavé” aplicado a Israel é transparente; e a revelação divina aos patriarcas incluía a promessa de extensa posse de terra e grande descendência (METZGER, 1984, p. 21). Com já dito, a mentalidade lusitana do período medieval concebia que Cristo fora o fundador de Portugal.

manifest design of Providence in regard to the occupation of this continent”.²⁰

Assim, sentindo-se comissionados por Deus, os missionários norte-americanos do século XIX percorreram o mundo na intenção de fazer adepto todas as etnias que não professavam a fé reformada. Nesse sentido, o Brasil foi um dos alvos da investida protestante norte-americano por dois motivos: primeiro, não havia restrição à entrada de estrangeiros²¹, e, em segundo lugar, os governantes e parte da elite nacional de tendência iluminista e anticlerical nutria certo apreço pelo avanço tecnológico e hábitos da cultura anglo-saxônica. De fato, os estrangeiros trouxeram inovações do mundo moderno, Entretanto, em matéria de credo religioso, os emissários protestantes atinham-se ao conservadorismo teológico, diferenciando-os das posições e considerações liberais ou modernistas da época.²²

Então, não é surpresa ver que antes da virada do século XIX várias denominações protestantes norte-americanas já tinham abertas suas filiais nas

²⁰ O jornalista nova-iorquino John L. O’Sullivan (1813–1895) escreveu em 1845: “Texas tem sido incorporado à União no inevitável cumprimento da lei geral que está impulsionando nossa população para o oeste; cuja conexão com a taxa de crescimento da população a qual está destinado dentro de cem anos aumentar nosso número para uma enorme população de duzentos e cinquenta milhões (se não for maior); isto é tão evidente para nos deixar em dúvida ao designo manifesto da Providência (destino manifesto) a respeito da ocupação deste continente”, (tradução e grifo nosso). Informação disponível em: www.historytools.org/sources/manifest_destiny.pdf. Acesso: 24/05/2011.

²¹ A bem da verdade, impedia-se a entrada de imigrantes da África e da Ásia, pois segundo os pressupostos evolucionistas do século XIX, as nações europeias seriam modelo de sociedades mais adiantadas, e os povos africanos e indígenas eram tidos como os mais atrasados e a mestiçagem consistia num obstáculo ao desenvolvimento nacional. Daí, caberia aos imigrantes brancos o papel de civilizar os costumes e embranquecer as peles. E, segundo Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 206), “em 1890, para estimular a imigração européia, o recém-instaurado governo republicano mandou divulgar no exterior que os estrangeiros dispostos a trabalhar no Brasil eram bem-vindos, exceto os asiáticos e africanos”.

²² O liberalismo teológico, também conhecido como modernista, teve suas origens na Alemanha, e foi caracterizado pelo forte senso de ativismo e otimismo para a implantação do reino de Deus na terra através de um evangelho social; contudo, o advento das duas Guerras Mundiais abalou essa confiança. Os conservadores opõem-se aos liberais porque estes defendem a imanência divina, isto é, Cristo está presente em todas as religiões, portanto, não é necessário proclamar o evangelho. Outra discórdia gira em torno da autoridade absoluta da Bíblia. Os liberais apontam a humanidade dos escritores bíblicos como causa da impossibilidade do registro infalível da revelação divina. Já, para os conservadores, a Bíblia configura-se na única autoridade em matéria da crença e da prática religiosa (PIERARD, 1990, pp. 424-429).

terras brasileiras. As principais igrejas e respectivos missionários são: a Presbiteriana organizada por Ashbel Green Simonton, em 1861, a Metodista por John James Ranson, em 1876 e, a Batista pelo casal Anne Luther e William Buck Bagby, em 1881. É interessante observar que as estratégias evangelísticas, a teologia, a hinologia e asceticismo eram semelhantes. Porém, há uma diferença das chamadas igrejas litúrgicas, representadas pela Igreja Luterana e da Episcopal aonde “os ritos da eucaristia, do batismo, do casamento, da confirmação, da ordenação, etc ocupam lugar central na ordem do culto” observou Velasques Filho (1990, p. 155), sic.

Não obstante as pequenas nuances, a palavra escrita é comum no ensino reformado. Na verdade, para muitos cristãos, a Bíblia configura-se na “única fonte suprema da verdade, a única regra infalível de fé e prática” (WENTZ, 1953, p. 75). Provavelmente, a centralidade dos escritos bíblicos tenha origem na defesa de Lutero, que intimidado pelo enviado papal para renegar seus escritos disse: “Minha consciência está presa à Palavra de Deus. A não ser que seja convencido por claros argumentos, racionalmente baseados nas Escrituras, não quero e não posso retratar-me. Assim Deus me ajude!” Esses e outros fatores modernizantes do século XVI²³, ajudaram a criar uma religião de interpretação racional, despida dos santos, dos anjos e dos demônios. Pois se retirou da religião estabelecida “as três concomitâncias do sagrado mais antigas e poderosas: o mistério, o milagre e a magia” (BERGER, 1971, p. 161).

²³ Estavam presentes no século XVI todos os elementos necessários para o advento de uma nova era: a moderna. Os fundamentos da velha sociedade medieval estavam ruindo em função de ampliação do conhecimento geográficos, devido as viagens transatlânticas. As nascentes nações-estado opunham-se ao estado universal, o mercantilismo começa a suplantar o modelo feudal e abre caminho para o artesão ascender à classe alta. A Renascença levou os intelectuais à releitura do passado greco-romano, surgem novos paradigmas, o humanismo aflora, o ensino católico romano é questionado e a cosmovisão teocêntrica desvanece ante à força emergente da visão antropocêntrica que produz a modernidade (CAIRNS, 2008, pp. 247-250).

Logo se especula que a baixa aderência da massa popular católica às igrejas protestantes do século XIX tinha por causa a mensagem descontextualizada dos pregadores alheios à situação sócio-religiosa do brasileiro, conforme as pesquisas de Read (1967, p. 143):

“muitas vezes, o ministro muito bem preparado, das denominações tradicionais, atuando à sombra de costumes americanos, foi treinado para certa esfera de utilidade na Igreja, e com muita frequência, perde o contato com o povo, a quem está fazendo esforço para servir”.

Dada a formação dos missionários tradicionais, não há dúvida que havia um discurso bem elaborado no rigor acadêmico, mas, talvez carecesse de compensadores e lenitivos religiosos que tocassem o coração essencialmente emotivo da camada pobre. Enfim, a mensagem racionalizada dos agentes reformados não alcançou o homem simples porque na constituição do brasileiro prevalece o aspecto irracional e do místico que orienta a vida e dá significação às experiências religiosas cotidianas.

2.2.3 O protestantismo kalleyano

Embora Robert R. Kalley (1809-1888) deva ser compreendido no contexto do “Protestantismo de missão”, não adotou o *American way of life*, reinante no meio missionário de seu tempo. Ele era escocês e defendia a implantação de igrejas reformadas independentes e sistema de governo congregacional, mas não atreladas às estruturas eclesiásticas estrangeiras. Por esses e outros motivos, Kalley diferenciou-se da maioria dos colegas do período missionário.

O casal Robert e Sarah Poulton Kalley aportou à cidade do Rio de Janeiro em 10 de maio de 1855, meses depois se transferiu para Petrópolis. No mesmo ano a cólera que flagelava e matava na nordeste atingiu Petrópolis e, na

qualidade de médico sanitaria, Kalley não hesitou em se oferecer para ajudar os necessitados. O episódio rendeu-lhe elogio publicado no jornal *Comércio Mercantil* e expõe o engajamento social (CARDOSO, 2001, p. 112). Outros fatos notabilizaram o esforço e o envolvimento sócio-religioso dos Kalleys: o pioneirismo no estabelecimento de escola dominical no Brasil que franqueava a entrada dos “homens de cor”, diz o historiador Reily (1984, p. 96). Kalley manifestava-se contrário ao regime escravocrata vigente. Em homílias, exortava que o possuidor de escravos constituía-se em inimigo de Cristo, além de se tornar um ladrão da liberdade humana. Certa feita, em 1865, expulsou um membro da Igreja Evangélica Fluminense – IEF, por ele fundada, que recusou a conceder carta de alforria a seus escravos (CARDOSO, 2005b, p. 90). Mesmo diante das perseguições, não recuava da atenção humana; em favor da liberdade religiosa e da ampliação do direito aos acatólicos para que obtivessem plena cidadania disputava com o sistema jurídico nacional.

Kalley opôs-se a criar uma nova denominação, fundava igrejas livres, autônomas entre si e estabelecendo liderança genuinamente brasileira, constatou Cardoso (2001, p. 168). Ele não ordenava mulher ao pastorado, mas estava adiante de seus pares por autorizar a participação da mulher em atividade eclesiástica. Elas desempenhavam a tarefa de colportagem, vendiam exemplares das Escrituras, e as liam de casa em casa; juntamente com outras mulheres ficaram conhecidas como “as mulheres da Bíblia”. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira conservou os relatórios das atividades dessas evangélicas, os quais se encontram na biblioteca da Universidade de Cambridge. O relatório de 1909, citado por Every-Clayton (2009, p. 31), diz que uma “mulher da Bíblia”, ligada à Missão Congregacional no Rio, realizou um excelente trabalho, especialmente

entre os doentes. Ali se lê que “durante um mês ela visitou 225 pessoas, leu a Bíblia com 104, ajudou 96 a aprender a ler”, além de vender exemplares bíblicos.

A liberdade feminina no protestantismo kalleyano é notória, o caso da sra. Sarah Poulton Kalley, esposa do médico missionário é exemplar: compunha hino, lecionava música, fundava e ministrava aulas em escolas bíblicas além de esboçar sermão tanto para o pastor quanto aos demais oficiais da igreja. Ela foi ousada ao fundar a “Sociedade de mulheres” da IEF, numa época em que a liberdade de expressão e da circulação feminina não era plena. Mesmo com a morte do marido, Sarah Kalley continuou suas atividades religiosas, organizou na Inglaterra a missão *Help for Brazil*, em 1892, para apoiar as igrejas kalleyanas. Mais tarde, a Missão fundiu-se à missão União Evangélica Sul Americana - UESA, responsável pelo surgimento do Instituto Bíblico Betel.²⁴

Não resta dúvida alguma de que o Betel Brasileiro é herdeiro de um tipo de protestantismo de missão ousado, voltado à construção de uma igreja autônoma, nacional, ativa e igualitária; aonde, além do aspecto e necessidade religiosa, subjetiva, também se interessava pela concretude e integralidade da vida, dispondo-se, sobretudo, a servir a coletividade humana.

2.2.4 O protestantismo pentecostal

“As Igrejas pentecostais conservam praticamente todas as características das Igrejas não-litúrgicas”, afirmou Velasques Filho (1990, p. 157). De fato, a crença na Bíblia une tradicionais e pentecostais, mas há algumas divergências: a hermenêutica é diferenciada, em especial na questão da contemporaneidade dos dons do Espírito Santo. Também, os pioneiros pentecostais no Brasil não

²⁴ A vida e as atividades religiosas de Sarah Kalley estão bem documentadas na obra de Cardoso (2005a), “*Sarah Kalley*” – *Missionária pioneira na evangelização do Brasil*, que é parte da tese de doutoramento em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

contavam com uma estrutura eclesiástica, suporte financeiro estrangeiro, tampouco se enfatizava a educação teológica, a exemplo dos missionários tradicionais²⁵. Por outro lado, a práxis pentecostal ajustava-se mais fácil à mentalidade subjetiva do brasileiro.

Resumidamente, o pentecostalismo que foi introduzido no Brasil nas primeiras décadas do século XX é originário dos Estados Unidos da América do Norte. E atribui-se a Charles Fox Parham (1873-1929), o crédito de fundador do movimento pentecostal moderno, pois se sabe que inventou as expressões mais comumente aplicadas ao moderno pentecostalismo: “movimento da chuva serôdia”, “movimento da fé apostólica” e “movimento pentecostal”. Elas aparecem no título do relato do acontecido no culto da virada do ano de 1900, na cidade de Topeka, Kansas: “The Latter Rain: The Story of the Origin of the Original Apostolic Faith or Pentecostal Movements” (Chuva serôdia: a história da origem da original fé apostólica ou dos movimentos pentecostais).

Parham propôs que o “falar em línguas” é a evidência inicial do batismo com o Espírito Santo, como parte da experiência religiosa do cristão. De igual maneira, cria que o diabo pode colocar tropeços no caminho do cristão e que Jesus realiza curas ainda na presente data. Na juventude, ele abandonou o estudo formal por acreditar numa “revelação segundo a qual o ensino institucional seria um empecilho ao seu ministério” (SYNAN, 2009, p. 64), e lançou-se como professor itinerante e evangelista. Ainda que William Joseph Seymour (1870-1922) seja popular e o mais conhecido do primórdio do pentecostalismo moderno, “os ensinamentos de Parham lançaram os fundamentos

²⁵ Com exceção a Kalley, os missionários tradicionais chegaram ao Brasil apoiados pelas Juntas missionárias denominadas que lhes forneciam manutenção financeira para o sustento da família e outros recursos para construção das igrejas; ademais, graduação em teologia representava o grau mínimo exigido do aspirante para trabalhar no campo missionário internacional.

teológicos e experienciais do avivamento da Rua Azusa e da moderna prática pentecostal”, afirma Synan (2009, p. 65).

Os trabalhos da missão da Rua Azusa iniciaram-se em 1906, marcados pela informalidade dos cultos em que não se obedecia aos padrões eclesiásticos, nem aos ritos litúrgicos existentes nas igrejas de conduta reformada. A linha divisória entre membros e clérigos era muito tênue porque se cria que o Espírito Santo orientava todos os crentes e não apenas os líderes. Desta forma, todo aquele que desejasse pregar podia dirigir-se ao púlpito e ministrar a palavra bíblica. Ademais, as manifestações de falar e cantar em línguas atraíam muitos curiosos em busca de experiências extáticas. Tais acontecimentos provocaram críticas de líderes locais temerosos que o rebanho debandasse para a nova doutrina.²⁶ O movimento também chamou a atenção da mídia que o nomeou de “nova seita de fanáticos” onde se presenciava “cena selvagem” e “estranha babel de língua”. Veja a edição de 18 de abril de 1906 do jornal *Los Angeles Times*, citado por Synan (2009, p. 76) publicou a seguinte matéria:

“As reuniões são realizadas num barracão caindo aos pedaços, na Rua Azusa, perto da Rua San Pedro. Ali, devotos das mais estranhas doutrinas praticam rituais próprio de fanáticos, pregam teorias extravagantes e tentam atingir, com o fervor que lhes é peculiar, um estado de excitação que beira a insanidade. Negros e uma pequena quantidade de brancos compõem a congregação, e à noite os uivos dos adoradores promovem um espetáculo medonho para a vizinhança. Eles passam horas balançando para frente e para trás num enervante exercício de orações e súplicas. Eles alegam possuir o „dom de línguas” e se dizem capazes de entender aquela babel.”

O artigo atestou que a composição multirracial existente na missão interferia na ordem social estabelecida, pois quebrava o paradigma da

²⁶ Alguns líderes acusavam o movimento de “incentivar e praticar a bruxaria”, promover “adoração ao diabo” ou referia-o como “o último vômito de Satã”. Outros, cautelosos, “aconselhavam o rebanho a manter distância da Missão da Rua Azusa”. Synan (2009, p. 78) diz que essa e outras acusações constam num livro intitulado “The Demons Tongues” (Línguas de demônios, tradução nossa). No entanto, há caso em que toda uma congregação se transferiu para a Missão da Rua Azusa.

segregação racial. A Missão estava na contramão do conservadorismo de então porque “muitas mulheres exerceram cargos de liderança na Rua Azusa” (HYATT, 2009, p. 335). A missão estava avante de seu tempo, pois resolveu internamente problemas estruturais da sociedade norte-americana, que foram superados somente décadas mais tarde. O declínio e posterior desaparecimento da missão da Rua Azusa começou em 1912, mas, antes disso, ela deixou um número considerável de igrejas e missões da região de *Los Angeles* e de outros lugares que se espalharam pelo mundo cujos líderes foram diretamente influenciados pelos acontecimentos da Missão Rua Azusa.

2.2.5 *Valores pentecostais*

O protestantismo pentecostal do limiar do século XX compreendia a realidade de maneira diferente do protestantismo tradicional. Este tem marco categorial objetivo, racional e material; àquele, a vida reveste-se do subjetivo, do misterioso e dos eventos miraculosos, onde a experiência religiosa é o critério para determinar a verdade (EDWARDS, 1993; JAMES, 1994). Então, se afirmar, conforme Silva (1992, pp. 117-128) disse que o indivíduo pentecostal tem práticas, crenças e valores que lhe são relevantes, tais como:

A experiência religiosa pessoal – nada existe de mais importante para o adepto pentecostal do que seu relacionamento com Deus através do Espírito Santo. A experiência pentecostal é dinâmica, extrapola os limites da razão humana. A experiência religiosa passa a ser o parâmetro da verdade, que é medida pelos frutos, dizia Edwards (1993, p. 100); se a religião é verdadeira seus frutos são bons, escreveu James (1994, p. 20). Pois, na subjetividade pentecostal, Deus é conhecido de forma empírica, e não somente de maneira conceitual, intelectual. Na crença pentecostal o subjetivo torna-se objetivo, concreto; crê-se

que Deus intervém no cotidiano das pessoas.²⁷ Por outro lado, James (1994, p. 205), disse que a “experiência religiosa espontânea gera inevitavelmente mitos, superstições, dogmas, credos e teologias metafísicas”.

A *prática oral* – significa um estilo de racionalidade apoiada na memorização. Deixa pouco espaço à teorização e ao discurso formal; e, aliada ao exercício da espontaneidade, as manifestações espirituais não são programadas. Tudo isso propicia uma abertura para se guardar as tradições através dos testemunhos pessoais não escritos. Essa prática da oralidade se encontrada nas culturas ágrafas e desempenha, segundo Le Goff (1999, p. 432), um importante papel na formação da memória coletiva que tem força para se preservar uma doutrina ou produzir mitos.

O *dualismo cósmico* – o pentecostal crê firmemente que a vida é marcada pela batalha travada entre Jesus *versus* Satanás. Neste confronto espiritual, há anjos de um lado e demônios de outro, mas o pentecostal está cômico da ajuda espiritual do Espírito Santo para lograr vitória, não apenas neste mundo, mas também para alcançar o vindouro. Para o crente pentecostal, a ordem invisível é uma realidade e que no ajuste de contas finais, na pós-morte haverá recompensa para os bons e castigo para os maus. Expondo sobre a realidade do não visível James (1994, p. 28) disse:

“Nuestras actitudes morales, prácticas, emocionales y religiosas se deben a los „objetos” de nuestra conciencia, a aquellas cosas que creemos que existen, sea real o idealmente. Estos objetos pueden estar presentes ante nuestros sentidos o bien únicamente en nuestro pensamiento, en cualquiera de los dos casos reaccionamos frecuentemente con fuerza tanto en un caso como

²⁷ É comum ouvir, na pregação pentecostal, que “Deus quer mudar a sua vida hoje” e não importa a situação em que a pessoa se encontra, basta tão somente crer para ter um encontro pessoal. É igualmente comum ouvir nos culto os abundantes relatos das experiências religiosas.

en otro, con independencia de que el objeto sea o no accesible a nuestros sentidos”.²⁸

A autoridade bíblica – Assim como no protestantismo tradicional, não há um texto mais relevante no pentecostalismo moderno do que a Bíblia. Pois é através do texto que se justificativa a experiência religiosa, afere-se a veracidade das manifestações espirituais e se obtém estímulo para lutar contra as hostes malignas. Ainda que a experiência religiosa seja o critério para se chegar à verdade, a Bíblia, interpretada geralmente de forma literal, é a última instância que ratifica ou desqualifica a experiência tida como espiritual. É importante lembrar que há setores misóginos no pentecostalismo, por este motivo se objeta a submeter o texto bíblico à análise das ciências modernas.

2.2.6 *Taxionomia do pentecostalismo brasileiro*

O protestantismo pentecostal que se introduziu no Brasil possuía, doutrinariamente, rosto estadunidense em que a glossolalia representava o principal sinal diacrítico do pentecostal. Sucedeu, pois, que a partir dos anos 50 até meados de 1960 apareceram novas correntes que re-configuraram o cenário pentecostal. Hoje não se verifica novas ondas avivalistas, mas o pentecostalismo brasileiro continua na marcha da divisão e subdivisão das denominações e torna o movimento num emaranhado de facções religiosas de difícil compreensão científica²⁹. No entanto, o estudo utilizar-se-á da sugestão

²⁸ “Nossas atitudes morais, práticos, emocionais e religiosas devem-se aos „objetos” da nossa consciência, as coisas que nós acreditamos que existem, real ou idealmente. Estes objetos podem estar presentes ante nossos sentidos ou apenas em nosso pensamento, em quaisquer dos dois casos reagimos frequentemente com vigor tanto num caso como no noutro, independentemente de que o objeto seja ou não acessível aos nossos sentidos” (JAMES, 1994, p. 28; tradução nossa).

²⁹ É sabido da dificuldade de elaborar uma classificação do pentecostalismo que possa contemplar todos os grupos do movimento pentecostal, por isso, cada estudioso lança a sua proposta: David B. Barrett, editor da “World Christian Encyclopedia” (Oxford University, 1982) dividiu em três grandes grupos: os “Classical Pentecostals”, “Neopentecostals” ou “Charismatic” e os “Third-Wavers”. Ricardo Mariano (1999) e Paul Freston (1993) têm proposta idêntica ao classificar o pentecostalismo brasileiro em três ondas. Existem outros pesquisadores; Brandão

de Silva (1992, pp. 103-108), que classifica o pentecostalismo nacional em três categorias: clássico, renovado e autônomo.

Uma característica do pentecostalismo clássico é a modéstia, especialmente no quesito vestuário, no corte de cabelo, na maquiagem, nos adornos, etc. Há uma preocupação de identificar e separar sexo masculino e feminino. Esse conjunto de sinais externos convencionou-se chamar de “usos e costumes”. Em alguns segmentos clássicos, é vetada ao membro a filiação partidária, em outros, somente o que tem assento ministerial não pode assumir cargo político, com pena de exclusão ao faltoso. Ainda, reverberando os ensinamentos de Parham, prega-se um exclusivismo denominacional e recomenda-se a não utilização de meios bibliográficos à compreensão da Bíblia. Veja o pronunciamento de Luigi Francescon³⁰ em 20 de fevereiro de 1936, ao presidir a primeira convenção da Congregação Cristã no Brasil, denominação fundada em 1910:

“O povo de Deus não tem necessidade de frequentar outros cultos e nem ler leituras religiosas de diferentes princípios. Na Sagrada Escritura existe de tudo o que se precisa, individual e coletivamente. Se alguém precisa de sabedoria para entender o que Deus tem já revelado em sua Santa Palavra, como filho deve recorrer a Ele para alcançar o necessário entendimento.”

Também foi dito: “não possuímos jornais de propaganda religiosa e nem literaturas religiosas (...). Outras luzes não precisamos, nem queremos. O tempo

(1986) e Mendonça (1989) que analisam diferentemente o pentecostalismo nacional; portanto, o exposto é suficiente para demonstrar a fragmentação do protestantismo pentecostal e a sua complexidade de classificá-lo cientificamente.

³⁰ Segundo Reily (1984, p. 381), “Luigi Francescon, fundador da Igreja Congregação Cristã no Brasil nasceu em Cavasso Nouvo, província de Udine, Itália, a 29 de março de 1866. [...] Radicou-se em Chicago em 1890” onde se filiou à Igreja Presbiteriana italiana devido a procedência valdense. Foi influenciado pelo pastor batista W. H. Durham que participara do avivamento da Missão da Rua Azusa em 1906. Francescon afirmou que em 25 de agosto de 1907 recebeu o dom de línguas; e informado por “santa revelação” que haveria de pregar o evangelho nas colônias italianas, viajou para diversos lugares. Em 8 de março de 1910 chegou a São Paulo, e juntou-se a Igreja Presbiteriana do Brás, onde havia uma expressiva comunidade italiana, mas as divergências logo surgiram quando passou a ensinar a respeito da evidência do batismo do Espírito Santo. Ao desligar-se da igreja um grupo o acompanhou, eis aqui a origem da Congregação Cristã no Brasil; hoje, é a segunda maior igreja do pentecostalismo clássico.

muda sempre, porém a Palavra de Deus é imutável”. Não obstante a pressão dos mais jovens, até hoje, os guardiões da fé, os “anciões”, recusam-se a admitir a possibilidade de quaisquer mudanças doutrinárias acordadas na histórica convenção denominacional.

Outra igreja do período inicial do pentecostalismo no Brasil foi a Assembleia de Deus. Ela possui raízes pentecostais do movimento estadunidense do limiar do século passado, pois seus fundadores Daniel Berg (1885-1963) e Gunnar Vingren (1879-1933), nascidos na Suécia, emigraram para a América do Norte respectivamente em 1902 e 1903. Assim como Francescon, ambos foram membros da igreja do pastor William Durham em Chicago, e afirmam ter recebido o dom do Espírito Santo em 1909. Instruídos através de sonho, rumaram para o Brasil e chegaram a Belém do Pará em 19 de novembro de 1910. Hospedaram-se no porão de um pequeno templo batista para aprender o idioma e auxiliar nas atividades da igreja. Pouco tempo depois, passaram a ensinar as suas convicções pentecostais, o que causou um cisma³¹ na igreja. Convocou-se uma sessão extraordinária e os estatutos favoreceram o grupo minoritário; então, os suecos e dezoito outros dissidentes retiraram-se para fundar a Missão de fé Apostólica, que em 1918 mudou o nome para Assembleia de Deus - AD.

Essa se expandiu nas grandes e pequenas cidades e tornou-se a maior denominação pentecostal do país. Porém, com o passar do tempo, sobrevieram mudanças nas igrejas assembleanas; o fervor religioso dos cultos nas praças, a tradição do “uso e costume”, os templos simples, as pregações literais avessas ao cientificismo bíblico estão sendo lentamente abandonadas. Haja vista que, nas últimas décadas, a educação teológica tem sido uma prioridade da AD,

³¹ É certo que Igreja Batista na qual se hospedaram os suecos dividiu-se por causa dos ensinamentos pentecostais, contudo não há consenso a respeito do processo que levou o desligamento dos contrários à doutrina tradicional. Reily (1984, pp.384-388) documentou três versões do fato: a de Vingren, de Berg e a Batista.

diferentemente do que ocorria no passado. Outrossim, recentemente, se criou a Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia, num claro propósito de abrir um canal de diálogo com a sociedade científica, já que na política, segundo Freston (2006), a participação evangélica é uma realidade. Portanto, os anos que se seguem dirão se a AD continuará a ser identificada como uma igreja do ramo clássico ou deverá receber uma categorização diferente.

Grosso modo, o pentecostalismo renovado, é de constituição híbrida e surgiu na década de 1950 e estendeu-se até meados dos anos 1960. No decorrer desses anos, algumas instituições oriundas do protestantismo de missão adotaram práxis e pressupostos pentecostais, mas o rigor das vestimentas foi atenuado. Todavia, elas retiveram do protestantismo tradicional a estrutura eclesiológica, o modelo de ensino reformado, mas houve a rejeição da “teoria cessacionista”³² proposta por Agostinho (354-430), para que se acomodasse a hermenêutica pentecostal.

Nesse quadro, se encaixam a Igreja Batista Renovada originária da Batista tradicional, a Igreja Presbiteriana Renovada que emergiu da Igreja Presbiteriana Independente, a Igreja Metodista Wesleyana que veio da Metodista do Brasil, a Missão Antioquia que deve seu início à Igreja Presbiteriana Renovada, o Betel Brasileiro e a Igreja Congregacional de João Pessoa que se tornaram renovados, cujos fundadores e líderes, segundo Read (1967, p. 170) “receberam a experiência pentecostal de falar em línguas estranhas”. Da mesma forma,, Santos (2003, p. 25), relata que “em 1966, o movimento de Renovação

³² O bispo de Hipona advogava que “falar em línguas” cessou no período neotestamentário, Lewis (1978, p. 121) reproduziu a fala de Agostinho: “Nos primeiros dias da Igreja, o Espírito Santo desceu sobre os crentes e eles falaram em línguas que não haviam aprendido, conforme o Espírito lhes concedia que falasse. (...) O sinal foi dado e então expirou. Não devemos mais alimentar a expectativa de que quem recebe a imposição de mãos deve receber o Espírito Santo e falar em línguas.” O paradigma agostiniano prevaleceu no seio do catolicismo romano e há quem o defenda entre os protestantes. Chantry (1996, p. 129), por exemplo, acredita que não somente o dom de língua cessou, mas o total desaparecimento dos dons miraculosos da época apostólica.

Espiritual chegou a João Pessoa. (...) O Betel e a Igreja Congregacional de Cruz das Armas aderiram ao movimento.” Poder-se-ia citar outras instituições, mas as listadas demonstram bem a influência pentecostal, que “de uma forma ou de outra, isso pode ser visto em todas as denominações protestantes mais importantes, no Brasil”, já apontava a pesquisa de William Read (1967).

A categoria denominada pentecostalismo autônomo compara-se a um “guarda-chuva”, pois abriga um sem número de grupos com regimento interno diverso. Eles surgem de maneira autônoma ou do divisionismo característico do pentecostalismo em busca de seu espaço no disputadíssimo mercado religioso pentecostal. Há pesquisa que analisam o pentecostalismo autônomo: Mariano (2004), a Igreja Universal do Reino de Deus; Seipierski (2001), a Renascer em Cristo; Moraes (2008), a Igreja Internacional da Graça de Deus; e, o novo fenômeno, a Igreja Internacional do Poder de Deus, foi estudado por Bitun (2007).

Então, está claro que o grupo sem correspondência nas categorias anteriores insere-se na presente, a Autônoma. Daí se vê a tremenda dificuldade de classificar adequadamente os fiéis pentecostais. Não obstante, o movimento pentecostal possui um núcleo comum, consensual: o principal é a crença na contemporaneidade da manifestação dos dons apostólicos e os feitos extraordinários mencionados no Novo Testamento. Por essa razão, muitos crêem firmemente na existência de milagre que, na definição religiosa, significa a intervenção divina no curso natural das coisas, isto é, diz respeito a aparição de evento que contraria as leis físicas ora estabelecidas.

Alguém já disse que o movimento pentecostal constitui-se numa força propulsora do cristianismo no mundo globalizado.³³ A assertiva é verdadeira,

³³ De acordo com a *World Encyclopedia of Christianity*, editada por Barret (2001), citada por Miller & Yamamori (2007, p. 18), aproximadamente um quarto dos cristãos no mundo são descritos como pentecostais e carismáticos. Notadamente, em 1970 menos de 10 por cento

pelo menos no Brasil, visto que no centenário do pentecostalismo moderno no Brasil o censo do IBGE de 2010 deve conferir de maneira científica o que se observa no cotidiano: a maioria da população evangélica é pentecostal, pois nos Censos de 1991 e 2000, o crescimento proselitista pentecostal foi de 8,9%, enquanto os protestantes tradicionais atingiram a cifra de 5,2%.

Embora pesquisado, o pentecostalismo nacional ainda se mostra um fenômeno de difícil apreensão. O motivo reside na peculiar mutabilidade interna do pentecostalismo, que é extremamente dinâmica na elaboração e reelaboração de significados e fronteiras. Eis o porquê da falha de certos paradigmas “para instrumentalizar a análise do campo religioso pentecostal”, como bem apontou Bitun (2007, p.39). Enfim, ser pentecostal é crer que a operacionalidade dos carismas do Espírito de Deus vigora no presente século, com ou sem a evidência do batismo do Espírito Santo, ou seja, o “falar em línguas”. Partindo dessa definição e do pressuposto de que a formação cultural nacional é toda sincrética, pode-se deduzir facilmente a razão que torna o brasileiro suscetível ao apelo imaginativo da pregação pentecostal de matizes diversos.³⁴

dos cristãos se identificavam com o pentecostalismo, mas, por volta de 2025, um terço possa ser pentecostal, (tradução nossa).

³⁴ Embora as igrejas pentecostais tenham se institucionalizado, o fiel tem liberdade de expressão para compartilhar a sua experiência religiosa, que serve de lenitivo, ânimo e esperança aos ouvintes e demais membros da comunidade. Entende-se que as questões e crises existenciais são efeitos de causas a-históricas, fora do contexto e da estrutura sócio-econômica, portanto, elas estão fora da competência humana e devem ser tratada na esfera espiritual onde só o divino e seus anjos têm acesso. Nessa consideração, uma religião toda racionalizada, que oferece apenas argumentos, racionais, científicos não satisfaz ou preenche a mente de um povo acostumado a pensar através de categoria empírica, da experiência religiosa; certamente, essa é suplantada pela religião que oferece “compensadores” divinos, místicos e irracionais (STARK & BAINBRIDGE, 2008). Em alguns cultos pentecostais, se verifica a utilização de elementos culturais ou de outros credos (catolicismo e religiões afro-brasileiras) para integrar a liturgia.

2.2.7 *Questão de gênero no protestantismo brasileiro*

É impossível terminar o capítulo sem tocar na questão de gênero, uma vez que o assunto está diretamente ligado ao objeto de pesquisa. Assim, necessário é discutí-la, mas de antemão deixa-se claro que não se fará um estudo exaustivo, mas, apenas algum apontamento; haja vista que o foco específico do presente trabalho não é a problemática das relações entre homens e mulheres na sociedade contemporânea.

Isto posto, pode-se dizer que gênero é um termo corrente no vocabulário das organizações e nos movimentos sociais da atualidade. No entanto, o que são relações de gênero? Segundo Carreira (2001, p. 20), gênero,

“trata-se de uma categoria de análise social que estuda as relações entre homens e mulheres na sociedade: relações construídas ao longo da História, que mudam continuamente e que se manifestam de formas diferentes, dependendo de cada lugar e de cada época.”

Joan Scott (1994, p. 13) também é da opinião que “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder”. Referenciando-se a Gayle Rubin, antropóloga americana e militante do movimento feminista desde 1960, Siqueira (2008, p. 114) diz que “Rubin formula um instrumento de análise que sugere que o masculino e feminino não são características inerentes, mas construções subjetivas de cada uma das espécies humanas”.

É do senso comum que no desenvolvimento da humanidade o gênero de uma pessoa era determinado a partir da observação de sua genitália; prática

ainda em voga em alguns lugares do mundo.³⁵ A cosmovisão do mundo ocidental forjada com traços subjacentes da cultura judaico-cristã em que os valores de ordem social e moral foram supostamente revelados por um Deus masculino. Assim, a crença na existência de um único Ser supremo excluía qualquer possibilidade de se imaginar que uma deusa de igual poder tenha participado da criação. E, por inferência, se conclui que estava fora de cogitação uma interpretação feminina do mundo e do cosmo.

Desta maneira, a vida social e a religiosa estavam perpassadas pela cultura patriarcal, modelo que criou papéis de homem e de mulher, o qual sustentava a estrutura da desigualdade entre os gêneros. Ademais, os pressupostos acadêmicos da incipiente modernidade reforçavam a manutenção da visão religiosa com o argumento de um destino biológico fatalista. Cria-se na vocação genética de cada sexo: ao homem, cabia-lhe a esfera pública; isto é, o cuidado da administração, da política e da economia. A esfera privada estava reservada para a mulher: por ser um sujeito dócil, domesticada e afeita para o lar, para o matrimônio e à procriação (SOUZA, 2007).

Também, dentre outras novidades do final da Idade Média, as forças reformistas protestantes romperam com dogmas romanistas e aproveitando-se de paradigmas humanistas propagaram o gérmen da secularização (BERGER, 1985). Entretanto, por motivo alheio ao estudo, os reformadores não conseguiram desvincular de seus pré-conceitos tradicionalistas ou não perceberam que faltava em seus objetivos sócio-religiosos uma revisão ou

³⁵ Deve-se lembrar que o conceito “gênero” ainda não é consenso quando teorias feministas afirmam que o gênero é uma interpretação cultural do sexo, ou que o gênero é construído culturalmente, qual o modo ou mecanismo dessa construção? Como e onde ocorre a construção do gênero? Por outro lado, a própria noção de “construção” já não é um condicionamento cultural? Estas e outras questões foram levantadas no estudo de Butler (2003) “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”. É um debate contemporâneo deveras importante, mas, em face da proposta inicial da investigação, ele não será aqui prolongado.

desconstrução dos “papéis” assimétricos das relações cotidianas entre homens e mulheres. O resultado foi à continuidade do *status quo*; isto é, permanecia a interpretação universalista androcêntrica.

Deveras, na mentalidade coletiva religiosa daquela época a mulher representava um bem pertencente ao marido e que lhe devia submissão por ordenança divina. Numa crítica a esse pensamento Drury (1999, p. 59) diz que,

“para alguns cristãos, a Bíblia é vista como tendo uma autoridade que transcende o espaço e o tempo, o que faz com que palavras escritas há muitos séculos numa cultura completamente diferente possam ser compreendidas e assimiladas sem referências ao contexto social, cultural e religioso em que foram escritas”.

Não obstante, Mary Wollstonecraft (1759-1797), escritora britânica, foi uma voz a clamar no universo masculino do século XVIII, época de contradição entre ideais liberais e a delimitação do espaço da mulher. Ela escreveu contra o sistema educacional feminino que, no seu entender, mantinha as jovens num estado de "ignorância e dependência". Também, abordou temas variados, tais como: casamento, tráfico de escravos, as injustiças de tratamento para com os mais pobres, mas foi o artigo “Reivindicação dos direitos do homem” que a introduziu nos círculos acadêmicos da França e do Reino Unido.

Contudo, a obra *Vindication of the Rights of Woman*, publicado em 1791 (Uma reivindicação dos direitos da mulher), configurou-se na mais importante delas e serviu de modelo ao feminismo moderno. Nessa, a autora reclamava para as mulheres as mesmas oportunidades de que gozavam os homens na educação, no trabalho e na política. Ela não instigava a guerra de sexos, mas se empenhava em conscientizar o leitor da relevância de se oferecer educação de igual qualidade para os homens e as mulheres.

Os escritos de Wollstonecraft representavam um acinte para uma época mergulhada no sentimento da superioridade masculina e num suposto determinismo genético. As palavras do contemporâneo Rousseau (2004, p. 524) expressavam bem a geração: “o homem e a mulher não são e nem devem ser constituídos da mesma maneira, nem quanto ao caráter, nem quanto ao temperamento, segue-se que não devem ter a mesma educação.” Outro filósofo e poeta francês Marechal, citado por Perrot (2007, p. 93) afirmou: “que escândalo e discórdia num lar quando a mulher sabe tanto quanto o marido”

Contra-pondo-se a seus críticos Wollstonecraft (1996, p. 38) admitiu a superioridade do homem, mas apenas no seu aspecto fisiológico ao dizer:

“permite-se que a força corporal dê aparentemente ao homem a superioridade natural sobre a mulher, e essa é a única base sólida que a superioridade do sexo pode ser construída. Entretanto, eu insisto, que não somente na virtude, mas também no conhecimento ambos os sexos sejam o mesmo em natureza, se não em grau, e que a mulher considerada não só moral, mas também considerada criatura racional, e devem se empenhar em adquirir virtudes humanas (excelências) da mesma maneira que os homens ao invés de serem educadas como um tipo ornamental de meio ser, uma das selvagens quimeras de Rousseau.”

A obra de Wollstonecraft foi interpretada por Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885) que se tornou a precursora do feminismo brasileiro. Dentre outros atributos, Nísia Floresta é reconhecida pela livre tradução da principal obra da escritora britânica que foi publicada em 1832 com o título de “Direito das mulheres e injustiça dos homens” e segundo Araújo (2010, p. 7):

“a obra, Direito das mulheres e injustiça dos homens, de Nísia Floresta não corresponde a uma tradução, em seu sentido original, e muito menos a um plágio do livro de Wollstonecraft. Cada autora possui seu estilo e direciona o texto a um público específico, o europeu e o brasileiro, respectivamente. Os livros partem de reflexões oriundas de contextos históricos bem

distintos, mas possuem em comum a posição crítica e questionadora sobre a condição de opressão da mulher na sociedade.”

Nísia Floresta dedicou seu livro às brasileiras e aos jovens acadêmicos. Aconselhou as mulheres a buscar continuamente o conhecimento e a prática da virtude, a fim de que os homens reconheçam que “o Céu nos há destinado para merecer na Sociedade uma mais alta consideração” (AUGUSTA, 1989, p. 21 citado por ARAÚJO, 2010, p. 9). As denúncias da feminista foram de pouco crédito, porque no Brasil colonial ou republicano a mulher não tinha voz nem vez. Isso se verifica pelo escrito de Freyre (2002, p. 140) que disse que mulheres como Nísia Floresta “foram excomungadas da ortodoxia patriarcal”. Verdadeiramente, por algum tempo, Nísia Floresta caiu no ostracismo, mas resgatada, hoje é ícone; reconhecida como pioneira do movimento feminista brasileiro.

Voltando-se para a mulher norte-americana, a luta por emancipação em direção à educação, profissionalização, emprego e direito legais durou séculos. Esbarrava-se na mentalidade religiosa conservadora puritana disseminada pelos “pais peregrinos” sobre a qual a nação americana foi erguida. Ainda no século XIX ecoava a religiosidade dos fundadores dos EUA. A interpretação simples e literal do texto bíblico cujo “silêncio das mulheres pregado por Paulo era entendido pelos homens não somente com relação ao púlpito, mas em todo e qualquer lugar da sociedade” (SILVA, 2008, p. 26). Não havia apenas um interdito à livre expressão feminina, mas também lhe era cerceado o direito de exercer uma profissão fora do lar, pois se diziam:

“o lugar da mulher era em casa e a família exaltada. Pastores, ministros religiosos, moralistas, escritores, conferencistas, médicos, em suma, todos os que se preocupavam com os papéis sociais, atribuíam aos homens e mulheres diferentes lugares, de acordo com atributos naturais e que conferiam a cada sexo um campo apropriado de atuação e desenvolvimento, incluindo o próprio trabalho manual” (SILVA, 2008, p. 26).

Um retrato da intolerância religiosa, do pesado jugo imposto sobre a mulher e do rigor paradoxal do puritanismo do século XIX encontra-se no romance de Nathaniel Hawthorne (1804-1864), *A letra escarlata*, publicado em 1850. O autor cresceu num ambiente puritano na Nova Inglaterra e Salem foi o local em que um dos parentes antepassados se distinguiu por ter sido um caçador de feiticeiras; portanto, ele escreveu pensando nos horrores religiosos cometidos no passado, mas bem presentes em sua lembrança hereditária.

O romance se passa em Boston, território da Nova Inglaterra, imerso no mais profundo puritanismo colonial. Narra-se que, na ausência do marido supostamente desaparecido no trajeto da Inglaterra para a América, Hester Prynne manteve um relacionamento secreto com o Rev. Arthur Dimmesdale, jovem pastor puritano da comunidade local. Desse encontro amoroso nasceu uma menina, Pearl. Devido à rígida e moralizante ética puritana, ela foi encarcerada sob a acusação de ter cometido adultério, mas na recusa de declinar o pai da criança, os magistrados ordenaram que se lhe cosesse na veste peitoral uma visível letra “A”, como sinal de seu delito.

Tempo depois, Hester foi posta em liberdade, mas obrigada a carregar em local público o símbolo de seu pecado.³⁶ Pelas leis da comunidade, o castigo seria mais cruel: a morte ou a marca “A” a ferro quente, caso o omissor genitor, o Rev. Dimmesdale, não pedisse clemência aos juízes puritanos. Mais tarde, seu marido apareceu, adotou um falso nome, Roger Chillingworth, contando que sofrera naufrágio e estivera entre os indígenas. Na qualidade de médico, passou a desconfiar do jovem reverendo que o procurava, queixando-se de suas angústias, as quais lhe causavam muitas enfermidades.

³⁶ Parece que essa é o resgate de uma prática muito utilizada na Idade Média quando a Inquisição exigia que o condenado usasse uma veste que o identificasse como herege.

Certa noite, não podendo mais suportar o peso da consciência, Dimmesdale encontrou-se com Hester no patíbulo e declarou-lhe juras de amor e ela lhe revelou que o Dr. Roger era, na verdade, seu marido. Então, decidiram quebrar os grilhões da tradição puritana e fugir para a Europa. Assim, num dia festivo das eleições, ao término do culto, Dimmesdale põe-se ao lado de Hester e Pearl e diante da congregação, confessa a paternidade da filha de Hester. Porém, antes de ali cair morto, rasgou suas vestes sacerdotais e notou-se uma letra vermelha cravada na carne do seu peito na forma de “A”. Depois de um ano, também morreu Chillingworth deixando seus bens para a pequena Pearl. Quanto a Hester, ela retornou à vida de costureira e ao trabalho de ajuda aos necessitados; contudo, jamais se esqueceu de carregar no peito a letra escarlate.

Embora o romance, *A letra escarlate* denunciasse o sistema religioso opressor do passado, mas pode ainda representar história de vida de diversas mulheres que estão sob o controle de modelo social-cultural que despreza a liberdade feminina. Paradoxalmente, a Guerra Civil Americana (1860-1865), contribuiu para a mudança da situação da mulher norte-americana quando estas cuidaram dos enfermos e dos órfãos. Ainda, a experiência no trabalho de reconstrução nacional fez com que as mulheres exercessem cargos de liderança fora dos limites domésticos, tanto nas organizações de sociedades de mulheres missionárias quanto nos movimentos de reforma social; muitas atravessaram fronteiras e fizeram história em outras nações, como é o caso de Martha Watts³⁷.

Não obstante o movimento de emancipação feminina na Europa e nos Estados Unidos da América, o protestantismo implantado no Brasil trouxe um

³⁷ “Martha Hite Watts nasceu em Bradstown, Kentucky, em 13 de fevereiro de 1845. (...) Ainda jovem mudou-se para Louisville onde se formou professora e frequentou a Igreja Metodista Broadway, perdeu o noivo durante a Guerra de Secessão e permaneceu solteira. Como missionária e educadora ela criou várias instituições educacionais no Brasil: Colégio Piracicabano – 1881; Colégio Americano – 1895; Colégio Mineiro – 1902; Colégio Izabella Hendrix – 1904”, segundo Silva (2008, p. 28).

conservadorismo da velha escola onde não se debatiam questões relativas à igualdade de gênero. Tal comportamento não é surpresa, porque alguns dos plantadores de igrejas que aqui aportaram graduaram-se na Universidade de Princeton, fundada no século XVIII, que manteve as portas fechadas ao sexo feminino até na década de 60 do século passado.

Nesse íterim, surgiu o movimento feminista, levantando, dentre as muitas bandeiras, a reconstrução da interpretação bíblica para reverter o tão desfavorável quadro da mulher na igreja e na sociedade. Uma das teóricas, Fiorenza (1992, p. 26), propôs uma hermenêutica feminista, mas esclareceu:

“a formulação de uma hermenêutica histórica feminista deve não só traçar a mudança cultural geral de um paradigma androcêntrico para um paradigma feminista de construção e mudança da realidade, mas também discutir os modelos teóricos da hermenêutica bíblica e suas implicações para o paradigma cultural feminista.”

Por sua vez, Ivone Gebara elogiou os avanços das teologias feministas, por ter conseguido diminuir, de certa forma, a hierarquia histórica entre homens e mulheres. No entanto, critica algumas teologias que guardam, talvez sem perceber, a noção da unicidade de Deus, e, por conseguinte, se preserva a herança hierárquica patriarcal, sem questionar os seus fundamentos. Gebara introduz o pluralismo como base à compreensão do sujeito e de seu imaginário. Nesse caso, Gebara (2007, p. 44) ressalta “que as formulações e as doutrinas consideradas verdadeiras absolutas e universais tenham de certa forma seu conteúdo absolutista desmascarado.” Gebara (2007, p. 45) continua:

“o cristianismo de hoje, assim como outras religiões, vive ainda de uma concepção imperialista do que é chamado de universal. (...) O universalismo da verdade sempre foi imperialista, androcêntrico e etnocêntrico e corresponde a interesses particulares afirmados como vontade de Deus. (...) A universalidade era sinônimo de centralismo político e cultural, assim como legitimação para as diferentes formas de dominação”.

Assim, qualquer atitude referente à questão de gênero no cristianismo começa por depender dos textos bíblicos que se escolham, e depois da forma como cada um interpreta a Bíblia. Considerando-se os três maiores grupos da cristandade, a Igreja Católica Romana, a Igreja Ortodoxa e a Igreja Protestante há uma diferença hermenêutica substancial entre cada grupo cristão; a saber: o primeiro grupo é, inquestionavelmente, o mais infenso à consagração de pastoras; pois está em vigor uma “declaração do Vaticano contra a ordenação de mulheres” (FIORENZA, 1992, p. 30), o romanismo é monárquico e o ministério eclesial piramidal; e, por força da tradição religiosa, a sucessão apostólica, é exclusivamente masculina. Igualmente, na Igreja Ortodoxa, prevalece a milenar tradição cultural oriental aonde as relações entre homens e mulheres são bem definidas, e a mulher ocupa, via de regra, posição subalterna.

“Uma visão menos radical, mas ainda desigualitária e que hoje se encontra entre alguns grupos protestantes, é a de que as mulheres têm um papel diferente, mas complementar ou subordinado aos homens” (DRURY, 1999, p. 60). Algumas igrejas como “os Quacres, os Metodistas, os Batistas e algumas províncias da Comunidade Anglicana, tratam as mulheres em pé de igualdade a todos os níveis e algumas as designam como ministras, sacerdotisas ou mesmo bispos” (DRURY, 1999, p. 61). No protestantismo brasileiro a questão é complexa, e a opinião dos tradicionais vai desde ao veto explícito até a efetiva prática da ordenação feminina, como disse Waldyr Carvalho Luz³⁸, em entrevista a *Ultimato*, edição de mar/abril 2011:

“Possivelmente, em nenhuma das denominações históricas brasileiras haja unanimidade, seja favorável, seja desfavorável

³⁸ Waldyr Carvalho Luz é professor aposentado da Universidade de Campinas – UNICAMP, e tem um longo magistério (atuante aos 94 anos de idade) no Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas, SP. Sua opinião é importante porque é doutor em Filosofia do Novo Testamento pelo Princeton Theological Seminary, ao afirmar que “a IPB, mais cedo ou mais tarde, terá de ceder à pressão dos fatos,” à ordenação feminina.

à ordenação feminina. Em alguns casos, os que discordam da posição oficial se acomodam, passivamente, em outras, reagem, em graus variados, mais ativamente. Assim é que, na atualidade, denominações tais como a Luterana, a Metodista, a Episcopal, a Reformada, a Presbiteriana Independente, a Presbiteriana Unida, admitem o ministério feminino; a Batista e a Congregacional, menos centralizadas, ensejam diferentes posturas, segundo as circunstâncias; as igrejas de cunho conservador ou fundamentalista, opõem-se vigorosamente. A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), porém, é, oficialmente, a mais radicalmente infensa.”

No pentecostalismo, a discussão da questão de gênero assemelha-se ao protestantismo tradicional. As igrejas do pentecostalismo clássico são as mais radicais e fechadas à ordenação da mulher, já as renovadas são mais abertas ao ministério feminino e as autônomas permitem que ambos os sexos assumam cargos eclesiásticos sem restrição alguma. No caso do Betel Brasileiro, ao que parece, a questão de gênero, em seu aspecto pastoral, está mais associada ao fator mercadológico do que ao rigor doutrinário ou teológico propriamente dito. Tal suspeita advém da fala que Lídia Almeida, fundadora da instituição, externou à jornalista Cláudia Mércia Miranda (2010, p. 153) que lhe questionou: “Por que a senhora não defende a ordenação de mulher?”

“Não prego a ordenação da mulher, por algumas razões. Primeiro, não acho absolutamente necessário que ela seja pastora, a não ser em casos especiais, em campos missionários onde não há homens que possam exercer esta função. Segundo, apesar de crer que a Bíblia não põe nenhum embaraço, eu, como mulher escolhida por Deus para um obra interdenominacional, respeito o princípio de todas as denominações com realismo e sabedoria (...). Eu ensino que a mulher tem de seguir o que Deus diz na Palavra e ensino que devem obedecer aos princípios de cada denominação; (...). Terceiro, não preciso fazer uma proposta de ordenação para mulheres, porquanto elas continuam sendo tão bem usadas por Deus e fazem um serviço tão bonito sem necessitar ser ordenadas. Eu convivo no Betel Brasileiro com muitas mulheres que fundaram igrejas, constroem templos e cuidam de rebanhos, com todo o amor, capacidade e vocação (...). Em quarto lugar, enquanto as denominações todas não se definirem nesta questão, enquanto

houver questionamento, o Betel Brasileiro não vai ordenar nenhuma mulher (...)" (sic).

Assim fica bem claro que, no meio eclesiástico protestante, o assunto das relações entre homens e mulheres ainda levanta discussão. Possivelmente, a querela da ordenação de pastora dure por mais alguns anos, antes de cair no esquecimento e desaparecer da agenda dos concílios religiosos. No entanto, esse fato não causa tanta estranheza porque só mui recentemente se elegeu uma mulher para o cargo máximo do Brasil. Então, é possível que a eleição de uma mulher à presidência do país sinalize ou acelere o processo de desmantelamento do modelo patriarcal introduzido pelos pioneiros colonizadores católicos de um lado, e pelos missionários protestantes de outro que verazmente influenciou na formação sócio-cultural e religiosa do brasileiro.

Capítulo 3

A TRANSIÇÃO DO BETEL ESTRANGEIRO PARA O BRASILEIRO

O Instituto Bíblico Betel Brasileiro tem setenta e sete anos de história que pode ser dividida em duas etapas. Em primeiro lugar, a instituição foi originalmente chamada de Instituto Bíblico Betel³⁹, um educandário exclusivamente para moças protestantes. Ele surgiu no sertão paraibano no terceiro decênio dos anos trinta do século XX, e por trinta e quatro anos esteve sob o controle da missão estrangeira que o fundou, a União Evangélica Sul Americana (UESA)⁴⁰. A segunda etapa corresponde ao período do abraqueiramento, não apenas no nome da instituição, mas efetivas mudanças foram introduzidas pela administração nacional que a projetou no Brasil e no mundo.

Pesquisando a origem UESA descobriu-se que esta missão protestante estrangeira surgiu a partir dos debates missionários que tiveram lugar na Conferência Missionária Mundial realizada em Edimburgo, em 1910. O evento superou os demais porque contou com a presença de mais de 1.200 pessoas, e Latourette (2006, p. 1828) chamou-a de a mais notável assembleia

³⁹ A palavra Betel origina-se da língua hebraica que se traduz por “casa de Deus”. A expressão aparece na Bíblia Hebraica, e faz alusão ao sonho de Jacó em que viu “posta na terra um escada cujo topo atingia o céu; e os anjos de Deus subiam e desciam por ela”. Ao acordar, temendo, disse: “Quão temível é este lugar! É a *Casa de Deus*, a porta dos céus” Gn 28.12,17.

⁴⁰ A nota esclarece que as fontes primárias sobre os anos que a UESA dirigiu o Instituto Bíblico Betel estão em arquivo na cidade de Londres segundo algumas missionárias que atuaram junto essa missão que não mais existe, porque se fundiu com outra agência e hoje denominada *Latin Link* (www.latinlink.org/international/who-we-are/history). Portanto, não foi possível resgatar documentos oficiais da UESA, então, fontes secundárias foram utilizadas, por exemplo: a dissertação de mestrado de Ekström (1998).

internacional e interdenominacional de todos os tempos. Contudo, a exclusão da América Latina das discussões missionárias gerou forte resistência por parte das missões protestantes, porque elas entendiam que tal atitude favorecia os católicos (LATOURETTE, 2006, p. 1830). Os protestantes alegavam que o cristianismo católico romano não havia erradicado o paganismo nem conseguido civilizar o nativo latino (WIRTH, 2009). Em 1911, em razão dessa visão etnocêntrica europeia, três missões estrangeiras que operavam na América Latina fundiram-se – “The South American Evangelization Mission” (Missão Evangelizadora da América do Sul), atuava na Argentina, a “Regions Beyond Missionary Union” (União Missionária além das Regiões) operava no Peru e “Help for Brazil” (Socorro para o Brasil) – dando origem à missão União Evangélica Sul Americana (UESA).

3.1 O *Betel estrangeiro*

A visão da missão UESA⁴¹ desdobrava-se em dois propósitos: apoio e consolidação das igrejas estabelecidas no país. Na consolidação, os missionários estrangeiros trabalhavam de maneira conjunta com os obreiros nacionais. Houve um período em que “a União das igrejas Evangélicas do Brasil e a Igreja Cristã Evangélica do Brasil juntaram-se num só organismo que recebeu o nome de União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil”, segundo Porto Filho (1997, p. 40), parceria que durou até o final da década de sessenta.⁴²

⁴¹ Em 1935 a missão UESA passou a ter duas lideranças autônomas: uma britânica que mudou de nome para *Latin Link* (www.latinlink.org/international/who-we-are/history) e outra norte-americana, hoje denominada *Avant ministries* (<http://www.avantministries.org/history.html>), resultado da fusão da *Gospel Missionary Union* e a *Brazil Gospel Fellowship*.

⁴² A missão UESA exerceu um papel destacado no cenário do Movimento Missionário Evangélico do Brasil. Por exemplo, a UESA mediou a união das Igrejas Cristãs Evangélicas com as Congregacionais, de 1942 a 1968 – dados extraídos do site da A ICESO (Igreja Cristã Evangélica do Setor Oeste). Disponível em: <http://www.iceso.com.br/site/igreja.php?l=historia>. Ainda, em 1964, a UESA criou a Missão Informadora do Brasil (MIB) que patrocinou os

O segundo propósito significou uma cooperação mais ampla com as denominações do protestantismo histórico⁴³ que se efetivava na abertura de escola bíblica e teológica em que acontecia o treinamento de moças para suprir as igrejas locais. Ao término do aprendizado, elas assumiam diversos cargos na hierarquia eclesiástica, mas devido à tradição patriarcal reinante nas missões de então, as moças betelinas eram excluídas do ministério pastoral.

Além de plantar igrejas, a educação foi também um objetivo do protestantismo de missão que se utilizava do “magistério qualificado feminino”, disse Mendonça (2008, p. 149). Desta forma, a chegada das missionárias canadenses Nellie Ernestine Horne e Esther Blowers, ambas educadoras⁴⁴, marcou o começo do Instituto Bíblico Betel, em 1935. O educandário feminino evangélico foi instalado em Patos, sertão da Paraíba. Nesses anos, o contexto sócio-econômico era de extrema pobreza e prevalecia o analfabetismo, haja vista que “em 1960, os analfabetos paraibanos atingiam um percentual de 66,8%, sendo que na faixa etária dos 15 a 35 anos, um percentual de 54,8% não sabia ler nem escrever”, afirmou Scocuglia (2003, p. 171). Conclui-se, então, que a chance das sertanejas nordestinas de ascender na escala social através da educação continuada era verdadeiramente mínima.

Ciente das dificuldades, a escola da UESA, dirigida por Ernestine Horne oferecia às moças protestantes o ensino fundamental e uma educação complementar de qualidade. Miranda (2008, p. 16) conta que a educadora

primeiros encontros entre líderes evangélicos nacionais para incentivá-los a fundar uma entidade brasileira Os esforços da MIB foram coroados com a fundação da Associação de Missões Transculturais Brasileiras (AMTB), em 27 de fevereiro de 1982, da qual o Betel Brasileiro figura um dos fundadores (EKSTRÖM, 1988). E cooperou para que o Instituto Betel se tornasse uma organização totalmente brasileira.

⁴³ Supõe-se que diversos fatores contribuíram para a exclusão das igrejas pentecostais do apoio da missão UESA: o divisionismo que os pentecostais causaram na sua introdução no Brasil, originando a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus, o sectarismo de cada grupo e ademais a misoginia declarada dos primeiros pentecostais.

⁴⁴ Por volta de 1949, outra educadora canadense Doris Woodley, chegou ao Brasil para se juntar à equipe docente do Instituto Bíblico Betel.

canadense “implantou uma educação teológica e profissionalizante”; ensinava na prática corte de costura, ao produzir uniforme para as alunas, culinária, ao preparar as refeições do internato e ministrava aula de música, ao tocar órgão. Todavia, o atendimento da demanda social do período não era uma exclusividade betelina, pois nos internatos femininos católicos havia também uma programação idêntica⁴⁵.

No entanto, observou-se que os educandários católicos procuravam manter o *status quo*, porque treinavam moças da elite oligárquica para serem refinadas esposas e as pobres para exercer função de domésticas. O diferencial do Betel estava no ensino inclusivo; isto é, as moças recebiam uma mesma formação e atenção por parte da direção da escola, independentemente da procedência familiar ou de sua condição sócio-econômica. O alvo consistia em moldar as jovens alunas na ortodoxia reformada enfatizando a ortopraxia. Para tanto, elas recebiam treinamento todo direcionado para uma vida de serviço humanitário igualitário a ser desempenhado tanto na igreja quanto em outras instituições.⁴⁶

⁴⁵ Em 1859 a Igreja Católica inaugurou na cidade de Itu, interior de São Paulo o primeiro colégio católico do Brasil e ponto de partida para a instalação de uma rede ultramontana na segunda metade do século XIX. O pressuposto da estratégia resumia-se em educar a menina conforme os preceitos católicos; no futuro, exerceria influência sobre o marido e os filhos. Em regime de internato, oferecia-se curso de primeiras letras e de „polimento socio-cultural“, com ensino de línguas estrangeiras, música, pintura, trabalhos de agulha e etiqueta; isso tudo destinado preferencialmente às jovens da oligarquia. Havia o externato, onde a educação limitava-se quase que exclusivamente ao proselitismo. Visava-se a acolher as de família pobre que, de outra maneira, seriam cooptadas pelas escolas gratuitas protestantes. Para essas meninas, reservava-se um curso preparatório para exercer função de empregada doméstica ou de professora para a rede pública (MANOEL, 1996).

⁴⁶ Menciona-se aqui o caso de Everalda Duarte de Souza, relatado por Santos (2003), que se graduou em 1950, serviu junto a sua igreja em Feira de Santana, Bahia. Em 1956 mudou-se para Belo Horizonte para trabalhar em uma livraria evangélica, posteriormente foi funcionária da Associação Evangélica Beneficente de Minas Gerais, desligou-se da empresa para se casar com um pastor presbiteriano de Belo Horizonte. Diga-se que as moças que optavam pelo matrimônio, geralmente, escolhiam casar com pastor para continuar nas atividades religiosas. Isso é verdadeiro porque, das seis ex-betelinas pesquisadas duas são casadas, uma assumiu o pastorado e a outra é pregadora itinerante.

3.1.1 *Modus vivendi*

Na década de 1940 o Betel transferiu-se para João Pessoa; a rotina betelina começava às 5 horas da manhã e o toque de recolher às 22 horas indicava o horário de silêncio. As regras do internato beiravam à disciplina militar: roupa padronizada, jornada contínua de 17 horas distribuídas em oração, meditação, asseio, café, serviço doméstico, culto, aula, intervalo, almoço, descanso, tempo livre, banca de estudos, banho, jantar e grupo de oração; sendo que algumas destas tarefas repetiam-se ao longo do dia. A folga semanal ocorria aos sábados, era o momento de lazer e recreação em que se aproveitava para realizar compras ou curtos passeios. Porém, segundo o regulamento interno, esses momentos aconteciam somente com o acompanhamento de outra colega, mesmo elas sendo inconfundíveis pelos populares em razão dos costumeiros cabelos cumpridos.

No relacionamento coletivo, se chamavam de “irmãs” e Ernestina era como uma “mãe” para com todas; e, cada noite uma das alunas reunia-se com a diretora para compartilhar suas experiências cotidianas, seguido de aconselhamento e oração conjunta. Daí se infere que a partir do ambiente e da convivência fraterna, as adolescentes, longe do lar, criavam uma família imaginária; e, o sentimento era realimentado pela conversa noturna junto ao gabinete da líder do educandário. Assim se atesta que o cuidado da escola produzia um forte sentimento de pertença, afastando ou minimizando as consequências nefastas da anomia. Isto é, se a crise existencial não fosse adequadamente tratada, corria-se o risco da evasão escolar, o que implicava diretamente na diminuição da entrada de recursos financeiros das mensalidades, mas dizia-se que o dano maior estava, sobretudo, no retorno precoce da moça à terra natal sem completar a formação religiosa.

3.1.2 *Modus operandi*

A unidade do grupo se dava também em torno do trabalho evangelístico e da classe para crianças que se realizavam semanalmente em vários bairros da cidade. As professoras constituíam-se em modelo a ser imitado, seja no estudo teológico, nos atos devocionais ou na visitação dos casebres dos lugares periféricos dos rincões nordestinos. Nesse sentido, o ensino e a piedade representam os lados da mesma moeda. Aos domingos, pela manhã, as betelinas eram convidadas pelos pastores para ministrar lição bíblica nas Igrejas locais; e, à noite, todas participavam do culto, na Igreja Congregacional em Cruz da Armas, bairro onde se construiria, em 1949, a sede permanente da instituição e um prédio que abrigaria quarenta em regime de internato.

Entretanto, o educandário feminino protestante conhecido, como Betel canadense, numa alusão à nacionalidade das missionárias pioneiras, fechou as portas no limiar da década de setenta. Nos seus trinta e três anos de atividades, a escola evangélica para moças formou, segundo Santos (2003, p. 18), mais de cem alunas que no cumprimento da vocação religiosa tomaram rumo no diversificado mundo protestante brasileiro. Os anos de convívio, os valores religiosos compartilhados, o trabalho prático deixava uma marca permanente na vida de muitas jovens que por ali passaram. Eis que o zelo pelo estudo bíblico, o amor pela evangelização, o companheirismo, o cuidar dos carentes, e, sobretudo, a consagração a Deus, caracterizavam o ambiente betelino. Enfim, não obstante o encerramento do Betel estrangeiro, o *habitus*⁴⁷ religioso, o *modus vivendi* e o

⁴⁷ O conceito de *habitus* em Durkheim (1995) aplica-se também à situação de internato, instituição social completa, onde a educação é integral e estaria organizada de maneira a produzir um efeito profundo e duradouro. Para Bourdieu, *Habitus* é um instrumento conceptual que auxilia a apreender certa homogeneidade nas disposições, nos gostos e preferências de

operandi sobreviveram na estrutura do Betel Brasileiro, que avançou além das fronteiras nacionais.

3.2 O Betel brasileiro

Conforme visto, os anos 60 ensejaram mudanças no cenário nacional e internacional e tal contexto permitiu a abertura de uma nova página na história betelina; isto é, a transição do educandário protestante tradicional, controlado pela missão britânica UESA para o Betel Brasileiro que assumiu valores pentecostais. Até a conclusão da transição, foram três anos de negociação entre a missão estrangeira e a liderança nacional encabeçada pela ex-aluna e professora da instituição Lídia Almeida de Menezes, que há nove anos residia nas dependências da escola.

Logo se conclui que a transferência de controle administrativo foi pacífica, visto que a educadora Lídia possuía os predicados necessários para gerenciar o Betel abrazeirado. Pois, na juventude, ela ingressou no Instituto Betel dedicando-se aos estudos e a prática sócio-religiosa. Graduou-se em 1948 e logo retornou à cidade natal, São José de Piranhas, sertão da Paraíba, em que começou a carreira missionária e despontou-se como líder na sua denominação, União das Igrejas Cristãs e Congregacionais do Brasil. Na caminhada profissional, lecionou no Instituto Bíblico Goiano e no Colégio Couto Magalhães, em Anápolis, foi professora e diretora do Departamento de Educação de Base estadual da Paraíba. Por fim, em 1968, a educadora Lídia Almeida assumiu o comando da antiga instituição, dando-lhe contorno brasileiro e um norte expansionista, mas não se afastou da práxis apreendida no velho Betel.

grupos, “capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades” (SETTON, 2002, p. 63).

O que motivou tal transição? Por que a transação se deu pacificamente? Em que medida a nova direção preservou a visão da antiga administração? Quais os rompimentos que se processaram entre as instituições? Das muitas questões levantadas uma é crucial: Por que a missão UESA encerrou as atividades educacionais do Instituto Bíblico Betel da Paraíba?

Na tentativa de compreender a ação da UESA, utilizar-se-á a hipótese da moratória missionária como ferramenta para verificar a suspeita a respeito do fechamento do Betel estrangeiro. Winter (1970, p. 12) sugere que o fenômeno da retirada Ocidental seguiu um padrão no declínio da política imperialista e a Segunda Grande Guerra foi o divisor de águas nesta questão. Isto implica dizer que a política imperialista vigorou até 1945, visto que até o período 95% do mundo não-europeu estava sob o domínio do ocidente caucasiano. Mas, no princípio da década de setenta 99.5% dos povos não-ocidentais havia se tornado independente. Sendo assim, as agências missionárias europeias e norte-americanas seguiram a mesma orientação das potências ocidentais retirando do campo africano, asiático e latino-americano parte do pessoal de linha de frente. Embora atraente, não foi possível comprovar a hipótese devido à extinção da missão UESA que se juntou a outras organizações.

Por outro lado, se tem uma versão do Betel Brasileiro justificando a sua existência da seguinte maneira:

“Na segunda metade da década de 1960, o Nordeste evangélico brasileiro vivia um momento ímpar: o movimento da renovação espiritual. Alguns professores, inclusive Lídia Almeida, e alunas do Instituto Bíblico Betel foram impregnados pelo real mover do Espírito Santo. A UESA não aceitou o envolvimento do Instituto com a renovação espiritual e decidiu-se a fechá-lo, em 1968.”⁴⁸

⁴⁸ A história oficial do nascimento do Instituto Bíblico Betel Brasileiro está disponível no site da instituição em: http://www.betelbrasileiro.com/viewpage.php?page_id=1. Acesso: 24/04/2011.

Em meio ao movimento de renovação espiritual dos anos sessenta, os pastores batistas pastores Rosivaldo Araújo e Enéias Tognini chegaram a João Pessoa em 1966 e propagaram a doutrina pentecostal nas igrejas históricas e seminários tradicionais.⁴⁹ Assim sendo, o Betel tornou-se uma instituição híbrida, da categoria do pentecostalismo renovado, assunto discutido no capítulo 2. Então, se entende que a missão UESA de princípios tradicionais foi coerente em seu procedimento cultural ao extinguir o educandário feminino que estava sob sua administração e pondo à venda seu imobiliário.

Nota-se que na transição do Betel estrangeiro para o Betel brasileiro, houve a forte influência do subjetivismo religioso. Isso esclarece as inovações que se introduziram na re-fundada organização calcadas na experiência religiosa, a começar pela nomenclatura da instituição, relatada pela nova diretora, Menezes (1998, p. 30):

“Em 1968, numa manhã dentro do gabinete onde eu exercia a função de diretora do Departamento de Educação de Base da Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Paraíba, ouvi o Senhor dizer-me: Pede-me e Eu darei as nações por herança e os confins da terra por possessão (Sl 2:8). Indaguei: „Senhor, como posso conquistar as nações para ti? “A resposta foi definida: „Funda o Instituto Bíblico Betel Brasileiro com o propósito de treinar jovens para a obra de Missões transculturais”.

Como visto, o texto sugere que a denominação Instituto Bíblico Betel Brasileiro resultou da experiência religiosa pessoal de Lídia Almeida. Para William James (1842-1910) a experiência religiosa pode ser compreendida pelo viés místico que se manifesta em quatro estados: inefabilidade, transitoriedade, passividade e *noetic quality* (qualidade racional ou intelectual). Na opinião de James (2003, pp. 366-367), os estados místicos são semelhantes ao estado de

⁴⁹ Os pastores batistas Rosivaldo Araújo e Enéias Tognini percorreram o Brasil ensinando a respeito do Batismo do Espírito Santo, não tinham a intenção de romper com a Convenção Batista Brasileira - CBB, mas, em 1964 criou-se a Convenção Batista Nacional - CBN. Do ponto de vista da prática e orientação doutrinária, são pentecostais, no plano da estrutura eclesial permanecem batistas tradicionais.

sentimento e parecem também ser estados de conhecimento. Esses são estados de *insight* de verdades não perscrutadas ou alcançadas pelo intelecto discursivo. Em outros termos, *Insight* corresponde a uma visão interior, percepção, iluminação, revelação cheia de significado e relevância pessoal.

Sabe-se ainda, que no pentecostalismo a experiência religiosa extrapola o limite da razão e valida a ação humana. Portanto, na sua crença pentecostal, Lídia Almeida não duvidou da voz Ihe falara; por isso, em 22 de dezembro de 1968, reuniu doze sócios e dezesseis pastores de diversas denominações para constituir uma Assembléia Geral e oficializou a fundação do Instituto Bíblico Betel Brasileiro.

O INSTITUTO BÍBLICO BETEL BRASILEIRO, também designado IBBB ou BETEL BRASILEIRO é pessoa jurídica de direito privado, organização religiosa de fins não econômicos, de caráter cristão evangélico, educacional, cultural e de assistência social, de fato, foi fundado em 22 de dezembro de 1935, com o nome de INSTITUTO BÍBLICO BETEL, sob a liderança da União Evangélica Sul Americana - UESA, entidade com sede nos Estados Unidos da América do Norte e, de direito, em 22 de dezembro de 1968, com Estatuto Social primitivo devidamente registrado no Cartório Toscano de Brito, 2º Ofício de Notas, João Pessoa, Estado da Paraíba, no Livro A-010, Fls.13, sob o número 14.530, declarada de Utilidade Pública Federal pelo Decreto nº. 86.174, de 02 de julho de 1981, de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 3.699, de 07 de novembro de 1972 e, de Utilidade Pública Municipal pelo (a) Decreto Lei nº. 1.572, de 10/ 10./1971.

Deste modo, a experiência religiosa consubstanciou-se na formalização do estatuto social da instituição, é a concretização do pragmatismo pentecostal. Salvo a crença na contemporaneidade dos dons espirituais apontados no item 11º da confissão de fé betelina, o Betel brasileiro representa uma continuidade do Betel canadense que possuía uma orientação doutrinária reformada.

3.2.1 *Confissão de fé betelina*

Assim, na declaração de fé betelina crê-se:

1. Na existência de um só Deus que subsiste em três pessoas, com igual essência, poder e glória: Pai, Filho e Espírito Santo – Mt 28.18-19; Mc 1.10-11; 2Co 13.13.
2. Na soberania divina, seus decretos e atributos eternos e imutáveis – Dt 4.39; 33.39-40; Is 46.9-10; 1Cr 29.11-12; Ap 4.11.
3. Na plena e divina inspiração das Escrituras canônicas (os sessenta e seis livros), sua inerrância, infalibilidade, sua única e final autoridade e suficiência em assuntos de fé e prática – 2Tm 3.16-17; 2Pe 2.20-21.
4. Na criação do homem à imagem e à semelhança de Deus, com um espírito imortal, a queda de toda a humanidade em Adão, sua conseqüente depravação total e sua necessidade de regeneração – Gn 1.26; Rm 3.23; 5.12.
5. Na responsabilidade moral do homem diante do Criador e as conseqüências temporais e eternas de suas decisões – Rm 14.11-12; Gl 6.7-9; Ap 20.11-12.
6. No propósito divino de oferecer salvação ao pecador, através do sacrifício de Cristo na cruz do Calvário – Jo 3.16; 2 Co 5.19-20.
7. Na divindade do Senhor Jesus Cristo, o unigênito Filho de Deus, único mediador entre Deus e os homens, sua eterna pré-existência, sua encarnação; seu nascimento virginal, sua vida sem pecado, sua morte expiatória e vicária, sua ressurreição corpórea, sua ascensão e intercessão pelos salvos – Jo 1.1-2,14,18; 1Co 15.1-4; Fp 2.5-11; Hb 7.24-25.
8. Na justificação somente pela graça mediante a fé em Cristo Jesus, concedida por Deus e assegurando a salvação eterna dos filhos de Deus – Jo 1.12-13; 5.24; Rm 1.1-5; 5.1-5.
9. Na atuação indispensável do Espírito Santo para a regeneração do homem pecador, para a santificação e capacitação dos crentes no testemunho autêntico de Cristo – Jo 14.26; 16.7-8; At 1.8; Gl 5.16-18; Ef 1.13-14.
10. Numa única igreja universal e apostólica, que é o corpo de Cristo, da qual Ele é o cabeça – Mt 16.16-19; Ef 1.20-23; 5.28-32; 1Co 12.12-31; 1Tm 3.15.
11. Na contemporaneidade dos dons ministeriais e espirituais dados para o serviço sagrado – Rm 12.3-8; Ef 4.11-14; 1 Co 12.1-11.
12. Na existência dos anjos eleitos e caídos e da pessoa de Satanás, suas obras e sua condenação eterna – Rm 16.20; 1Tm 5.21; 2Pe 2.4; Ap 20.7-10.
13. Nas ordenanças de Cristo Jesus para sua igreja: batismo e ceia do Senhor – Mt 26.26-29; 28.18-20; Mc 16.15-16; 1Co 11.23-33.
14. Na responsabilidade imperativa da igreja local no cumprimento da sua missão histórica: adoração, edificação e proclamação do Evangelho a todos os povos da Terra – Mt 28.18-20; Mc 16.15-16; At 1.8.
15. No compromisso da missão integral da igreja: o Evangelho pleno para todos os homens – Mt 22.34-40; 25.31-46; Lc 10.25-37.

16. Na visível e pessoal segunda vinda do Senhor Jesus Cristo, a ressurreição corpórea dos salvos e sua eterna bem-aventurança para a glória eterna e a punição eterna dos perdidos – 1Ts 4.13-18; Ap 20.11-15; 21.1-8.

Outros pressupostos reformados foram preservados, tais como: a Bíblia é estudada de maneira sistemática e a Bíblia é intérprete de si mesma. Embora o Betel Brasileiro pertença ao pentecostalismo, ele não é misógino como as instituições pentecostais da primeira geração, pois o Betel Brasileiro entende que a argumentação científica (histórica, antropológica, sociológica, arqueológica) colabora com o estudo religioso, e o criticismo bíblico é uma tentativa racional para se compreender as Escrituras cristãs. Se na ortodoxia o Betel Brasileiro de categoria pentecostal aproxima-se das instituições categorizadas como históricas, na práxis o distanciamento entre pentecostais e tradicionais é mais do que patente.

Enquanto o dualismo tradicional é platônico, pensa-se na divisão entre o corpo e a mente onde a objetividade é o parâmetro para aferir todas as coisas, o dualismo pentecostal é ahistórico, subjetivo. Crê-se no confronto terrestre *versus* celeste. A narrativa de Santos expressa uma mente pentecostal.

“Na vida cristã enfrentamos lutas espirituais. Sabemos que existem no mundo espiritual duas forças: a divina e a diabólica. A primeira é mais poderosa e que representa o bem; a segunda é fraca, se anula diante de Deus e representa o mal. (...) O reino do Filho Jesus é o reino de Deus Pai, o reino da luz. No mundo espiritual, invisível aos nossos olhos, existe uma guerra entre o reino das trevas e o reino da luz. (...) Chegando no Seminário, fomos avisados desta luta espiritual e advertidos para nos revestirmos da armadura de Deus” (SANTOS, 2003, pp. 85-86).

O relato da Sônia Duarte dos Santos, ex-betelina da turma de 1984, explicita a crença em seres invisíveis maléficos e para se proteger dos tais é necessário equipar-se com a “armadura de Deus”⁵⁰. Apesar de não se negar a

⁵⁰ A expressão “armadura de Deus” aparece no Novo Testamento, mais precisamente na carta que Paulo enviou aos cristãos da cidade de Éfeso da Ásia Menor, hoje Turquia.

influência demoníaca sobre as pessoas, o ensinamento teológico tradicional dá pouca ênfase na atuação de Satanás e seus agentes e minimiza a contemporaneidade dos espirituais (cura, revelação, profecia, línguas, sonho). Portanto, não há novidade alguma em dizer que instituições do “protestantismo de missão” não partilham das mesmas ideias e valores subjetivos defendidos no protestantismo pentecostal. Entende-se que é uma questão de cosmovisão de cada grupo. O problema está nas categorias filosóficas subjacentes forjadas na construção sócio-histórica de cada segmento.

Dialogando com um dos discípulos, Sócrates, citado por Platão (1999, p. 167), admitiu que a verdade obtida através da experiência fenomenológica não é inferior a da argumentação racional.⁵¹

“Cheguei à conclusão de que deveria me servir da razão e olhar nela a verdade de todas as coisas. Talvez a imagem de que me sirvo não seja totalmente correta, já que nem eu próprio aceito sem ressalvas que a observação ideal dos objetos, que é uma observação por imagens, seja melhor que aquela que provém de uma experiência dos fenômenos”.

A experiência fenomenológica mencionada pelo filósofo, talvez seja a observada na vivência pentecostal do início da obra betelina; ali, optou-se pelo experiencial subjetivo em detrimento do racional objetivo. O que se afirma pode ser conferido nas narrativas do desenvolvimento do Betel Brasileiro. Certa vez, o Betel Brasileiro atravessava uma crise financeira; muitos alunos inadimplentes e não havia recursos suficientes para remunerar os professores, no momento agudo, pensou-se até em fechar o internato. Uma solução simples e racional seria solicitar um empréstimo bancário, no entanto, o caminho subjetivo, religioso foi o preferido. É nesse momento que entra em ação um dos fundamentos da

⁵¹ Segundo Platão, Sócrates foi condenado à morte sob a alegação de incentivar os jovens, a abandonar a tradição da crença nos deuses. Em sua defesa, Sócrates mostrou-se um devoto de Apolo, porque disse: “Acredito que sirvo a Apolo tão bem quanto eles, que estou, como eles, consagrado a esse deus, que não recebi menos que eles, de nosso divino mestre, a arte da adivinhação e não estou mais triste do que eles por abandonar a vida” (PLATÃO, 1999, p. 151).

cultura, ethos, betelino; chamado de operosidade da fé, conta Miranda (2010, p. 134) que a diretora do seminário convocou,

“todos os alunos e, em oração constante, pedimos ao Senhor ao menos cinquenta mil reais para cobrir os pagamentos mais urgentes clamando-lhe que tocasse o coração de algum amigo dele e suprisse a nossa necessidade urgente, livrando-nos dessa angústia tão grande.”

Ao término da oração ou da angústia, consultou-se o saldo bancário e havia um montante de 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros) na conta da instituição. “Que bênção! Que alívio! Até hoje não sabemos quem depositou esse dinheiro”, concluiu a fundadora Lídia Almeida (1998, p. 31).

Havia também o incentivo dos pastores, que entenderam que a nacionalização do Betel estrangeiro não afetaria a imagem de seriedade e tradição no treinamento de moças para a obra de evangelização. “O pastor Enéias Tognini nos deu apoio, encaminhando uma carta circular apresentando-nos às igrejas evangélicas onde ele exercia benéficas influências”, lembrou a diretora Lídia Almeida de Menezes (2010, p. 159). Revestido de valores do pentecostalismo moderno, o Betel agora brasileiro ampliou o trânsito no protestantismo brasileiro, tanto tradicional quanto pentecostal, e a prova da aceitabilidade do Betel rebatizado está no crescimento organizacional, assunto que será tratado no próximo capítulo.

3.2.2 O *ethos betelino*

Numa definição simples, “ethos” significa o conjunto dos costumes, dos valores, das ideias, das crenças e de hábitos característicos de uma determinada coletividade, povo ou instituição. A expressão “cultura organizacional” tem sido modernamente utilizada para se referir ao conjunto de hábitos, valores éticos e morais, crenças, políticas internas e externas que norteiam uma organização.

Desta forma, o ethos ou a cultura betelina compõe-se basicamente de sete princípios:

1. Dependência em Deus – as competências e habilidades devem estar submetidas à ação do Espírito Santo: em “humildade e obediência”.
2. Abnegação – servir doando-se a si mesmo pelo bem comum num espírito de cooperação: “amor”.
3. Operosidade da fé – tomar posse das promessas divinas: “fé prática”.
4. Formação – acompanhar o crescimento espiritual e o amadurecimento psíquico-sócio-cultural dos membros: “compromisso”.
5. Unidade – respeitar as diferenças denominacionais e disposição para aceitar opiniões divergentes: “visão da igreja como Corpo de Cristo”.
6. Responsabilidade para com a evangelização mundial e do exercício da missão integral da Igreja: “consciência missionária”.
7. Compromisso para com a preservação da verdade divina, no estudo, na pregação e no ensino da Escritura Sagrada: “luta pela verdade bíblica”.

Posto o pensamento fundante da instituição, segue-se o último capítulo do estudo, que trata da multiforme expansão do Betel Brasileiro. Neste se verifica que, apesar dos desafios apresentados, a nova administração, com um espírito empreendedor, soube aproveitar bem das improvisações, da criatividade e do inerente subjetivismo brasileiro, que resultou num crescimento organizacional que ultrapassou o território nacional.

Capítulo 4

A EXPANSÃO DO BETEL BRASILEIRO

O capítulo anterior enfocou a transição do antigo Betel tradicional e estrangeiro para o novo Betel brasileiro e pentecostal. Ali se observou seu aparecimento no final da década de 60 do século passado, os rompimentos e continuidade em que se preservou a tradição educacional e os antigos professores. O Betel remodelado ganhou contorno de uma administração moderna, uma visão revigorada, a missão, os objetivos foram reelaborados e uma notável expansão descrita nas páginas que se seguem.

4.1 Visão/missão/objetivos

Nota-se que o Betel Brasileiro deseja o selo de referência na educação teológica e missiológica, no Brasil e no mundo. Espera-se ainda que tenha um modelo gerencial auto-sustentado de qualidade capaz de alcançar as necessidades sociais do mundo pós-moderno, contribuindo assim com a edificação e missão integral da Igreja. E se estabeleceu que a missão betelina é formar discípulos de Cristo, para tal quatro departamentos foram criados: Coordenação Geral de ensino Teológico-Missiológico, Departamento de Missões Transculturais, Superintendência Missionária Eclesial, e Departamento

de Educação e Ação Social. O Estatuto⁵² Social do Instituto Bíblico Betel Brasileiro menciona doze objetivos institucionais: fundar seminários para o ensino bíblico, teológico e missiológico; fundar igrejas evangélicas; fundar agências missionárias; fundar escolas de educação infantil, ensino fundamental, médio e superior; fundar creches, orfanatos, asilos e demais entidades de assistência social; assistir as suas filiais nas relações com os Poderes Constituídos, com empresas públicas e privadas e com a sociedade em geral; ministrar cursos livres presenciais, à distância ou on-line.

Outros incluem educar e preparar, indistinta e alternativamente, homens e mulheres para a obra evangélica, eclesial, pastoral, missionária, educacional, beneficente, filantrópica e de assistência social; convênios ou contratos, com entidades congêneres ou afins e empresas privadas ou públicas do Brasil e de outros países, nos seus devidos níveis, especialmente, as que cuidam da educação, da cultura, da ciência e tecnologia, saúde e assistência social, para aumentar o intercâmbio do conhecimento e sua aplicação em ação no desenvolvimento social local, regional e nacional; editar livros, jornais, revistas, folhetos e materiais afins; promover encontros, exposições, conferências, simpósios e congressos e promover o voluntariado.

Assim, facilmente se presume que as ações empreendedoras betelinas se explicam através da “racionalidade pentecostal”⁵³. Veja o relato de Lídia Almeida de Menezes (1998, p. 30), fundadora-presidenta do Betel Brasileiro,

⁵² O Estatuto utilizado que contemplava as alterações legais exigidas pelo novo Código Civil Brasileiro em vigência desde de 12 de janeiro de 2003.

⁵³ O uso da expressão “racionalidade pentecostal” significa que a experiência religiosa pessoal é a base para se estabelecer uma verdade e a partir disso as decisões são tomada. Ainda que no estudo da conduta social weberiana o centro de referência seja a conduta lógica, porém ele não negligenciou os aspectos não-lógicos da conduta humana, o sentido subjetivo “na significação que lhes dão os próprios atores” (ARON, 1990, p. 474).

que em 1968 teve como experiência religiosa a convocação de Deus para fundar a instituição Betel.

“Sabia eu que um grande desafio surgiria à minha frente. Como iria começar? Com quem poderia contar? Onde encontraria jovens para serem treinados? E os professores? Deus respondeu a cada indagação feita, afirmando: „Eu sou o Senhor da seara. Trarei aqui jovens vindos de todo o país e até de outros países, para serem treinados neste lugar. Eu sou o dono do ouro e da prata; suprirei sempre cada necessidade”.

Deste modo, o levantamento de recursos para a compra do imóvel pertencente a missão UESA – um prédio de dois andares e uma casa residencial e terreno no total de 5.540 m² – orçado em Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros), aproximadamente USD\$ 45.500,00 (quarenta e cinco mil e quinhentos dólares) configurou-se num desafio real. Assim relembra a diretora Menezes (2010, p. 159):

“A época era de recessão no Brasil. As pequenas ofertas que foram sendo dadas, com amor e sacrifício, levaram-me a crer que realmente Deus estava no comando do negócio. Certa manhã chegou um sapateiro. Era um crente fiel que nos veio trazer uma oferta, dando o seguinte testemunho: „Irmã Lídia, a semana passada Deus falou ao meu coração que, durante sete dias, não comprasse manteiga para o meu pão; o dinheiro que seria gasto nesta compra doasse ao Betel para a aquisição do prédio.” Fiquei grata ao Senhor por essa nobre oferta de amor e sacrifício daquele simples sapateiro e por perceber que Deus estava a providenciar os recursos financeiros”

Verazmente, os anos 60 trouxeram inovações sócio-econômicas e políticas no mundo e o Brasil também foi atingido por tais mudanças. Veja que em 1964, a nação passou a ser governada por uma junta militar que reprimia quaisquer tentativas de se implantar modelo alternativo ao capitalismo.

Verdadeiramente, havia no período uma instabilidade político-econômica que produzia uma escassez financeira; todavia esses acontecimentos histórico-culturais não se tornaram em obstáculos à disposição religiosa da nova direção: “fizemos uma temporada de oração e Deus ouviu o clamor de Seu povo e enviou-nos oitenta mil cruzeiros, oferta vinda de muitos amados do Senhor” disse Menezes (1998, p. 31). Passado um ano, a instituição recebeu um aporte suficiente para saldar a dívida junto à missão estrangeira. O Betel é uma obra de fé pentecostal!

Apesar do caráter religioso esperado para a manutenção da instituição, as fontes de recursos econômico-financeiros foram concretas e objetivamente estabelecidas no estatuto da organização: contribuição das filiais; ofertas voluntárias dos associados; rendimentos ou rendas de seus bens, direito e serviço; donativos de pessoas físicas e jurídicas; doações espontâneas de bens por pessoas físicas ou jurídicas; auxílios e subvenções dos Poderes Públicos e repasses através de Contratos ou Convênios beneficentes, filantrópicos e de assistência social.

Embora os empreendimentos betelinos no país e no exterior fossem fruto da revelação divina, a execução passava pelo crivo de uma Diretoria Nacional⁵⁴, como se constata na entrevista que a diretora-presidenta concedeu à Revista Raio de Luz, em janeiro de 1998, por ocasião do aniversário de trinta anos do Betel Brasileiro, citada por Miranda (2010, p. 150):

RL – Em que a senhora se baseia para definir os projetos que o Betel Brasileiro deve empreender?

⁵⁴ No seu caráter associativo, o Betel Brasileiro é governado por uma Assembléia Geral Nacional, dirigido com autonomia administrativa e financeira pela Diretoria Geral Nacional e fiscalizado pelo Conselho para Assuntos Econômicos e Fiscais Nacional, conforme o Estatuto do Betel Brasileiro (Art. 24 do Capítulo 1 do Título IV – Do Governo e da Administração).

Lídia – “Como já foi dito, sempre recusei fazer planos, sem ter a convicção do que Deus primeiro me revela. Sempre tem vindo por revelação do Espírito de Deus ao meu coração cada trabalho que o Betel Brasileiro executa: às vezes, numa meditação bíblica ou em oração, às vezes por um sonho que realmente traga o diagnóstico de uma situação, às vezes lendo um artigo ou percebendo a realidade do que ocorre ao meu redor, descobrindo necessidade da obra – o Espírito fala lá no meu íntimo e aquela convicção vai aumentando. Continuo orando e Deus me confirma ser Ele que está dando aquela visão⁵⁵. Então eu firmo os planos e os levo à Diretoria do Betel, para serem estudados e aprovados”.

Não obstante o viés religioso, os empreendimentos do Betel Brasileiro são administrados com profissionalismo. Pois, para cumprir o estabelecido – visão, missão e objetivos – e assegurar sua sobrevivência num mercado globalizado e competitivo, o Betel Brasileiro vale-se de estratégias e técnicas da administração contemporânea. A começar pela divisão da organização em quatro departamentos, porém com nomenclatura distintas: Coordenadoria de ensino Teológico-Missiológico, Departamento de missões mundiais, Superintendência Missionária Eclesial e Departamento de Educação e Ação Social.

Deste modo, na visão da administração moderna, a descentralização gerencial é o foco recente em que cada Departamento é um centro de custo que deve gerar recursos para ser auto-sustentado. Isso quer dizer que os departamentos têm certa autonomia⁵⁶ que lhe permitem realizar transações

⁵⁵ As experiências religiosas pessoais podem ser compreendidas através do estudo fenomenológico de William James (1842-1910). Há quatro estados místicos que caracterizam a experiência religiosa: A *inefabilidade*, é uma experiência pessoal intransferível, há um interdito, não pode ser comunicado a outros. Mesmo parecido com estados de sentimentos, os estados místicos parecem ser também estado de conhecimento, eles são estados de *insight* de verdades não perscrutadas ou alcançadas pelo intelecto discursivo. *Insight* corresponde a uma visão interior, percepção, iluminação, revelação cheia de significado e importância; ainda que sejam inarticulados, via de regra carregam um curioso senso de autoridade para o tempo futuro. James chama esse estado místico de *noetic quality* (qualidade racional ou intelectual); a *transitoriedade* e a *passividade* são os demais estados místicos tratados por James (2003, pp. 366-367). Então, pode-se dizer, se aplicados os conceitos de William James, que a diretora Lídia vivenciava um “estado místico racional” quando das suas experiências religiosas pentecostais.

⁵⁶ A autonomia dos Departamentos é estatutária, pois cada unidade ou filial como reza no Estatuto, possui liberdade e responderá solitária e integralmente por “quaisquer obrigações

comerciais e tomar decisões rápidas, sem passar pelo trâmite burocrático e custoso⁵⁷ da convocação da Diretoria Nacional. O modelo é uma tendência no mundo empresarial, o qual foi incorporado pela gestão betelina. O resultado qualitativo e quantitativo será conferido no detalhamento de cada departamento.

4.2 *Coordenadoria de ensino teológico e missiológico*

Com base nessa divisão e para facilitar a compreensão do objeto em estudo proceder-se-á investigar as estratégias e a expansão betelina, a começar pela área que o antigo Betel iniciou suas atividades no sertão paraibano, o da educação teologia e missiológica para apoiar as igrejas evangélicas locais. No primórdio da instituição, na década de 30 utilizava-se a nomenclatura de “ensino bíblico e evangelização” e os cursos eram ministrados pelas educadoras canadenses.

Até onde se sabe, o Betel Brasileiro foi a primeira escola nacional a inserir a Missiologia como disciplina autônoma no estudo teológico⁵⁸. Nesse processo do início dos anos 70 destacam-se Leslie e Jullie Brieley, missionários britânicos, pois, enquanto os primeiros professores de missões da casa, representam um marco importante na história do estabelecimento do

econômicas, financeiras ou jurídicas, assumidas com terceiros”, cf. Art. 90 do Título VII – Das Disposições Gerais.

⁵⁷ O processo de uma convocação é burocrático e custoso porque se exige encontrar uma data comum na agenda dos membros da diretoria que residem, via de regra, em Estado diferente. Em segundo lugar, o país é de dimensão continental e o deslocamento demanda tempo e o dinheiro a ser gasto num assunto que pode ser resolvido localmente e comunicado posteriormente às instâncias superiores.

⁵⁸ O estudo teológico foi introduzido no Brasil no processo do desenvolvimento do “protestantismo de missão”, em meados do século XIX. À época, o estudo missiológico que tem a ver com o *apostolado*, com a complexa missão (às vezes transcultural) da Igreja, era considerado um apêndice da teologia prática, que se ocupa do *pastorado* da igreja. No entanto, vozes se levantaram a favor de uma autonomia acadêmica da missiologia. A partir de 1867, a cadeira de teologia evangelística ocupada por Alexander Duff passou a ser lecionada como uma disciplina missiológica independente. Mas, segundo Bosch (2007, p. 586), “foi, principalmente, devido ao empenho infatigável de Gustav Warneck – professor da Universidade de Halle (1896-1910) – que a missiologia acabou sendo estabelecida como disciplina independente”.

programa missiológico da instituição.⁵⁹ Mais tarde, isto é, no início dos anos 80, estabeleceu-se o internato masculino e o Curso intensivo de Missões Transcultural, coordenado pela Dra. Barbara Burns⁶⁰ e participação de Dr. Russell Shedd⁶¹, Dr. Gilberto Pickering⁶² que foi coordenador acadêmico no Seminário Teológico do Betel Brasileiro em João Pessoa, 1991-1994, e os pastores Décio de Azevedo⁶³, Edson Queiroz⁶⁴, Ken Kudo⁶⁵, e Hitoshi Watanabe⁶⁶, Jonathan F. Santos⁶⁷, Roberto Harvey⁶⁸ e outros mestres. Visando

⁵⁹ Leslie Brierly, foi missionário da WEC International (no Brasil, missão Amém), cf. Silva (2009, p. 166) a missão britânica fundada por C. T. Studd no século XIX, hoje com “1.819 missionários alocados em 80 países” (MANDRYK, 2010). Leslie trabalhou por 26 anos em Guiné Bissau antes de vir para o Brasil; morou em Recife entre 1971 e 1972, segundo Ekström (1988, p. 11), período em que, juntamente com Jullie, ministrou aulas no Betel Brasileiro, em João Pessoa.

⁶⁰ Barbara Burns, missionária americana, doutorou-se pelo Trinity Evangelical Divinity School (USA). Chegou ao Brasil em 1969 e tem trabalhado com diversas agências missionárias e escolas teológicas na área da missiologia (EKSTRÖM, 1998, p. 11).

⁶¹ Russell Philip Shedd, americano, filho de missionários americanos na Bolívia. Especialista em Bíblia possui Mestrado em Novo Testamento pelo Wheaton College Graduate School (USA) e doutorado em filosofia na área bíblica pela Universidade de Edimburgo (Escócia). Dr. Shedd e família chegaram ao Brasil em 1962, fundou a editora Vida Nova e a Shedd Publicações, autor, palestrante e professor de Novo Testamento em vários seminários (VAZ, s.d).

⁶² Wilbur (Gilberto) Norman Pickering nasceu em São Paulo, capital, de pais norte-americanos foi criado na Bolívia, até aos 11 anos de idade. Mestrado em Teologia pelo Seminário de Dallas, mestrado e doutorado em Linguística pela Universidade de Toronto (Canadá). Iniciou a carreira missionária no Brasil em 1961, trabalhou junto à etnia Apurinã no Amazonas. Autor de *The Identity of the New Testament Text* e *A Framework for Discourse Analysis*; Colaborou no preparo de *The Greek New Testament according to the Majority Text* e autor do livro “Guerra Espiritual”, CPAD. No Brasil, foi assessor chefe para tradução da SIL – Sociedade Internacional de Linguística (1967-1971); Secretário Executivo da AWTB – Associação Wycliffe para Tradução da Bíblia (1978-1984); Secretário e membro da Diretoria da ALEM – Associação Linguística Evangélica Missionária (1982-1986). Dados extraídos do site da “Escola Superior de Guerra, Missionária” – <http://www.esgm.org/portugues/pmenu.html>, Acesso em: 08/01/2011.

⁶³ O reverendo presbiteriano Décio de Azevedo foi diretor do Seminário Presbiteriano Renovado de Cianorte, Paraná, entre 1967 a 1978, co-fundador da Missão Antioquia, presidente da AETAL – Associação Evangélica de Educação Teológica da América Latina, mas vítima de câncer faleceu em 22/01/2007, informação disponível em: [HTTP://www.iprb.org.br/biografias/decioAzevedo.htm](http://www.iprb.org.br/biografias/decioAzevedo.htm), Acesso em: 08/01/2011.

⁶⁴ Edison Queiroz de Oliveira, pastor batista, autor do livro “A igreja local e missões”, bacharel em Administração de Empresas e Teologia, bacharel, foi fundador e presidente da missão “Projeto América do Sul – (PAS)” e vice-presidente da COMIBAM – Cooperação missionária ibero-americano.

⁶⁵ Ken Kudo está no Brasil junto à família desde 1976, é fundador da Missão Avante, agência enviadora de missionários brasileiros para o exterior; fundador e pastor da Igreja Novo Rumo, voltada para a comunidade japonesa de São Paulo. Ele é Mestre em Teologia pelo Western Seminary (EUA) e bacharel em Sociologia pela University of Havai (USA), informação disponível em: <http://www.lideranca.org/cgi-bin/mods/apage/apage.cgi?apdir=missionarios&f=kudo.html>, Acesso em: 08/01/2011.

⁶⁶ Hitoshi Watanabe, teólogo, foi pastor da Igreja Holiness (1975-76; 1987-1990), Londrina, PR, voltada para a comunidade japonesa. Dados Igreja Holiness de Londrina.

ampliar o leque de opção de cursos surgiu em 1995 o Programa de Pós-graduação, sob a coordenação do Dr. César Augusto Ruiz⁶⁹, oferecendo um Mestrado em Teologia e outros cursos de especialização na área bíblica e missiológica. Isso demonstra o esforço betelino para oferecer um ensino de qualidade, contando com um corpo docente experiente e titulado⁷⁰.

A excelência acadêmica é uma meta betelina, no entanto, não se deseja o academicismo. Pois, esse modelo não condiz com a tradição, da visão ou da missão seja do outrora Betel canadense ou do brasileiro. A ênfase betelina está na formação integral de seus alunos, isto significa dizer que o ensinamento teórico está entrelaçado à prática. A fé caminha juntamente com a ciência, não há divórcio entre piedade e racionalidade. O alvo é forjar o caráter de Cristo⁷¹ na vida dos betelinos para que possam transmitir o evangelho não apenas pela razão, mas com “paixão e emoção” (EDWARDS, 1993, p. 22).

Assim, o homem deve ser considerado no seu todo. Segundo Tertuliano (160-225), que rejeitava o dualismo platônico ao dizer que “o ser é corpo”, ainda que composto por muitos membros, o corpo é uma realidade única;

⁶⁷ Jonathan F. dos Santos, reverendo presbiteriano, um dos fundadores da Missão Antioquia. Foi o primeiro presidente da AMTB – Associação Missionária Transcultural Brasileira (1981-1982), conforme Ekström, op. cit., p. 14.

⁶⁸ Roberto Harvey, missionário australiano, líder da WEC-Internacional (Missão Amém) para a América Latina. Ele e a família chegaram ao Brasil em 1967, foi presidente da AMTB no período de 1983-1985, idem, p. 11.

⁶⁹ César Augusto Ruiz é professor doutor adjunto, da área da administração da Universidade federal da Paraíba. Ele é Mestre em Economia e Finanças pela Université de Grenoble II (França) e doutorado em Economia pela Université Pierre Mendes France (França). Informação do sistema Lattes, Acesso em: 07/09/11.

⁷⁰ O quadro docente do Betel Brasileiro de João Pessoa e em outras localidades é composto por professores com graduação reconhecida pelo MEC, não raro são os que possuem mais de uma graduação e título de mestre e de doutor.

⁷¹ Em certo sentido, os evangelhos são relatos biográficos de Jesus. Neles se encontram a vida e a obra de Jesus, onde o cuidado integral do homem constituía-se a sua primeira preocupação. Jesus multiplicou o pão aos pobres, curou os enfermos, experimentou os sentimentos humanos e ensinava o relacionamento com Deus, ele praticava tudo isso sem entrar na questão dicotômica ou tricotômica do ser humano.

mesmo ainda na sua variada disposição psicológica à realização dos desejos.

Na mesma linha de raciocínio, Odalia (1994, p. 22) disse:

“o homem não é apenas o *Homo economicus*, ou o *Homo ludens*, ou o *Homo politicus*, ele é tudo isso e mais alguma coisa, o produtor de obras de arte, o religioso, o cínico, o sobrevivente. Como cada um desses momentos define, em sua essencialidade, o homem, definindo, ao mesmo tempo, sua própria historicidade, é um equívoco privilegiar um em detrimento dos outros”.

Deste modo, se compreende que o propósito central do empreendimento betelino é alcançar o homem na sua inteireza do ser para que esse possa glorificar a Deus em todas as suas ações. Para que isso aconteça, “é necessário que os centros formadores de missionários se habilitem, da melhor maneira possível, para o preparo integral” de seus alunos, disse Lídia, fala registrada por Miranda (2010, p. 150). Nesse sentido, Bayma⁷² (1998, p. 36) também atestou que o Betel Brasileiro está compromissado com a obra de fé e formação do corpo discente para a proclamação do evangelho em todo mundo.

“O Betel Brasileiro tem sido, desde a sua fundação, uma verdadeira Casa de Fé e Oração, uma autêntica Casa de profetas e profetisas, um celeiro não só de informação, mas, sobretudo, de formação e transformação de vidas, uma verdadeira oficina espiritual de lapidação de vocações. Desempenha uma obra de fé, capacitando seus vocacionados a desempenharem, com maestria, a „Grande Comissão” que lhe foi outorgada por Cristo neste mundo, seja na Pátria, seja fora dela, sempre fazendo discípulos, levando a muitos povos sem Deus e sem esperança o pão espiritual e a água da vida de que precisam para a libertação dos pecados, em que jazem, e para a salvação das suas almas tão cansadas e atribuladas. Tem razão o poeta: “É preciso amá-las como se não houvesse amanhã”.

Por outro lado, é necessário lembrar que existe uma discussão missiológica em aberto a respeito da interpretação da “Grande Comissão”. De

⁷² Wellington C. Bayma, mestre e doutor em Teologia, pastor batista, professor e advogado. Foi professor em diversos seminários e por vários anos lecionou Grego, Filosofia e Exegese no Betel Brasileiro, hoje reside nos Estados Unidos da América. A declaração foi por ocasião da comemoração dos 30 anos de fundação do Betel Brasileiro.

maneira geral, se ensina no protestantismo que há um mandato duplo fundamental de Deus para o homem, anunciado na Bíblia: O Antigo Testamento enfatiza o “mandato cultural” (diz respeito ao cuidado e manutenção de toda criação) e o Novo Testamento o “mandato redentor” (dá ênfase ao relacionamento com Deus), Carriker (2000, p. 22) denomina o primeiro de mandamento “horizontal” e o segundo de “vertical”. Peters (2000, p. 202) aponta que o primeiro mandato foi destinado “a Adão, como representante da raça e envolve o domínio da cultura humana”. O segundo mandato, foi entregue aos apóstolos, como embaixadores da igreja de Jesus Cristo, “envolvendo todo o domínio do Evangelho. Ele visa à libertação espiritual e à restauração do homem, embora não se preocupe tanto com seu bem-estar físico e social” (PETER, 2000, p. 203).

Deve-se salientar que o acima se expôs não corresponde totalmente à tradição betelina de envolvimento social e nem condiz com a pedagogia empregada pelo educandário feminino e masculino que submete o corpo discente a uma capacitação teórico-prático para dar, de forma empírica, razão da fé e dos valores cristãos. O ensinamento prático não se resume ao aspecto subjetivo, devocional, do culto semanal, da oração diária, antes do início das aulas, conduzida por alunos e professores; esse tipo de prática é opcional. No entanto, existem disciplinas práticas obrigatórias, as quais envolvem tanto pesquisas requeridas em determinada matéria quanto trabalho presencial de visitação a hospital, casa de repouso, internato de dependente químico, além do recolhimento de roupa e alimento para assistir comunidades carentes ou para socorrer as vítimas de desastres naturais.

Assim, ao longo dos anos de estudo, o graduado betelino adquire um *know-how* integral; isto é, ele recebe uma formação cultural/religiosa e humanitária que lhe possibilite interagir não apenas nas instituições evangélicas,

mas na sociedade contemporânea, marcada pelo recrudescimento das forças de mercado, tais como: a competição predatória, o consumismo desenfreado, o imediatismo, os relacionamentos são de curta duração, o individualismo sem fronteiras ocupa lugar cada vez mais central no modo de vida contemporânea.

Pode-se dizer então, que esses acontecimentos estão intimamente conectados ao fato de que o mundo está em um intenso processo de desregulamentação e privatização – que Bauman (1998, p. 33) denomina de “a nova desordem do mundo” – os quais acabam por gerar inúmeras “desordens” responsáveis pelo sentimento contínuo de ansiedade, incerteza, insegurança e desconfiança; por certo, alguns dos muitos mal-estares pós-modernos. É nesse instante que se verifica a importância dos “especialistas da alma” numa época secularizada de concepção pluralista em que os conceitos estabelecidos pelas instituições religiosas e os valores tradicionais absolutos tendem ao desaparecimento ou necessitam de novas interpretações.

Surge então uma pergunta, que fim tem um seminário? Essencialmente, um seminário evangélico visa a capacitar o cristão de maneira teoria e prática para servir Deus⁷³, dentro e fora da igreja local. O seminário teológico-missiológico habilita tecnicamente o educando para exercer a sua vocação⁷⁴ no mundo. No Brasil, o campo de atuação para o graduado em Seminário Maior ou Faculdade de Teologia⁷⁵ ainda está identificado com vocação divina que não se

⁷³ Não apenas o cristão deve servir e glorificar ao Deus Trino, mas todo homem, conforme o Breve catecismo de Westminster. O Catecismo tem origem na Confissão de fé de Westminster que é um resumo da doutrina reformada, elaborada entre 1643 a 1649, em Concílio reunido na Abadia de Westminster, Londres (Inglaterra). Informação disponível em: http://www.luz.eti.br/do_confissaodewestminster1647.html. Acesso em: 15/01/11. No Salmo de número 150, o convite a louvar a Deus se estende a todo ser vivente, cf. Livro de Salmos – A Bíblia Sagrada, (trad. João Ferreira de Almeida, revista e atualizada.) Barueri: SBB, 2007, p. 439.

⁷⁴ Aqui se emprega o termo “vocação” referindo-se a uma chamada ou chamamento divino, religioso. Em momento algum se pensou na relação entre a vocação religiosa e a secular, discussão essa levantada na obra de Weber (1983, p. 52-62).

⁷⁵ Gomes (2007, p. 83) afirmou que a titulação acadêmica de Licenciatura e Bacharelado em Teologia e mesmo título de mestrado e doutorado oferecidos por Seminários Maiores e

confunde com trabalho secular. Assim, quando se ouve falar de escola teológica ou estudo missiológico, logo se pensa na área eclesiástica: da administração de igrejas, do pastorado, do ministério de música sacra, do ensino religioso, do trabalho missionário local e transculturais.

Todavia, sabe-se que afora da esfera da estrutura eclesiástica existe a figura do “especialista da alma”, o capelão⁷⁶ que atua no setor público e privado. Àquele com vocação para o ensino e que se tornar um pesquisador titulado, o magistério universitário é outra opção ao graduado em Teologia e doutorado em Ciências da Religião; Gomes (2007, p. 47) afirma que “a Teologia caminha rapidamente para o processo de profissionalização”; e, acrescentou Gomes (2007, p. 27), “tanto na Europa, berço da Teologia, quanto nos Estados Unidos, a Teologia há muitos séculos não se encontra vinculada à vocação religiosa”.

Comparativamente, a educação teológica no Brasil é recente, os seminários ainda têm nas igrejas evangélicas a sua sobrevivência. Pois “o seminarista é procedente de uma igreja patrocinadora, recebe apoio e suporte de igrejas e desenvolve seu trabalho prático no seio da igreja local” comenta George (2010, p. 115). Portanto, o seminarista é o alvo dos seminários; e, por essa razão os seminários do Betel Brasileiro oferecem um ensino teológico e missiológico prático e um corpo docente qualificado; qualificação que é medida

Faculdades de Teologia sem reconhecimento pelo MEC/INEP não têm valor oficial. Ele ressaltou que “o Brasil é um país marcado pela cultura cartorial onde o que vale é a chancela oficial com seus respectivos carimbos”. Não obstante a tradição no ensino teológico-missiológico e titulação de corpo docente, e do modelo de integralização de créditos com outras instituições teológicas, o Betel Brasileiro informa que, com respeito ao curso de pós-graduação (*stricto sensu*), “está tomando as medidas cabíveis quanto ao processo de reconhecimento que o MEC solicita, de acordo com as normas exigidas por nosso país”. Cf. informação disponível em: http://www.betelbrasileiro.com/viewpage.php?page_id=21. Acesso em: 27/01/2011.

⁷⁶ A função de capelão cristão, que presta assistência espiritual às pessoas, é muito antiga, mas ela ainda não está regulamentada no Brasil. Contudo, a Câmara dos Deputados analisa o Projeto de Lei 6817/06 que prevê a regulamentação da profissão de capelania cristã. O capelão atuará no setor educacional, militar, prisional, hospitalar, empresarial, assistencial. Dado disponível em: <http://www.direito2.com.br/acam/2006/jul/28/projeto-regulamenta-profissao-de-capelao-cristao>. Acesso em 27/01/2011.

não apenas pela titulação acadêmica, mas pela experiência dos mestres. Esses fatores são de fundamental importância para se entender a dinâmica educacional betelina. “Nossa ênfase é *viver* e não só *saber*; *ser* antes de *ter*”, é um dos lemas betelino.

Ao que parece, nessa premissa educacional está intrínseca a taxonomia de Bloom (1972), isto é, a possibilidade do ensino-aprendizagem acontecer em três domínios: o *cognitivo*, que compreende a aprendizagem intelectual; o *afetivo*, que corresponde aos aspectos criativos, emocionais e à gradação de valores, e o *psicomotor*, que abrange as habilidades de execução de tarefas práticas. Esses domínios são iguais e pedagogicamente trabalhados na vida do educando ao longo do curso. E a estratégia de inculcar os valores da instituição no coração e mente dos alunos ocorre no início de cada semestre letivo, na chamada “Semana de Teologia Prática”.

Nesse evento aberto ao público, que em geral antecede o início das aulas presenciais, acontecem palestras expondo ensinamentos bíblicos, reflexão acadêmica, debates em pequenos grupos, testemunhos de missionários, de calouros e de ex-alunos, prática devocional. Há também um espaço para que a coordenação pedagógica se pronuncie, detalhando os objetivos e a filosofia da casa; informações estas que constam no manual de orientação do matriculado.

Com o objetivo de formar homens e mulheres que compreendam não apenas a sua fé, mas que também conheçam os problemas da sociedade, e que possam oferecer propostas factíveis aos desafios do presente século, as escolas teológicas betelinas valorizam o saber acadêmico, mas não o academicismo⁷⁷.

⁷⁷ Deve-se frisar que o academicismo não tem lugar no modelo pedagógico betelino e a aderência a crença do pentecostalismo moderno, carregado de elementos subjetivos que se compreendem apenas de forma empírica, das experiências religiosas, os seminários betelinos mantêm um ensino

Pois, tanto no programa de graduação como no de pós-graduação disciplinas das Ciências Humanas estão presentes, tais como: Grego, Hebraico, Arqueologia, Geografia, Administração, Exegese, Hermenêutica, Sociologia, Filosofia, História, Antropologia, Psicologia. As Humanidades são pré-requisitos no estudo teológico, pois auxiliam na compreensão da análise de livros do Antigo e Novo Testamento, da Ética Cristã, das Religiões Mundiais, da Vida de Cristo, da Eclesiologia, do Discipulado, do Evangelismo de Crianças, dos vários módulos da Teologia Sistemática, da História do Cristianismo e da Missão Integral da Igreja. Também, a apreensão das Ciências da Cultura ajuda a entender de igual maneira a História de Missões, a Teologia de Missões, a Antropologia Missionária, os Projetos e Estratégias Missionárias e outras disciplinas afins que fornecem um arcabouço conceitual que levam o aluno à reflexão da tarefa missionária.

Uma vez que o academicismo não é prioritário e a ênfase “é *viver* e não só *saber*”, a capacitação prática merece uma atenção especial por parte das escolas betelinas, que acontece através do CENAM⁷⁸ – Centro Acadêmico de Missões e do Estágio Supervisionado. Enquanto disciplina prática e teórica, o CENAM, órgão que congrega professores e alunos com o objetivo de despertar a visão e o envolvimento com missões. Desenvolve-se um programa trimestral

equilibrado em que a racionalidade, necessária para explicar as ciências modernas, não anula a fé, a crença em eventos não-lógicos, nem as narrativas bíblicas que são impossíveis de se explicar através do intelecto humano. O serviço educacional e de assistência social junto as comunidades carentes, especialmente no interior Nordestinos ou junto às aldeias do povo potiguara, satisfaz o poder público com o qual o Betel mantém convênio e recebe subsídio.

⁷⁸ O Betel Brasileiro é inovador quando se trata em despertar a consciência missionária no corpo discente, pois as atividades do CENAM são desenvolvidas e apresentadas pelos alunos. A colaboração de Leslie Brieley, pesquisador internacional da missão britânica WEC – World Evangelization Cruzade, conhecida no Brasil como Missão AMEM, que trabalhou em Recife na década de 70 incentivando igrejas e seminários para a tomada de ações missionárias foi fundamental ao desenvolvimento da área missiológica do Betel. Naquela época, Leslie fornecia toda fonte de pesquisa e material informativo, traduzidos do inglês para o português, portanto, ele é o “pai do CENAM”. Também como trabalho prático, em 1977, surgiu o “Ministério Vida” um jogral percorre anualmente todos os Estados da nação, promovendo o despertar missionário e divulgando a instituição, são algumas das marcas originais do Betel Brasileiro. O trabalho prático serve a dois propósitos: um ensino para a vida e divulgar a instituição, uma vez que os alunos executam tarefas humanitárias junto às comunidades necessitadas e em entidades de assistência social.

de estudo sistemático sobre um país, etnia, grupo social no seu aspecto histórico, sócio-econômico e cultural, ou mesmo é feito uma pesquisa sobre uma dada realidade social: fome, pobreza, ou a igreja presença da igreja em áreas de conflito. As informações são coletadas, realiza-se uma reflexão missiológica sobre o tema, e como evento especial que integra o calendário escolar, os alunos apresentam a pesquisa como desafio à igreja evangélica contemporânea. O relato de Suzi Alves, formada em 1999, hoje é missionária no Timor-Leste, representa uma dentre muitas histórias de vida de ex-betelinas:

“O tempo no seminário foi muito significativo, diria determinante para minha formação, de uma vida religiosa passei a entender o verdadeiro significado da graça e do caráter cristão. O Betel como um seminário comprometido em formar não só academicamente os seus alunos, mas também para o serviço prático, missões e imprimir o caráter de Cristo em seus alunos foram para mim sem dúvida “casa de Deus”. Apesar de entrar no seminário exatamente por sentir ardentemente uma chamada esta era sem entendimento. Os Cenams me trouxeram as verdadeiras implicações do que seria estar envolvida em missões”.⁷⁹

No Estágio que, o seminarista realiza atividades sócio-religiosas junto a hospital, casa de repouso, internato de criança e adolescente infrator, albergue e participação e projetos sociais. Além disso, acredita-se que é pela prática que o aprendiz identifica e desenvolve as habilidades e os dons da sua vocação. E a edição especial do Betel Brasileiro (2009, p. 10) explica que o estágio supervisionado é programado com vista a dar condições ao aluno para que seja treinado em diversas áreas ministeriais e que se sinta integrante da obra de Deus, durante a sua vida estudantil.

O alvo é promover a cooperação e não da competição, a socialização ao invés das ações individualistas, tão próprias da modernidade. Por isso, não é necessário dizer que o relacionamento e a atitude de amor, responsabilidade

⁷⁹ Excerto da história de vida de Suzi Alves, um relato mais extenso encontra-se em anexo.

para com o próximo e o companheirismo no corpo discente integram o currículo subjacente do programa educacional betelino. Assim, como produto do processo dialético, da reflexão teórica e do trabalho prático (professor – aluno) que se unem à ação reflexiva e relacional (instituição – comunidade) nasce a práxis betelina que é permeada do sentimento da unidade, um dos pilares betelinos.

Por se tratar de uma instituição interdenominacional, o Betel Brasileiro tem em alta estima o mosaico evangélico do protestantismo brasileiro. É nessa compreensão que a instituição Betel desenvolve a sua confessionalidade⁸⁰, respeitando a variedade denominacional do corpo docente e discente, seja do ramo histórico ou pentecostal. Busca-se incansavelmente a unidade na diversidade cristã: “Até que Cristo seja formado em nós” é um dos lemas betelinos⁸¹.

A diversidade evangélica nos seminários betelinos é um fato, e o grande número de igrejas existente no Sudeste reflete no corpo docente do seminário Betel em São Paulo que atende, segundo a diretora Durvalina Bezerra, “95 diferentes igrejas e denominações, tanto do segmento histórico como pentecostal, convivendo em unidade”.

Essa política estratégica tem sido aplicada nos últimos quarenta anos de atividades educacionais betelinas e resultou no estabelecimento de vinte seminários em quatro regiões do país (Norte, Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste) e várias unidades no exterior, Alemanha, Japão, Portugal e parceria em Timor-Leste, nos quais se graduaram cerca de três mil alunos oriundos dos

⁸⁰ “Entende-se por confessionalidade a subscrição dos documentos sistematizados do conjunto de princípios que constituem a base doutrinária de determinada profissão de fé” (MOURA, 2010, p. 143). Ainda que não se submeta integralmente a uma única confissão protestante, o Betel Brasileiro adotou os princípios básicos reformados: *Sola Scriptura*, *Sola Gratia* e *Sola Fides*, portanto a organização é uma instituição legitimamente evangélica.

⁸¹ Referindo-se ao internato de João Pessoa, Lídia disse, citado por Miranda (2010, p. 153): “há alunos estudando no Betel Brasileiro, vindo de cerca de quarenta denominações”.

seguimentos protestantes nacionais e internacionais.⁸² Ressalta-se que, apesar do Betel Brasileiro não ordenar mulher ao pastorado, as mulheres têm uma participação ativa na área educacional betelina. Isto porque, tanto o Departamento de ensino Teológico-Missiológico, quanto a maioria das escolas teológica betelinas são coordenados pelo sexo feminino.⁸³

É importante mencionar, antes de terminar o tópico, que desde 1985 o IBBB divulga através de meios próprios (boletins, revistas e jornal) a suas atividades, mas a circulação e a tiragem desse material são inexpressivas. Todavia a revista Raio de Luz⁸⁴ rompeu as fronteiras nacionais. Para facilitar a administração das publicações surgiu o Betel Publicações, órgão responsável pela edição e publicação do periódico “Reflexão Teológica: estudos e pesquisas em teologia e missão” e da revista “Semeadores: missionários cristãos contemporâneos”. Além disso, publicam-se livros ligados à tarefa missionária e à vida cristã.

Torna-se, então, claro que a expansão betelina evidencia a eficácia do emprego das técnicas e estratégias do mercado globalizado.⁸⁵ Sem incorrer na

⁸² Os dados da expansão betelina foram extraídos do boletim comemorativo dos 40 anos do Betel Brasileiro, em 2008. Betel Brasileiro: uma história de fé e compromisso missionário com dedicada perseverança cristão, servindo a Deus no Estado da Paraíba, no Brasil e no mundo, 2008, p. 5. Disponível em: http://www.betelvr.com.br/doc/encarte_betelbrasileiro.pdf. Acesso em: 22/01/2011.

⁸³ Com o objetivo de apoveitar seus formandos e preservar a visão institucional, todos os diretores e coordenadores do Betel Brasileiro são ex-alunos; como é o caso da Coordenadora Geral do Departamento de Ensino Teológico do Instituto Bíblico Betel Brasileiro, Durvalina Barreto Bezerra. Ela é teóloga pelo Seminário Betel. Missióloga pelo Centro de Treinamento da WEC-AMEM, na Austrália. Pedagoga formada pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Educação pela Universidade Mackenzie. Vice-presidente da AME - Associação Missão Esperança, integrante da diretoria da Missão Antioquia. Diretora do Seminário Betel Brasileiro em São Paulo e. Professora nos Centros de Preparo Missionário da Missão Juvep - Juventude Evangélica Paraibana, Missão Priscila e Áquila e Jami - Junta Administrativa de Missões. Conferencista internacional. Informação disponível em: <http://www.vigiai.net/news.php?readmore=6439>. Acesso em: 24/01/2011.

⁸⁴ Raio de Luz de circulação mensal é uma revista de orientação da família, de evangelização e de edificação cristã, pelo avivamento e missões. Lançada em 1971, a Raio de Luz foi idealizada e criada por Donina Amélia Pereira Andrade que a editou por dezessete anos e em 1979 a fundadora da Revista a doou ao Betel Brasileiro. A distribuição cresceu e atravessou fronteiras das América, Europa e Ásia, no seu ano 31, a edição 120 teve uma tiragem de 32 mil exemplares.

⁸⁵ Embora o Betel Brasileiro seja uma organização evangélica sem fins lucrativos, ele acompanha as tendências do mundo globalizado. E para não perder competitividade dentro do

prática voraz da economia de mercado, busca-se a parceria com outras organizações, modernização de suas instalações e aprimoramento de seus serviços e uma contínua valorização do humano, lembrando sempre que “o Betel é uma família”; é a “casa de Deus”. E nesse mundo dos negócios educacionais, o Betel conta com a sua longa tradição⁸⁶

Em resumo, o exposto são fatores de relevância mercadológica e significam que o Betel oferece serviço que atende às expectativas de sua clientela: as instituições evangélicas e seus membros, que quando formados se encarregam de divulgar e recomendar a escola.⁸⁷ Tal atitude é compreensível, pois, de acordo com o primeiro axioma da teoria da ação humana proposta por Bainbridge & Stark (2008, p. 37) que afirmou que “os seres humanos buscam o que percebem ser recompensas e evitam o que percebem ser custos”.

4.3 *Departamento de Missões Mundiais do Betel Brasileiro*

Mesmo antes do surgimento da Agência Missionária Betel Brasileiro, dentro do Departamento de Missões Mundiais do Betel Brasileiro (DEMIMBB), em 1987, praticava-se missões transculturais no Betel Brasileiro. Pode-se dizer que o Betel nasceu com uma vocação missionária. A presença das missionárias canadenses no Brasil, já é um bom indício. Veja ainda que no modelo pedagógico do Betel estrangeiro a vida acadêmica das moças estava

mercado protestante, não se negligencia o uso da tecnologia e mantém um quadro administrativo com profissionais capacitados e o corpo docente de suas escolas titulado.

⁸⁶ A tradição educacional, a ética aliada a uma moral ilibada constitui um diferencial no mercado. Em 2008 o Instituto Betel comemorou 40 anos com instituição brasileira, mas quando considerado o período sob a liderança canadense o Instituto Bíblico Betel comemoraria 74 anos de existência. Mudou a administração e houve acréscimo ao nome da instituição, porém não se rompeu com os valores e princípios cristãos reformados nem se abandonou o compromisso missionário.

⁸⁷ O Betel Brasileiro investe pouco em propaganda e marketing por acreditar que o “boca-a-boca” é a maneira mais eficaz de atrair alunos.

permeada pela vida prática e devocional. Um padrão de compromisso evangelístico reconhecido pelas igrejas e comunidades locais.

Portanto, não é novidade a continuidade desse paradigma no Betel brasileiro. Nota-se, que os passos dos primeiros anos da nova liderança, na década de 70, foram direcionados para o processo de ensino-aprendizagem em que o teórico se consubstanciava no prático; em outras palavras, os ensinamentos teológicos apreendidos academicamente se mesclavam à prática evangelística. Por isso que as estudantes do internato betelino saíam em equipe pelos caminhos de João Pessoa, como também se enveredavam pelos rincões nordestinos anunciando a mensagem cristã do amor de Deus. Foi, então, numa dessas caminhadas evangelísticas que os índios potiguaras⁸⁸, do litoral paraibano, foram alcançados.

Tal fato marcou o começo da evangelização transcultural do Betel Brasileiro, e do exercício da “grande comissão” para todos os povos. Todavia, o Betel Brasileiro não é pioneiro no trabalho evangélico entre os potiguaras da Paraíba. Os holandeses que se instalaram no Nordeste brasileiro no período colonial foram os primeiros a inserir os indígenas no rol de membros da igreja reformada holandês. Viração (2010) informa que a frota do comandante holandês Boudewyn Hendricksz aportou na Baía da Traição na Paraíba em

⁸⁸ Os *potiguaras* ("comedores de caramão", de *pety*, "camarão" e *guara*, "comedor") são um grupo indígena que habitavam o litoral do estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, quando os portugueses e outros povos europeus chegaram ao Brasil. Nos dias atuais, estes habitam o norte do estado brasileiro da Paraíba, junto aos limites dos municípios de Rio Tinto, Baía da Traição e Marcação (na Terra Indígena Potiguara, Terra Indígena Jacaré de São Domingos e Terra Indígena Potiguara de Monte-Mor) e no Ceará, nos municípios de Crateús (na Terra Indígena Monte Nebo); Monsenhor Tabosa e Tamboril (Terra Indígena Mundo Novo / Viração ou Serra das Matas). Falam o potiguara, um idioma da família tupi-guarani. Vários descendentes da tribo dos potiguares adotaram, ao serem submetidos ao batismo católico o sobrenome *Camarão*. Cf. *Potiguaras* – Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Potiguaras>. Acesso em: 29/01/2011.

1625, levou para a Holanda cerca de dez jovens potiguaras, entre eles Pedro Poty e Antônio Paraupaba para ser educados na cultura batava.⁸⁹

“Poty volta ao Brasil dois anos depois (provavelmente aos 15 ou 16 anos), uns seis meses depois da tomada de Recife provavelmente na frota de Hendrick Lonck, pois este recebera como instrução complementar a conquista da Paraíba. A missão de Poty para os holandeses era de servir como uma espécie de diplomata, além de traduzir o tupi e o holandês arrebanhar os índios para o lado holandês, coisa que fez muito bem já que dois quintos dos tupis nordestinos eram fiéis à sua posterior liderança durante a Batalha. (...) Poty foi o primeiro protestante brasileiro a sofrer torturas para renegar sua fé. Quando foi capturado foi levado para o Cabo de Santo Agostinho em Pernambuco onde sofreu torturas durante seis meses para renegar sua fé pelos jesuítas, coisa que não fez“ (VIRAÇÃO, 2010, p. 16, 18).

Antônio Paraupaba também foi um cristão reformado que lutou contra os católicos portugueses até a rendição holandesa, em 1654. E temendo a retaliação lusitana e procurando um refúgio seguro, Paraupaba conduziu cerca de 4000 índios (os tapuias, aliados dos holandeses, e os potiguaras, convertidos à fé reformada) por mais de 750 km, de Pernambuco a atual Viçosa, Ceará. Ele sobreviveu, exilou-se com a família na Holanda, aonde veio a morrer em 1657, os demais indígenas reformados misturaram-se com os não convertidos e foram absorvidos pela catequese dos jesuítas, e sem liderança o grupo potiguar paraibano reformado desapareceu com o passar do tempo.

Todavia, o trabalho evangélico betelino entre os potiguaras tem se mostrado duradouro porque se desenvolve ações sócio-religiosas: serviço social, alfabetização de adultos e educação infantil, além das atividades de evangelismo e discipulado. Em decorrência disso, houve a conversão de centenas de nativos

⁸⁹ A tática do conquistador de educar jovens do povo conquistado para fins diversos é uma prática antiga. Daniel e seus amigos foram treinados para servir como conselheiro do rei Nabucodonosor II (c. 632 a.C.- 562 a.C.), cf. relato bíblico. O papa Gregório I (540-604) tornou jovens anglos em monges beneditinos e utilizou-os na conversão dos teutônicos que invadiram as Ilhas Britânicas, cf. Silva (2009, p 104).

brasileiros, e a obra se espalhou por sete outras aldeias. Estabeleceu-se igreja com liderança autóctone, algumas moças potiguaras cursaram o internato betelino, com visão missionária para alcançar seu próprio povo.

Ainda na década de 1970, duas outras betelinas romperam a barreira cultural: em 1974, a ex-aluna Ivonete França foi enviada para Guiné-Bissau, África, através da WEC, (Missão Amém), que se tornou uma parceria no envio de brasileiros para o campo missionário no exterior; em 1978, a ex-aluna Claudicéa Silveira alcançou Portugal para plantar igrejas entre os ciganos. Outros países europeus receberam a visita das missionárias betelinas: Alemanha, Itália, Inglaterra e Espanha; e, nos anos 80 o Betel Brasileiro estabeleceu-se no Japão, como base estratégica para atingir os demais países da Ásia. Há também trabalho na América do Norte e na América do Sul; enfim, em 2008, a AMBB registrava cerca de 40 missionários, em sua maioria do sexo feminino, em atividades transculturais, no Brasil e fora do país; certamente, o número chegaria a três dígitos caso se considerasse os ex-betelinos, alocados em agências parceiras⁹⁰.

4.4 *Superintendência Missionária Eclesial*

Um dos objetivos estatutários do Betel Brasileiro é “fundar igrejas evangélicas”, carrega a semente de outro objetivo que é o de “educar e preparar, indistinta e alternativamente, homens e mulheres para a obra evangélica, eclesial, pastoral e missionária”. Parte desse objetivo já se encontrava no antigo Betel, quando as moças saíam para evangelizar e cooperar com as igrejas locais. No entanto, o “plantar igrejas” só foi plenamente alcançado na fase do

⁹⁰ Diversos ex-alunos Betelinos estão no campo transcultural enviados por agências e juntas de missões brasileiras e estrangeiras, como: Missão Amém, Missão Antioquia, Operação Mobilização, Missão Horizontes, Junta de Missões da Convenção Batista Brasileira, Junta de Missões da Convenção Nacional, Jocum, Missão Avante, Missão Haverst Today da Índia, dados do DEMIMBB, 2008.

Betel Brasileiro. O fundar igrejas não significava, em absoluto, estabelecer igrejas unicamente betelinas. O propósito inicial era que as diversas denominações representadas no corpo discente assumissem os pequenos núcleos criados pelo trabalho prático dos alunos betelinos, mas os sem liderança denominacional, o Betel Brasileiro tornou-os seus afiliados.

As primeiras igrejas betelinas resultaram do trabalho das seminaristas, no primórdio do Betel Brasileiro, as moças que se embrenhavam pelos lugarejos nordestinhos levando a palavra de Deus ao sofrido povo do sertão (até os anos 80 a escola betelina era exclusivamente feminina). Então, surgiam os “núcleos missionários” com o enfoque na evangelização de crianças e discipulado de adultos; e, com a visitação semanal das alunas, os núcleos cresciam e eram oferecidos às denominações da região. Possivelmente, por falta de recursos humanos capacitado, as igrejas estabelecidas não assumiam a totalidade dos grupos religiosos iniciados pelas betelinas.

E para dar continuidade ao trabalho evangelístico, organizou-se a igreja betelina que se denomina “Igreja Missionária Evangélica do Betel Brasileiro” que ficava sob o comando de uma missionária, porque no IBBB não há ordenação feminina. Desde cedo, nasceu a Superintendência Missionária Eclesial (SUMEBB), órgão coordenador do trabalho missionário-elesial betelino, tendo na pessoa do pastor Guaracy Nóbrega seu primeiro diretor. Era Capitão de Fragata da Marinha e residia no Rio de Janeiro, mas, aos finais de semana viajava pelos sertões da Paraíba, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte para supervisionar os núcleos missionários que ali se formavam e orientar na construção das igrejas que se erigiam, com braços das voluntárias, em terreno doado pelas prefeituras locais.

Por causa da expansão da obra betelina, a atividade missionária eclesial ganhou autonomia, pois estava atrelada à área da educação teológica, agora mantém uma relação mais estreita com a AMIBB – Agência Missionária Betel Brasileiro. Embora departamentos independentes, a SUMEBB é parceira da AMBB, e, de maneira conjunta, estabelecem igreja dentro e fora do país.

Crescimento das igrejas betelinas

Ano	Templos/núcleos	Membros
1998	80	8.000
2008	132	10.500

Fonte: SUMEBB – Superintendência Missionária Eclesial.

Detalhando o quadro, em 1998 o corpo eclesial betelino contava com oito mil membros⁹¹ distribuídos assimetricamente pelas oitenta igrejas e núcleos⁹² missionários em treze Estados da federação. As igrejas estão concentradas nas regiões do Norte e Nordeste; e, por esse motivo a representação eclesiástica betelina no Sul, Sudeste e Centro-Oeste é ainda muito pequena. Dez anos depois, a SUMEBB coordenava 132 igrejas, com mais de 10.500 membros, no entanto, não houve alteração percentual no quadro das regiões eclesiásticas.

O salto quantitativo da denominação é deveras significativo, se comparado ao Censo do IBGE de 2000 que apontou uma população evangélica de 15% e quando relacionado com o Censo anterior que foi de 7%, a taxa de crescimento

⁹¹ Aqui se considerou como membros os chamados congregados que representam um pequeno número de adultos que são os freqüentadores assíduos, mas por uma questão regimental ou vontade própria não têm seus nomes inseridos no livro de rol de membros da igreja.

⁹² Núcleo missionário é um trabalho efetivo que está ligado a uma igreja, por não tem o número mínimo de membro para se constituir como igreja autônoma.

betelino se configuraria mais surpreendente ainda. Portanto, o incremento betelino está bem acima da média nacional, mas aqui não se tem a intenção de investigar a procedência dos membros, nem o motivo pelo qual se optou por uma igreja betelina; fenômeno que, segundo Almeida e Montero (2000, p.3), “a literatura especializada convencionou denominá-lo, de trânsito religioso”⁹³. É ainda interessante perceber que, apesar da expansão denominacional, as igrejas betelinas não pertencem ao grupo autônomo que se destaca na mídia e têm chamado a atenção da academia⁹⁴.

Convém, então, lembrar que as comunidades betelinas seguem a mesma orientação doutrinária do Betel Brasileiro, organização em que pesem os fundamentos reformados e crença da contemporaneidade dos dons do Espírito Santo. Suspeita-se, pois, que o crescimento numérico dos membros das igrejas do Betel esteja ligado a um discurso religioso que contemple a racionalidade tradicional, propiciando recompensas terrenas, mas que ofereça também compensadores pentecostais, que têm apenas explicação sobrenatural, em contrapartida, atenuem a crise existencial daquele que crê (STARK & BAINBRIGDE, 2008).

⁹³ Trânsito religioso “aponta, pelo menos, para um duplo movimento: em primeiro lugar, para a circulação de pessoas pelas diversas instituições religiosas, descrita pelas análises sociológicas e demográficas; e, em segundo, para a metamorfose das práticas e crenças reelaboradas nesse processo de justaposições, no tempo e no espaço, de diversas pertenças religiosas, objeto preferencial dos estudos antropológico”. Cf. ALMEIDA, Ronaldo de e MONTERO, Paula – Trânsito religioso no Brasil. Disponível em: http://www.centrodametropole.org.br/pdf/ronaldo_almeida2.pdf. Acesso em: 30/01/2011.

⁹⁴ Citando alguns exemplos, veja: “um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo”, tese de doutoramento de Carlos Tadeu Siepiersk (2001) em Antropologia social pela Universidade de São Paulo (USP); o livro “Decepcionados com a graça” (2005), fruto da tese de doutorado em Ciência da Religião de Paulo Romeiro pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), que analisou a pastoral do neo-pentecostalismo na Igreja Internacional da Graça de Deus, ou a tese doutoramento em Ciências Sociais de Ricardo Bitun (2007) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) que versa sobre a Igreja Mundial do Poder de Deus.

4.5 *Departamento de educação e ação social*

Além do departamento que coordena a área do ensino teológico-missiológico, e da DEMIMBB, que coordena as atividades das missões transculturais e da SUMEBB, responsável pela plantação e desenvolvimento de igreja, o Betel Brasileiro mantém ainda um departamento para cuidar do setor educacional secular e das ações sociais. O Departamento Educacional e de Ação Social possui a mesma *Missão* organizacional: disseminar valores cristãos na versão reformada, isto é, por meio do ensino das Escrituras Sagradas visando à formação de discípulos de Cristo.

O envolvimento com projetos sócio-educacionais, antes de assumir o Betel, ajuda a compreender a motivação de Lídia Menezes para criar, anos mais tarde, o departamento social e educacional betelino. Em 1963, ela trabalhava com um grupo de domésticas da periferia de João Pessoa. E assim, Scocuglia (2003, p. 88) registrou o depoimento da educadora evangelista:

“– Na minha luta para fazer o trabalho evangelístico, social, descobri um bairro de João Pessoa, Varjão, onde trabalhava com mulheres analfabetas. E, neste trabalho, descobri que era impossível ajudar essas mulheres sem que elas aprendessem a ler, dependia de conhecer o alfabeto, inclusive para o trabalho evangélico, para ler a Bíblia. (...) Já trabalho há dois meses e acho que mais dois meses estarão sabendo ler e escrever, porque quando chegam a ponto de lerem a Bíblia é porque já estão com a capacidade mesmo” (sic).

Duas influências sócio-religiosas são observadas nas palavras de Lídia Almeida de Menezes: o viés do “protestantismo kalleyano”, esboçado no capítulo 2, donde medrou um modelo de igreja identificado com os problemas sociais nacionais; a igreja congregacional, na qual estava arrolada desde a juventude. O segundo aspecto a ser observado é que o fervor religioso fazia-se acompanhar

de uma prática voltada para a resolução de problemas sociais. Aqui há alguma semelhança como o pensar e agir do ministério reavivalista⁹⁵ do século XIX.

Uma figura de destaque no movimento reavivalista do começo do século foi Charles G. Finney (1792-1875), conhecido como “ganhador de almas”⁹⁶. No entanto, seu método gerava polêmica, pois franqueava o púlpito aos não ordenados, e as mulheres para testificar e orar nos cultos. Além disso, admitiu mulheres e negros, na faculdade Oberlin que presidia, em Ohio (USA); a atitude representava um verdadeiro acinte, numa época identificada pelo academicismo e pela questão de gênero e raça. A mensagem evangelística de Finney era direta, dirigida ao indivíduo e estimulava que a experiência de conversão se tornasse pública em qualquer ocasião. Sendo assim, todo aquele que manifestasse a sua fé em público, na concepção do reavivalista, havia recebido o “revestido de poder do alto”⁹⁷.

Então, pelo testemunho de César Augusto Ruiz (1998, p. 39), se compreende que Lídia preenche o quesito estabelecido por Finney.

“Um ano após minha chegada a João Pessoa, conheci o Instituto Bíblico Betel Brasileiro, por intermédio de uma pessoa que fazia a fila junto comigo no Banco do Brasil: era a missionária Lídia Almeida de Menezes. Fiquei muito surpreso de ser abordado numa fila de banco para ouvir falar de Jesus.”

⁹⁵ Os reavivalistas pertenciam ao reavivamentismo que foi um movimento dentro da tradição evangélica que tem em suas raízes históricas a reação pietista ao academicismo teológico que racionalizava, sobremaneira, a fé cristã. Portanto, o reavivamentismo enfatiza o apelo da religião à natureza emotiva e afetiva dos indivíduos, bem como à sua natureza intelectual e racional. Também se acredita que “o cristianismo vigoroso começa com uma resposta da totalidade do ser à chamada do evangelho para arrependimento e renascimento espiritual pela fé em Jesus Cristo. Essa experiência resulta em um relacionamento pessoal com Deus” (DIETER, 1990, p. 236); veja também LLOYD-JONES (1993).

⁹⁶ Diz-se que durante os anos de 1857 e 1858, mais de 100 mil pessoas foram ganhas para Cristo pela obra direta e indireta de Finney. Mais informações sobre Charles G. Finney veja: FINNEY, Charles – *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001; FINNEY, Charles G. – *Uma vida cheia do Espírito*. Venda Nova: Betânia, 1980. O ajuntamento de multidões é uma característica nos encontros de avivamentos, e Finney não é um fenômeno isolado; haja vista que D. L. Moody (1837-1899) conseguiu reuniu em 285 apresentações na década de setenta um público de 2.530.000 de pessoas, segundo Ribeiro (2005, pp. 30-32).

⁹⁷ Sobre a experiência religiosa, ela tem sido também denominada de “segunda benção”, “plenitude” ou “batismo” pessoal no ou com o Espírito Santo, assunto já discutido alhures no estudo.

Seguiram-se outros encontros de discipulado, conta Ruiz:

“Tive muitas e longas entrevistas com Lídia e com a missionária Durvalina. Impressionou-me a forma com que elas professavam a fé. (...) Era uma fé tão vibrante que parecia estar mil quilômetros de distância da minha. (...) Lídia decidiu-se investir em mim. (...) Um certo dia estava a caminho da Universidade Rural de Pernambuco e deparei com três moças, vestidas com a farda do Betel Brasileiro, visitando os vilarejos mais afastados do grande Recife. Constatei que o discípulo é cópia fiel do seu mestre. Bendito seja Deus! Era a prática da vida cristã e não um discurso evangélico” (sic).

Persuadido pela vivência cristã betelina e não pelo racional, pois conceitualmente já conhecia a doutrina reformada, César Augusto se apresentou como voluntário no Departamento de Educação e Ação Social do Betel Brasileiro. E, desde 1995, concilia as suas tarefas docentes entre a Universidade da Paraíba e o Betel Brasileiro, onde exerce o cargo de coordenador do Programa de Pós-Graduação do Seminário Evangélico Teológico do Betel Brasileiro, em João Pessoa, PB.

Na área da ação social, a instituição betelina realizou avanço considerável. Em menos de dez anos (1985-1993) de atividades sócio-educacionais nos Estados da Paraíba e Pernambuco alcançaram-se 7.143 pessoas (crianças, adolescentes e adultos). Foram realizados projetos de alfabetização, cursos profissionalizantes, ministração de palestra para a comunidade, envolvendo temas sobre: meninos de rua, prostituição, dependente químico, orientação familiar, etc. Essas ações se efetivaram mediante convênio e parceria com diversos organismos públicos e privados, nacionais e internacionais, tais como: Fundação Educar, Compassion, Mutirão Escolar, Visão Mundial, FUNAI, LBA, MOBREAL e SENAC.

Assim, diante da opinião pública, esse apoio espelha uma imagem de confiança e seriedade, que ajuda a alavancar mais recursos para ampliar o leque

de oferta de assistência social, tais como conceder pequenos empréstimos às famílias carentes dos sertões, para custear reforma de residência, remédios, roupas e uniformes. Como também, contratação de serviço de atendimento médico-odontológico em área não atendida pelo poder público. E para amenizar os problemas causados pela seca, através de convênio de emergência com a Visão Mundial, várias barragens foram construídas. E visando a minimizar o desemprego, foi instalada em João Pessoa uma pequena indústria produtora de sabão, água sanitária, xampu e, detergente, e a criação de cursos voltados para a geração de renda.

Conclui-se que o envolvimento social do Betel Brasileiro mostra uma nova ou outra face do pentecostalismo moderno, e desfaz o mito e senso comum de que esse ramo protestante, o pentecostal, se interessa tão-somente por ações proselitistas desvinculadas do social. Os pesquisadores, Miller e Yamamori (2007, pp. 211-212), da University of Southern California, após quatro anos de investigação em vinte diferentes países, inclusive no Brasil, atestaram que efetivamente, os pentecostais estão aumentando o engajamento social nas bases comunitárias. O fenômeno foi rotulado de *Progressive Pentecostalism* (Pentecostalismo Progressivo, tradução nossa), segundo os especialistas, o movimento é composto por instituições que creditam seu surgimento à inspiração do Espírito Santo e extrai a práxis dos cristãos primitivos, o propósito é atender integralmente à necessidade espiritual, física e social da comunidade, sem atrelamento político partidário em suas atividades sociais. Os integrantes do movimento atuam em muitas frentes: ações contra seca, enchente, clínica médica, aconselhamento, promoção educacional de qualidade e outra ajuda humanitária. Nesse comprometimento o Betel Brasileiro promove laços sociais que unem os indivíduos em busca de uma comunidade mais solidária.

A área educacional do Betel nasceu com uma missão dupla: educar e evangelizar. Sendo assim, a instituição decidiu fundar escolas de educação infantil e fundamental. O empreendimento educativo objetiva alcançar a crianças e os pré-adolescentes na dimensão cognitiva, afetiva e motora. As escolas betelinas tendem a dar aos alunos que pertencem às famílias de menor poder aquisitivo a oportunidade de uma formação integral e digna, que lhes permita a aquisição de valores e hábitos comunitários que os preparem para vida social. Verifica-se, então, que a escola tem uma função de integração cultural, de forjar costumes nos de dentro e influenciar os que estão em sua órbita. A esse respeito se manifestou Bourdieu (2005, p. 211):

“Enquanto „força formadora de hábitos”, a escola propicia aos que se encontram direta ou indiretamente submetidos à sua influência, não tanto esquemas de pensamento particulares e particularizados, mas uma disposição geral geradora de esquemas particulares capazes de serem aplicados em campos diferentes do pensamento e da ação aos quais pode-se dar o nome de *habitus* cultivado”(sic).

Sendo assim, a introdução do ensino bíblico no currículo oficial não tem por meta a catequese, mas o de inserir na mente e no coração da criança as verdades bíblicas, de maneira que venham a conhecer o plano e o propósito divino em que pese o amor ao próximo excede a todos os bens terrenos, num mundo de longa data secularizado⁹⁸. As primeiras escolas surgiram na década de 80, e por ocasião do jubileu de prata do Betel Brasileiro, em 1993, contabilizam-se cinco escolas: uma no Sudeste, em São Paulo, e as demais em áreas periféricas dos Estados nordestinos com, aproximadamente, 560

⁹⁸ A secularização é um fenômeno com origens no colapso do sistema medieval e advento do mundo moderno ocidental. O termo secularização e ou seu derivado secularismo tem sido utilizado como conceito ideológico carregado de implicações valorativas, ora positivas outras negativas. Peter Berger (1985, p. 118) disse que “em círculos anticlericais e „progressistas, tem significado a libertação do homem moderno da tutela da religião, em círculos ligados às igrejas tradicionais, tem sido combatido com „descristianização”, „paganização” e equivalentes”; para fins do presente estudo, a expressão “secularização” ou “secularismo” tem sentido do abandono ou indiferença aos valores e crenças religiosas.

alunos. Por ocasião do quadragésimo aniversário da instituição, o Departamento de Educação e Ação Social contava com 10 unidades, e um total de 1.507 alunos, na faixa etária de 3 a 18 anos.

Salienta-se que, do conjunto educacional, quatro escolas destacam-se das demais em razão do contexto sócio-econômico em que estão inseridas. É oportuno dizer que duas localizam-se na região semi-árida do Nordeste e duas outras são de particular atenção, porque atendem à comunidade indígena potiguara. A aldeia potiguara São Miguel e a aldeia potiguara São Francisco, as quais recebem uma educação que observa as manifestações culturais potiguaras. Nessa compreensão, de resgatar a cidadania plena dos nativos nacionais, o Betel Brasileiro desenvolve atividades sócio-educacionais em sete aldeias potiguaras da região nordestina; em face disso, se alfabetizaram mais de 400 potiguaras, e algumas moças nativas cursaram o internato betelino. Eis porque se diz que o Betel Brasileiro contribui com a preservação da rica diversidade brasileira de 258 grupos étnicos, falando 180 línguas, segundo Silva (2009, p. 294), distribuída em uma população de 734 mil pessoas (0,4% dos brasileiros) que se auto-identificaram como indígenas, de acordo com o Censo de 2000 do IBGE.

Deste modo as atividades de assistência social, educacional e eclesial revestiram-se do sentimento proselitista. Não obstante ao conservadorismo em questão de gênero, e o Betel Brasileiro tornou-se uma instituição missionária de vanguarda; seja na presidência feminina da fundação, (1935-2010), no pioneirismo na educação feminina no sertão paraibano, na década de 30 do século passado ou no envio de moças brasileiras ao campo transcultural, nos anos de 1970. Enfim, a organização robusteceu-se no exercício da tarefa sócio-religiosa, seja entre os indígenas nordestinos, no trabalho com os moradores de

favelas paulistanas ou no exterior com os ciganos portugueses, entre os nativos do Timor Leste e mesmo nas grandes cidades do Japão, Alemanha e Inglaterra.

Missões é a palavra de ordem betelina. Entende-se, pois, por missão a proclamação do evangelho ao sujeito sociológico (HALL, 2007, p. 11) confrontado pela pós-modernidade (BAUMAN, 1998; 2000) em que a ação tradicional, aquela ditada pelos hábitos, costumes e religiosidades perde força (ARON, 1990, p. 465; WEBER, 1983, p. 20). Está bem claro no gesto betelino o desejo de alcançar o homem todo (ODALIA, 1994, p. 22) para que vinculado à igreja, com princípios reformados, construa-se uma ordem social mais justa e agradável a Deus. A esse respeito, concorda Blaw (1962, p. 120), McGavran (1983, p. 27), Bosch (2007, p. 480), Hodges (1997, p. 98), Miller & Yamamori (2007, p. 212) e John Stott (1983, p. 28) que disse: “a fé sem obras é morta”, ao comentar sobre a responsabilidade social cristã.

Não há dúvida que a compreensão e a ação humanas acontecem no decorrer do tempo, do passado para o futuro. O passado consiste no conjunto de fatores passíveis de explicação, mas não mais influenciáveis. Por outro lado, ainda que conceitualmente, o universo de condições futuras pode ser manipulado, todavia, não se conhece o resultado no presente (BAINBRIDGE & STARK, 2008, p. 37). O futuro é incerto, não obstante, organização alguma sobrevive no mundo de hoje sem planejamento e plano de ação. Com efeito, a globalização enseja rápidas mudanças tecnológicas e comportamentais onde a fidelização é um desafio às empresas. Por esse motivo, o empreendedor atento observa as tendências do mercado para que seu produto ou serviço não se torne obsoleto ou desnecessário neste cenário de inovações em ritmo sem precedente na história sócio-econômica mundial.

Em 1998, foi perguntado a Lídia Almeida de Menezes quais seriam os planos futuros do Betel Brasileiro. Ela respondeu envolvendo os três departamentos: a Coordenadoria de ensino Teológico-Missiológico, a Superintendência missionária eclesial, o Departamento de missões mundiais e o Departamento de educação e ação social; e, disse:

“Primeiro: consolidar suas bases no Brasil; isto implica construir sedes definitivas para os seminários em São Paulo, em Goânia e em Brasília. Segundo: consolidar as bases já existentes no exterior e ampliar a obra de Missões em Portugal, na Alemanha, na Inglaterra e na Itália. (...) Terceiro: desenvolver a área da ação social e de educação, abrindo mais escolas para crianças de todas as classes sociais”.

Afora isso, nos planos betelinos incluía-se o estabelecimento de faculdade confessional oferecendo curso de Pedagogia, Psicologia, Direito, Administração, Enfermagem e Jornalismo, isto porque, no entendimento da presidente, na obra de Deus o curso em um seminário teológico é necessário, mas não é suficiente. Assim se reconhecia que para alcançar o homem do mundo pós-moderno, que questiona os valores tradicionais os argumentos religiosos precisavam de novos sustentáculos. Portanto, ao cursar uma faculdade o seminarista adquire complemento curricular e ferramentas científicas para realizar um ministério eficaz.

Desta forma, enquanto não se constrói o desejado centro universitário, as graduadas betelinas continuam seus estudos em faculdades seculares. A pesquisa empírica apontou que das cinco moças que responderam ao questionário, somente uma formada em 2003, não tem curso superior, duas possuem mestrado, uma concluiu duas faculdade e a outra um diploma de terceiro grau. A fundadora morreu em 2002, e a concretização de seus sonhos representa um desafio aos futuros gestores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, viu-se na pesquisa inédita sobre o Betel Brasileiro – um caso do campo religioso protestante no Brasil que os fenômenos sociais não têm linhas demarcatórias precisas. Por isso, os paradigmas oriundos das Ciências naturais que foram utilizados no passado recente para desvendar os “segredos” das organizações humanas têm sido preteridos pelas Ciências do espírito ou da cultura que olham as muitas perspectivas de um dado objeto. Portanto, os modelos advindos dessas ciências são mais flexíveis e melhor se ajustam à compreensão de situações particulares e específicas. Assim, a singularidade de cada pessoa, a liberdade de escolha de cada grupo étnico e o contexto (histórico, geográfico, econômico, social) em que vive impede que as conclusões de um determinado estudo sejam generalizadas e tal universalização ganhe valoração positivista.

A ideia não é original, pois Max Weber (1864-1920) há muito ensinou que toda ação humana é dotada de sentido, de racionalidade que é válida ou inteligível apenas para o agente ou para o grupo que se sentiu motivado para elaborar ou praticar tal ação. Weber (1983, p. 11) disse que as “racionalizações têm existido em todas as culturas, nos mais diversos setores e dos tipos mais diferentes”, e o que de um ponto de vista for racional, poderá ser irracional do outro. A partir dessa perspectiva ele destacou que “o racionalismo específico e peculiar da cultura ocidental” protestante criou um ambiente propício para o surgimento do capitalismo.

Sendo assim, o estudo aproveitou-se também do ensaio weberiano para entender o Betel Brasileiro. Concluiu-se que houve uma conjunção de forças (social, religiosa, política) em meados dos anos 60 que fez despertar um grupo de pessoas capitaneada por Lídia Almeida de Menezes, que mergulhada numa “racionalidade mística”⁹⁹ fundou o Instituto Bíblico Betel Brasileiro com o objetivo específico de treinar jovens vocacionados para a obra missionária evangélica. Considerando-se que a experiência religiosa seja subjetiva, simbólica, e utilizando-se a linguagem mercadológica proposta por Bourdieu (2005), verificou-se que o Betel Brasileiro soube converter o subjetivismo em “capital simbólico” e usá-lo para realizar “investimento” em áreas diversas dentro e fora do campo religioso protestante.

Foi, então, a partir desses referenciais que se explicou o crescimento eclesial, educacional e missionário betelino dentro do recorte abordado (1968-2008). Em 2008 o Betel Brasileiro possuía mais de 132 igrejas com aproximadamente 10.500 membros, 10 unidades educacionais (escola de educação infantil e fundamental) e um corpo discente de 1.500 crianças, cerca de 20 seminários teológicos em território nacional e internacional, base missionária em Portugal, Japão, Inglaterra, Alemanha e, afora as parcerias com outras agências missionárias, a AMIBB – Agência Missionária Betel Brasileiro mantinha 40 missionários no campo nacional e no estrangeiro.

É fato, ao longo de 40 anos o Betel Brasileiro construiu um nome respeitável dentre do cenário protestante brasileiro e em função da sua hibridez a organização transita livremente entre tradicionais e pentecostais. Visto de um ângulo mercadológico, isso é um ganho e faz com que as ações betelinas

⁹⁹ Weber (1983, p.11) admite que um dos tipos de racionalização pode ser a “as racionalizações da contemplação mística”. A essas experiências religiosas, William James (2003) chama de estados místicos.

sejam valorizadas no âmbito do protestantismo nacional. Stark & Bainbridge (2008, p. 57) afirmam que “as organizações religiosas, como outras, têm a capacidade de prover recompensas”, ainda que os pesquisadores definam que as “organizações religiosas são empreendimentos sociais cujo propósito principal é criar, manter e trocar compensadores gerais com base sobrenatural” (STARK & BAINBRIDGE, 2008, p. 56).

Pois bem, o Betel Brasileiro desfruta um *status* privilegiado que lhe permite oferecer tanto compensadores¹⁰⁰ como recompensas. Nesse sentido, muitas igrejas congêneres do Betel Brasileiro eclesial testificam que a doutrina betelina guarda os valores reformados e que não radicaliza a respeito da contemporaneidade dos dons apostólicos; desta forma, a liderança envia seus futuros pastores para serem treinados nos seminários betelinos. Por outro lado, o braço secular do Betel educacional, embora confessional, prima por um ensino de excelência; e, pragmaticamente, utiliza métodos pedagógicos¹⁰¹ de grande aceitabilidade no mercado brasileiro e possui certificação dos órgãos educacionais governamentais.

Enfim, o assunto está encerrado, porém não esgotado! Pois, verdadeiramente se cumpriu o proposto, discutir o “como” e o “porquê” do abraqueiramento da Betel, as “circunstâncias” da transição e o “modelo” de expansão da organização bem com da configuração do “ethos” betelino. Entretanto, na evolução da investigação apareceram questões que embora pertinentes, fugiam do objetivo central da pesquisa, portanto não foram

¹⁰⁰ Segundo Stark & Bainbridge (2008, p. 48) “o conceito de compensador é a chave para a teoria da religião (...). Quando os seres humanos não conseguem obter recompensas intensamente desejadas com facilidade e rapidez, eles persistem em seus esforços e podem, com frequência, aceitar explicações que ofereçam apenas compensadores. Estes são substitutos intangíveis para a recompensa desejada, tendo o caráter de dívidas, cujo valor deve ser aceito pela fé.”

¹⁰¹ Para ilustrar, as escolas de ensino infantil e fundamental betelinas empregam, por exemplo, o método Positivo, que é conhecido e bem disseminado no Brasil, para assegurar a sua sobrevivência no competitivo mercado educacional brasileiro.

contempladas nesta pesquisa. Por exemplo, quem é essa mulher que concebeu o Betel Brasileiro em suas experiências religiosas e o transformou em uma organização com ramificação no exterior? Quais os pressupostos teóricos subjacentes na formação da mulher fundadora do Betel Brasileiro que, por 34 anos, deram-lhe sustento no comando de uma escola teológica para treinamento de homens, paradoxalmente, numa época em que o ministério pastoral simbolizava indubitavelmente uma carreira eclesiástica exclusivamente masculina?

Findo o estudo, um desejo permanece: que outros dêem um polimento ao presente ou que este sirva de *insight* para novas investigações no campo religioso protestante do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de e WALTER, Fraga Filho – *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALMEIDA, Ronaldo de e MONTERO, Paula – *Trânsito religioso no Brasil*. Disponível em: http://www.centrodametropole.org.br/pdf/ronaldo_almeida2.pdf. Acesso em: 30/01/2011.

ANDRADE, Sônia Maria O. e TANAKA, Oswaldo Y. – *Interacionismo interpretativo: uma nova perspectiva teórica para as pesquisas qualitativas*. In: *Ensaio e Ciência, Campo Grande*, vol. 5, número 003, pp. 55-72, dez. 2001.

ARAÚJO, Raquel M. B. C. – *Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta: diálogos feministas*. *Revista de Estudos Literários*. Universidade de Brasília, Vol. 1, No. 1, 2010. Disponível em: http://aguaviva.ueuo.com/admin/pages/upload_arquivos/uploads/RaquelMary.pdf. Acesso em: 18/4/2011.

ARON, Raymond – *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martin Fontes, 1990.

ATOS DOS APÓSTOLOS, 2.4. In: ALMEIDA, João Ferreira – *Bíblia de estudo plenitude*. Barueri: SBB, 1995

AVANT MINISTRIES – disponível em: <http://www.avantministries.org/history.html>. Acesso em: 07/12/2010.

AZEVEDO, Fernando de – *A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

AZZI, Riolando – *O Catolicismo Popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.

BAINBRIDGE, W. Sims e STARK, Rodney – *Uma teoria da religião*. São Paulo: Paulinas, 2008.

BARBEL, Neusi A. Navas – *A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos?* Disponível em: http://www.fm.usp.br/cedem/did/preceptores/BAS3_PBL_x_Problematizacao.pdf. Acesso em: 25/9/2010.

BARTLEMAN, Frank – *A história do avivamento Azusa*. Americana/Campinas: Worship & D^oSena, 2001.

BASTIDE, Roger – *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1971.

BAUMAN, Zygmund – *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____ *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAYMA, Wellington C. – *Como edificar vidas e lapidar vocações*. In: Betel Brasileiro, 30 anos (1968-1998). Raio de Luz. Governador Valadares, Ano XXVII, Edição 111, out. 1998, p. 30.

BERGER, Peter L. – *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERVIAN, PEDRO A. e CERVO, ARMANDO. L. – *Metodologia Científica*. São Paulo: Makron & Pearson, 1996.

BESSELAAR, José Van den – *As Trovas do Bandarra*. In: Revista ICALP, Lisboa, vol. 4, março de 1986, pp. 14-30. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/2022141/Trovas-do-Bandarra>. Acesso: 10/11/2010.

BETEL BRASILEIRO – *Revista, edição especial*. João Pessoa, MIRANDA, Cláudia M. E. (editor), dezembro de 2009.

BETEL BRASILEIRO: *uma história de fé e compromisso missionário com dedicada perseverança cristão, servindo a Deus no Estado da Paraíba, no Brasil e no mundo*. Disponível em: http://www.betelvr.com.br/doc/encarte_betel_brasileiro.pdf. Acesso em: 22/01/2011.

BETTENSON, Henry – *Documentos da igreja cristã*. São Paulo: ASTE, 1998.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998

BITTENCOURT Filho, José – *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes-Koinonia, 2003.

BITUN, Ricardo – *Igreja Mundial do Poder de Deus - Rupturas e continuidades no campo religioso neopentecostal*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo, 2007.

_____. *O Neopentecostalismo e sua inserção no mercado moderno*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, São Bernardo do Campo, 1996.

BLAUW, Johannes – *A natureza missionária da igreja: exame da teologia bíblica da missão*. São Paulo: ASTE, 1962.

BLOOM, Benjamin. *Taxionomia dos objetivos educacionais*. Porto Alegre: Globo, 1972.

BOBERG, Hiudéa T. R. – *Padre Vieira e Pessoa: A língua portuguesa como veículo da pátria da espiritualidade*. In: Revista Letras, Curitiba, pp. 35-45, jan./jun. 2003.

BOSCH, David J. – *Missão transformadora: mudança de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2007.

BOURDIEU, Pierre – *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRANDÃO, Carlos R. – *Ser católico: duas dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião*. In: SACHS, Viola, et al. Brasil & EUA, religião e identidade nacional. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BREVE HISTÓRICO IGREJA CRISTÃ EVANGÉLICA DO BRASIL (1901-2005). Disponível em: <http://www.iceso.com.br/site/aigreja.php?l=historia>. Acesso: 07/12/2010.

BRUCE, F. F. – *The Acts Of The Apostles*. Grand Rapids: Eerdmans, 1951.

BURKE, Peter – *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

- BURNET, J. – *O despertar da filosofia grega*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- BUTLER, Judith P. – *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAIRNS, Earle E. – *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CALDAS, Carlos – *O último missionário*. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.
- _____ *Orlando Costas: sua contribuição na história da teologia latino-americana*. São Paulo: Vida, 2007.
- CAMPBELL, Joseph com MOYERS, Bill; FLOWERS, Betty S. (org.) – *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAMPOS, Leonildo S. e GUTIÉRREZ, Benjamin F. – *Na força do espírito: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: AIPRAL-Pendão Real, 1996.
- CAMPOS, Breno Martins – *Trabalhar nos bastidores: ensaio acerca da condição feminina no puritanismo e fundamentalismo*. In: Mandrágora. São Bernardo do Campo: UMESP, Ano XIV, No. 14, pp. 38-54, 2008.
- CARDOSO, Douglas Nassif – *Robert Read Kalley: médico, missionário e profeta*. São Bernardo do Campo: Edição do Autor, 2001.
- _____ *Sarah Kalley: missionária pioneira na evangelização do Brasil*. São Bernardo do Campo: Edição do Autor, 2005a.
- _____ *Práticas pastorais do pioneiro na evangelização do Brasil*. São Bernardo do Campo: Edição do Autor, 2005b.
- CARREIRA, Denise; AJAMIL, Menchu; MOREIRA, Tereza – *Mudando o mundo: a liderança feminina no século 21*. São Paulo: Cortez/Rede Mulher de Educação, 2001.
- CARRIKER, Timóteo – *O caminho missionário de Deus: uma teologia bíblica de missões*. São Paulo: Sepal, 2000.

- CESARÉIA, Eusébio de – *História eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- CHANTRY, Walter J. – *Sinais dos apóstolos*. São Paulo: PÉS, 1996.
- CLAYTON, Joyce Every – *Brasileiras no ministério cristão – 100 anos atrás!* In: LAMP, Bárbara (org.) *Mulheres no ministério cristão: fragilidade e força*. Betel Brasileiro e Sepal, 2009, pp. 31-35.
- DIETER, M. E. – *Reavivamento*. In: ELWELL, Walter A. (editor). *Enciclopédia Histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1990, pp. 236-240.
- DRURY, Clare – *Cristianismo*. In: HOLM, Jean e BOWKER, John. *A mulher na religião*. Mem Martins: Europa-América, 1999.
- DURKHEIM, Émile – *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- _____. *A evolução pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- EDWARDS, Jonathan – *A genuína experiência espiritual*. São Paulo: PÉS, 1993.
- EKSTRÖM, L. Bertil – *Uma análise histórica dos objetivos da Associação de Missões Transculturais Brasileiras e o seu cumprimento*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo, 1998.
- ESTATUTO SOCIAL DO INSTITUTO BÍBLICO DO BETEL BRASILEIRO. João Pessoa. Registrado no Cartório Toscano de Brito, 2º Ofício de Notas, 22 de dezembro de 1968, atualizado em 2009.
- FERREIRA, Franklin – *A presença dos reformadores franceses no Brasil colonial*. São Paulo; Monergismo, 2010. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/historia/presenca_reformadores_franceses.pdf. Acesso: 13/11/2010.
- FERREIRA, João C. Leonel (org.) – *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial e Paulinas, 2009.
- FINNEY, Charles – *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.
- _____. *Uma vida cheia do Espírito*. Venda Nova: Betânia, 1980.

FIORENZA, Elisabeth S. – *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

FRESTON, Paul – *Breve histórico do pentecostalismo brasileiro*. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRANCA, Leonel P^e – *Noções de história da filosofia*. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

FREYRE, Gilberto – *Casa-Grande e Senzala*. Brasília: Editora da UnB, 1963.

_____. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FRESTON, Paul – *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao Impeachment*. Campinas (Tese de doutorado) Unicamp, 1993.

_____. *Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política*. Viçosa: Ultimato, 2006

FURTADO, Celso – *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

GEBARA, Ivone – *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GEORGE, Sherron K. – *Fundamentos bíblicos e pedagógicos da educação teológica*. In: *Revista de Reflexão Teológica: estudos e pesquisas em teologia e missões*. São Paulo: IBBB, n^o 2, 2010, pp. 107-129.

GIDDENS, Anthony. *Estruturalismo, Pós-estruturalismo e a Produção da Cultura*. In: GIDDENS, A. e TURNER, J. *Teoria Social Hoje*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

GODOI, Christiane K.; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson B. da (orgs.) – *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2007.

GODOY, Arilda S. – *Estudo de caso qualitativo*. In: GODOI, Christiane K.; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson B. da (orgs.) – *Pesquisa*

qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2007, pp. 116-146.

GOMES, A. Maspoli de A. (org.) – *Teologia ciência e profissão*. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

GOMES, Laurentino – *1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2008.

GONZÁLEZ, Justo L. & ORLANDI, C. Cardoza – *História do movimento missionário*. São Paulo: Hagnos, 2010.

GOODE, W. J. e HATT, P. K. – *Métodos em pesquisa social*. São Paulo, Nacional, 1969.

HALL, Stuart – *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2007.

HAWTHORNE, Nathaniel – *A letra escarlate*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de – *Raízes do Brasil*. Brasília: Editora UnB, 1963.

HOORNAERT, Eduardo – *Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800*. Petrópolis: Vozes, 1974.

HODGES, Melvin L. – *A Theology Of The Church And Its Mission: A Pentecostal Perspective*. Springfield: Gospel Publishing House, 1977.

HOLLENWEGER, Walter Jr. – *El Pentecostalismo: Historia y Doctrinas*. Buenos Aires: La Aurora, 1976.

HYATT, Susan C. – *Mulheres cheias do Espírito Santo*. In: SYNAN, Vinson (org.). *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009, pp. 318-356.

JAESCHKE, Walter – *As Ciências naturais e as Ciências do Espírito na era da globalização*. In: VERITAS, Porto Alegre v. 51 n. 1, pp. 121-132, mar. 2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/viewFile/1887/1408>, Acesso em: 7/10/2010.

ICHIKAWA, Elisa Y. e SANTOS, Lucy W. dos – *Contribuição da história oral à pesquisa organizacional*. In: GODOI, Christiane K.; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson B. da (orgs.) – *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2007, pp. 181-205.

JAMES, William – *The Varieties of Religious Experience*. New York: Signet Classic, 2003.

_____ *Las variedades de la experiencia religiosa*. Ediciones Península, 1994.

_____. *Essay in Radical Empiricism and a Pluralistic Universe*. New York: Dutton & Co., 1971

KUHN, Thomas S. – *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LATOURETTE, Kenneth S. – *Uma história do cristianismo*. São Paulo: Hagnos, 2006, vol. 1 e 2.

LE GOFF, Jacques – *História e memória*. Campinas: UniCamp, 1990.

LEJEUNE, Philippe – *O guarda-memória*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 19, 1997.

LÉONARD, Émile-G – *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. Rio de Janeiro: JUERP/ASTE, 1963.

LERMEN, Gisela Büttner – *Mulheres católicas na década de 1930*. 2009. Disponível em: [HTTP://www.ihgrgs.org.br/contribuicoers/catolicas_dec30.htm](http://www.ihgrgs.org.br/contribuicoers/catolicas_dec30.htm)
Acesso: em 30/08/20210

LEWIS, Warren – *Witnesses to the Holy Spirit*. Valley Forge: Judson Press, 1978.

LLOYD-JONES, Martyn D. – *Avivamento*. São Paulo: PES, 1993.

LUZ, Waldyr Carvalho – *Ordenação feminina*. In: Revista Ultimato. Viçosa: Editora Ultimato, ano XLIV, no. 329, mar/abr. 2011, pp. 44-49.

MANDRYK, Jason – *Operation World: The Definitive Prayer Guide to Every Nation*. Colorado Springs: GMI, 2010, 1 DVD-ROM.

MANOEL, Ivan A. – *Igreja e educação feminina: uma face do conservadorismo*. São Paulo: Unesp, 1996.

MARIANO, Ricardo – *Usos e limites da teoria da escolha racional da religião*. In: *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, São Paulo, v. 20, n. 2, pp. 41-66, nov. 2008.

_____ *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTIN, David – *Tongues Of Fire: The Explosion Of The Protestantism In Latin America*. Oxford: Blackwell, 1990

McGAVRAN, Donald – *What is Mission?* In: GLASSER, A. F. e McGAVRAN, Donald. *Contemporary Theologies of Mission*. Grand Rapids: Baker, 1983.

MELLO, Evaldo G. de – *O Brasil holandês*. São Paulo: Pinguim-Companhia de letras, 2010.

MENEZES, Lídia Almeida de – *Propósito e perseverança*. In: *Raio de Luz*. Governador Valadares, Ano XXVIII – edição 111 – outubro de 1998, pp. 30-31.

MENDONÇA, A. Gouvêa e VELASQUES Filho, Prócoro – *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

MENDONÇA, A. Gouvêa – *Ciências da Religião: De quem estamos falando?* In: GOMES, A. Maspoli de A. (org.). *Teologia ciência e profissão*. São Paulo: Fonte Editorial, 2007, pp. 145-163.

_____ *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____ *Um panorama do protestantismo brasileiro atual*. Rio de Janeiro: Cadernos do ISER, nº 22, 1989.

MERRIAM, Sharan B. – *Case Study in Education. A qualitative approach*. San Francisco: Jossey-Bass, 1988.

METZGER, Martin – *História de Israel*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

MICELI, Sergio – *A força do sentido*. In: BOURDIEU, Pierri. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005, pp. VII-LXI.

MILLER, Donald E. e YAMAMORI, Tetsunao – *Global Pentecostalismo: The new face of Christian social engagement*. Los Angeles: University of California Press, 2007.

MIRANDA, Cláudia Mércia E. (ed.) – *Semeadores: missionários cristãos contemporâneos*. João Pessoa: Betel, 2008.

MARTYN, Henry: *o turista que passou quinze dias em Salvador em novembro de 1805*. In: Revista Ultimato. Viçosa: Ultimato, Ano XLII, nº 322, janeiro-fevereiro, 2010, pp. 24-27.

MOURA, Roseli P. C. de L. – *Educação ideológica ou liberdade confessional*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

NEIL, Stephen – *História das missões*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

ODALIA, Nilo – *O saber e a história: Georges Duby e o pensamento historiográfico contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, A. R. de – *Renovação carismática católica*. Petrópolis: Vozes, 1978.

PAULILO, Maria Angela S. – *A pesquisa qualitativa e a história de vida*. In Serviço Social em Revista, Londrina, v. 2 n. 1, pp. 135-148, jul./dez. 1999. Disponível: http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n1_pesquisa.htm, Acesso: 21/9/2010.

PAZ, Josiane B. de Araújo – *Uma mulher que andou com Deus: vida e obra da missionária Lídia Almeida de Menezes*. João Pessoa, da Autora, 2002.

PENA, Sergio D. – *Homo brasilis: aspectos genéticos, linguísticos, históricos e sócioantropológicos da formação do povo brasileiro*. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002.

PEREIRA, Francisco Caetano – *Subordinação e gênero*. Recife: Liceu, 2001.

PERROT, Michelle – *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

- PETERS, George W. – *Teologia bíblica de missões*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- PIERARD, R. V. – *Liberalismo teológico*. In: ELWELL, Walter A. Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, vol II, 1990, pp. 424-429.
- PIERUCCI, Antônio Flávio – *O Desencantamento do Mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- PIMENTEL, Manuel Cândido – *O mito de Portugal nas suas raízes culturais*. In: MATOS, Artur Teodoro de; LAGES, Mário Ferreiras (coord.). Portugal: percursos de interculturalidade - matrizes e configurações. Lisboa: Acidi, 3º vol., pp. 7-52, dezembro 2008.
- PLATÃO – *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural. 1999.
- POMBO, Rocha – *História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- POMERVILLE, P. A. – *The Third Force In Missions: A Pentecostal Contribution to Contemporary Mission Theology*. Peabody: Hendrickso, 1985.
- PORTO FILHO, Manoel da S. – *Congregacionalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: UIECB, 1997.
- POTIGUARAS. Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Potiguaras>. Acesso em: 29/01/2011
- PRADO Jr., Caio – *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Melhoramentos, 1942.
- READ, William R. – *Fermento religioso nas massas do Brasil*. Campinas: Livraria Cristã Unida, 1967.
- REILY, Duncan A. – *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984
- REBOUL, Olivier – *A doutrinação*. São Paulo: Cia editora nacional, 1980.
- RIBEIRO, Boanerges – *Protestantismo no Brasil monárquico (1822-1888): Aspectos culturais da aceitação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1973.
- _____ *A vida e a obra de D. L. Moody*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

RICUPERO, Bernardo – *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2007.

RODRIGUES, Léo Peixoto – *Estruturalismo, pós-estruturalismo, pós-Marxismo e elementos da Teoria do Discurso de Ernesto Laclau*. s. d. Disponível em: http://www.iepim.com.br/artigos/Artigo_Leo_Peixoto.pdf. Acesso em: 20/04/2011.

RODRIGUES, Philemon – *Indicação de nomes de lideranças evangélicas homenageadas do Estado da Paraíba*. 51606, Diário da Câmara dos Deputados, Ano LIX - Nº 202 – terça-feira, 30 de novembro de 2004, BRASÍLIA-DF.

ROLIM, Francisco C. – *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROMEIRO, Paulo – *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

ROSA, Wanderley – *O dualismo na teologia cristã*. São Paulo: Fonte editorial, 2010.

ROUSSEAU, Jean Jacques – *Emílio, ou da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

RUIZ, César A. – *Vida cristã: pregação e testemunho*. In: Raio de Luz. Governador Valadares: Betel Brasileiro, ano 28, edição 11, out. 1998.

SANTOS, Rosângela da S. e SPINDOLA, Thelma – *Trabalhando com a história da vida: percalços de uma pesquisa(dora?)*. In: Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 37, n. 2, pp. 119-26, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n2/14.pdf>. Acesso em: 21/9/2010.

SANTOS, Sônia Duarte dos – *Betel: casa do oleiro, na experiência de uma seminarista*. João Pessoa: da Autora, 2003.

SARGENT, John – *Life and Letters of the Rev. Henry Marty*. London, 1862. Disponível em: <http://books.google.com/books?printsec=frontcover&pg=PA114&id=bpGBo0vtb6EC&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso: 04/06/2011.

SCHALKWIJK, Frans L. – *Igreja e Estado no Brasil holandês*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

SCHWARTSMAN, Hélio (equipe de articulista) – *Um em cada 4 brasileiros crê em Adão e Eva*. Jornal Folha de S. Paulo, 02 de abril de 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0204201010.htm>. Acesso em: 14/12/2010.

SCOCUGLIA, Afonso Celso – *A educação de jovens e adultos: histórias e memórias da década de 60*. Brasília: Plano & Autores Associados, 2003.

SCOTT, Joan – *Histoira De Las Mujeres*. In: BURKE, Peter (org.). *Formas de hacer Historia*. Madrid: Alianza Universidad, 1993, pp. 59-88, 1993.

_____ *Preface a gender and politics of history*. Cadernos Pagu, nº. 3, Campinas/SP 1994.

_____ *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Recife: Corpo e Cidadania. Recife, 1990

SETTON, Maria da Graça J. – *A teoria de habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. In Revista Brasileira da Educação. São Paulo, maio/jun/ago, 2002, nº 20, pp. 60-70.

SHARPE, Jim – *Historia Desde Abajo*. In: BURKE, Peter (org.). *Formas de hacer Historia*. Madrid: Alianza Universidad, pp. 38-58, 1993.

SHERRILL, John L. *They Speak With Other Tongues*. WestWood: Spire, 1965.

SIEPIERSKI, Carlos T. – *“De bem com a vida”*: o sagrado num mundo em transformação – um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

SILVA, Gilberto da – *Protestantismo em São Paulo: um estudo introdutório do fenômeno pentecostal*. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade de Guarulhos, Guarulhos, 1992.

_____ *História de missões e desafios do século XXI*. São Paulo: All Print, 2009.

SILVA, Eliane Moura da – *Gênero, religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e início do XX*. In: Mandrágora. São Bernardo do Campo: UMESP, Ano XIV, No. 14, pp. 25-37, 2008.

- SILVA, Mary A. F. da – *Métodos e técnicas de pesquisa*. Curitiba: Ibplex, 2005
- SIQUEIRA, Sonia A. – *A inquisição portuguesa e a sociedade colonial*. Tese (Livre-docência). Universidade de São Paulo, São Paulo, vol I e vol II, 1972.
- SIQUEIRA, Tatiana Lima – *Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero*. In: Revista Artemis, João Pessoa, Vol. 8, jun/2008, pp. 110-117.
- SOUZA, Laura de Mello e. – *O diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- SYNAN, Vinson – *Raízes pentecostais*. In: SYNAN, Vinson (org.). *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, pp. 30-58, 2009.
- _____ *The Holiness-Pentecostal Moviment in the United States*. Grand Rapids: Eerdmans, 1971.
- STOTT, John R. W – *John Stott comenta o Pacto de Lausanne*: Lausanne série 4. São Paulo/Belo Horizonte: ABU/Visão Mundial, 1983.
- _____ *Batismo e plenitude do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- TERTULIANO. In: Didascalion. Disponível em: <http://sites.google.com/site/didascalion/tertuliano> Acesso: 15/11/2010.
- TESTAS, Guy e TESTAS, Jean – *A inquisição*. São Paulo: Dif. Européia, 1968.
- TILLICH, Paul – *História do pensamento cristão*. São Paulo: ASTE, 2004.
- TUCKER, Ruth A. – *Missões até os confins da terra*. São Paulo: Shedd, 2010.
- USARSKI, Frank – *Constituintes da Ciência da Religião*: cinco ensaios em prol da uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.
- WEBER, Max – *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- _____ *Economia e Sociedade*. Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Brasília: Editora da UnB, Vol. 1, 2000.

_____ *A objetividade do conhecimento nas ciências sociais*. In: COHN, Gabriel (org.). *Max Weber: sociologia*. São Paulo, Ática, 1986, p. 79-127.

WENTZ, Abdel Ross – *Lutero e sua tradição*. In: ANDERSON, William K. (org.) *Espírito e mensagem do protestantismo*. São Paulo: J. G. E. C da Igreja Metodista do Brasil, 1953.

WERNET, Augustin – *A igreja paulista no século XIX*. São Paulo: Átila, 1987.

WINTER, Ralph D. – *The 25 Unbelievable years (1945-1969)*. Pasadena: William Carey Library, 1970.

WIRTH, Lauri E. – *Protestantismo latino-americanos: entre o imaginário eurocêntrico e as culturas locais*. In: FERREIRA, João C. L. (org.). *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial e Paulinas, 2009, pp. 14-46.

WOLLSTONECRAFT, Mary – *A vindication of the rights of woman*. New York: Dover Thrift, 1996.

VAZ, Larissa – *Russel e Patricia: Jubileu e Bodas de Ouro*. São Paulo: Vida Nova, s.d.

VIANNA, Oliveira – *Populações meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

VIRAÇÃO, F. Jaqueline de S. – *A igreja potiguara: a saga dos índios protestantes no Brasil Holandês*. *Revista Historiar* [recurso eletrônico] / Universidade Estadual Vale do Acaraú – v.2. n. 2 (jan./jun. 2010). Sobral-CE: UVA, 2010, pp. 7-26.

YIN, Robert K. – *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Anexo I

Suzi Alves*

História de vida

Antes da conversão à religião evangélica

Nasci no dia 07 de novembro de 1975, na cidade de Santo André-SP, sendo a segunda filha de um casal de migrantes do sertão paraibano, permaneci aqui até aproximadamente os quatro anos de idade quando a firma em que meu pai trabalhava constatou que ele era portador da doença de chagas, dispensando-o do serviço. Retornamos então para a Paraíba, tive uma infância tranqüila, meus pais eram por tradição católicos, mas de forma nenhuma praticantes. Eu era uma menina muito agitada (conta a minha mãe), me destacava pelo desempenho escolar e facilidade em relacionar-me, tendo muitos amigos (...).

Assim, conheci a Cristo:

No ano de 1988 minha tia foi mais uma vez a minha cidade, minha irmã Débora, que sempre foi o meu oposto, era quieta, e muito caseira, nunca havia participado de um culto evangélico, mas num sábado ela perguntou se minha tia iria a igreja, ela disse que não, logo em seguida voltou atrás e perguntou porque, minha irmã respondeu que se fosse ela iria junto, minha tia não perdeu tempo e combinou a ida a igreja, mais uma vez fui junto, era Escola Dominical (acontecia no Sábado à noite), as classes foram divididas e eu fui para as crianças, como sempre gostei muito, mas me parecia impossível ter que deixar de dançar, minha irmã ficou maravilhada, mas não tomou a decisão, precisava consultar minha mãe, que concordou plenamente. No Domingo, culto de mocidade, estávamos lá de novo, desta vez minha irmã não resistiu e já com a permissão de minha mãe, aceitou Jesus, foi uma festa, minha tia chorava a abraçava, etc...Meus pais embora não crentes tiveram muita alegria, eu ainda não decidi por Jesus, e no caminho comentei com minha tia que desejei fazê-lo, mas o fato de ter que deixar de dançar me impedia. Mas, logo na sexta-feira da mesma semana também não resisti ao apelo e aceitei Jesus, os céus estavam em festa, mas minha tia e meus pais não manifestaram reação nenhuma de alegria, pois não acreditavam que permaneceria, minha mãe pelo contrário, ficou envergonhada, pois sabia que não passava de "fogo de palha". No sítio onde morava a família de minha mãe tinha uma quadra onde eram realizados os famosos forrós nordestinos, e a minha permanência na igreja fora desafiada por muitos, só criam que permaneceria se fizessem algum forró e eu não fosse. Deus teve misericórdia, até hoje tem me sustentado.

A CHAMADA – experiência da chamada de Deus para o ministério

Aos 17 anos em um desses congressos que havíamos organizado, Deus usou o pregador para profetizar sobre o chamado missionário que Deus tinha na minha vida (o termo missões não era entendido na minha igreja, pois não falávamos sobre isto),

* Suzi Alves da Silva, formada no Seminário Teológico Evangélico do Betel Brasileiro em São Paulo, em 1999, graduada em Pedagogia e Mestre em Educação pela Universidade Metodista – UMESP, em 2011. Em 2006, ela foi condecorada com a Medalha Cinquentenário das Forças de Paz do Brasil outorgada pela ONU, pelos serviços humanitários prestados à população de Timor Leste. No momento, está no Timor-Leste desenvolvendo trabalho de educação infantil e coordena uma extensão do Seminário Betel Brasileiro, em **Aileu**, uma cidade situada nas montanhas, distante 47Km de Dili, capital do país. O relato de vida foi colhido em 23/09/2010, na íntegra contém 8 páginas.

fiquei na expectativa, e procurei me informar a respeito, no ano seguinte, conheci um irmão que morava na capital (João Pessoa) e era mais bem esclarecido sobre missões, pois lá ele tinha mais oportunidades, contou-me testemunhos de missionários entre índios, etc...Foi então que me falou que se Deus tinha um plano na minha vida, deveria me preparar, ou seja, fazer um seminário, aceitei a sugestão e fui a Capital, onde tinha uma amiga que havia concluído a faculdade de Serviço Social e ingressaria no seminário, fomos juntas ao Betel Brasileiro, mas como as aulas na época eram diurnas, precisei procurar outro que as aulas fossem a noite, pois tentaria procurar emprego para me manter no seminário, foi então que fiz matrícula no SETEP. Quando retornei da capital, e fui conversar com meu pastor, ele discordou veementemente, isso era um pecado contra o Espírito Santo, disse-me: "a letra mata". Fiquei desapontada, mas tinha feito algumas "provas" para certificar-me se era vontade de Deus e todas me davam o sinal verde, inclusive meus pais que apesar de ainda não terem tomado a decisão por Cristo me apoiava em tudo que tencionava fazer para Deus. Foi quando resolvi desobedecê-lo e ir mesmo sem a benção do meu pastor (que na época já era outro). Iria viajar numa quarta-feira, como o ônibus saía às 9:30, deixei as malas na rodoviária (em uma lanchonete de uma amiga) e fomos igreja, ao final do culto retornaríamos para seguir viagem, neste dia tínhamos visitante na igreja e quando tomou a palavra começou a "profetizar" para mim, fazendo-me entender que esta não era à vontade de Deus, como era muito temente e sempre fui ensinada que seminário era pecado...Acreditei (meu conhecimento bíblico ainda era muito raso), desistindo da viagem, dois dias depois fiquei sabendo que o meu pastor havia falado da minha intenção de ir fazer seminário. Fiquei desapontada, durante um mês eu não tinha reação nenhuma, parecia estar em estado de choque, todavia não comentei nada com ninguém exceto minha mãe e irmã. Depois desse tempo comecei a entender que Deus estava no controle, independente da minha frustração, Ele estava cuidando. Organizamos mais um congresso de jovens, estava sempre na frente desses eventos, foi marcante, como a nossa cidade é bem pequena, causou impacto, era agosto de 1995. Na ocasião meu pai tomou a decisão por Cristo, tendo muita coisa da sua vida mudada, mas não permaneceu por não vencer o vício do cigarro.

Minha vinda para Santo André-SP

Em Dezembro de 1995, minha tia foi mais uma vez a Paraíba, desta vez insistiu para que viesse com ela para Santo André, depois que recebi este convite fiz a oração de Abraão "se o Senhor não for comigo não me faça subir daqui". Então tomei a decisão de vir, chegando em Santo André no dia 26 de janeiro de 1996. Ao chegar fui morar com minha tia, rapidamente fiz muitas amizades na igreja, mas a saudade de minha família assolava-me, desejava voltar, no entanto, com um mês e meio fui convidada para participar de um jogral que apresentamos em algumas congregações do campo. Consegui um emprego em uma casa de doces, pois não queria que meu pai tivesse que custear a minha passagem de volta, o que ele não via nenhuma dificuldade em fazer, pois também desejava muito que retornasse. Onde trabalhava a pessoa era crente, por isso íamos todos os dias para oração numa igreja que ficava em frente. No terceiro mês já coordenava um trabalho de discipulado na casa de um diácono e também fui convidada pelo pastor para ajudar na EBD, em uma classe infantil.

DEFINIÇÃO DE MINISTÉRIO – O Seminário e o Ingresso Integral em Missões

Apesar do meu imenso desejo de retornar, já me via por demais comprometida com as atividades da igreja, foi quando meu pai ligou pedindo para que eu fosse embora, pedi-lhe uma semana, havia alguma coisa no meu coração que apesar de ser

muito subjetiva, dizia-me que Deus tinha um propósito comigo nesta cidade, orei pedindo uma resposta se fosse vontade de Deus que eu permanecesse aqui me fizesse entender de alguma forma, comecei com este propósito no sábado, na quarta-feira, fui convidada por um núcleo de apoio à reintegração social para trabalhar com eles (é uma missão evangélica de apoio a drogados, aidéticos...), confesso que gelei, desejava que o Senhor não tivesse me respondido, assim podia ir embora com a consciência tranqüila, agora isso não seria mais possível. Tomei a decisão de ficar, tive resistência por parte de minha mãe, pois o sustento teria que ser levantado, conseguindo mantenedores (pessoas e/ou igrejas), minha mãe dizia que era pedir esmolas, por isso ficou meses sem falar comigo, meus irmãos e meu pai sofriam muito com isso, pois meu nome não era permitido ser mencionado em minha casa. A missão me orientou para fazer seminário, e indicou-me o Betel Brasileiro, extensão em SP, irmã Durvalina me aceitou pela fé, pois não obtive o apoio financeiro da minha igreja a princípio, o Senhor fez milagres, uma pessoa pagou as mensalidades durante um semestre, o meu primeiro no seminário (só fiquei sabendo quem foi depois da minha formatura), era o segundo semestre do ano de 1996, apesar das dificuldades com minha mãe e financeiras entendia estar no centro da vontade de Deus. O tempo no seminário foi muito significativo, diria determinante para minha formação, de uma vida religiosa passei a entender o verdadeiro significado da graça e do caráter cristão. O Betel como um seminário comprometido em formar não só academicamente os seus alunos, mas também para o serviço prático, missões e imprimir o caráter de Cristo em seus alunos, foi para mim sem dúvida “casa de Deus”. Apesar de entrar no seminário exatamente por sentir ardentemente uma chamada esta era sem entendimento. Os Cenans, me trouxeram as verdadeiras implicações do que seria estar envolvida em missões. Passei muitas necessidades, das quais a minha família até hoje não faz idéia, contudo era uma mistura de sofrimento e gozo por fazer a vontade de Deus. Nessa época ainda morava com minha tia, que também ficou decepcionada com a minha opção de fazer a obra do Senhor e viver pela fé, mas sempre tivemos um relacionamento muito bom (...).

Por que Timor Lorosa'e?

No mês março de 2000 tive oportunidade de ouvir Xanana Gusmão em entrevista a CBN, e ele falou que o país estava aberto para receber brasileiros principalmente para ajudá-los na educação e restauração da língua portuguesa. Neste momento meu coração viu a oportunidade que a igreja evangélica brasileira não podia perder, alguns dias depois no mês de abril fui a Consulta Nacional da APMB, cujo tema era: “O preparo Missionário para campos de risco”, lá conversei sobre Timor com a professora Margaretha que me falou de suas tentativas com igrejas e agências para o envio de missionários para Timor (sem muito sucesso), quando retornava desta Consulta ainda a caminho o rádio do carro estava ligado e ouvimos a notícia de que estaria sendo enviados para Timor, três padres e cinco freiras (penso que era esse os números) para ajudar na educação e realização de trabalhos evangélicos, confesso que fiquei indignada com a nossa comodidade enquanto os outros grupos agiam tão rápidos. Depois destas experiências ouvi a Profa. Margaretha falar sobre Timor por mais três vezes, inclusive na despedida da primeira equipe de férias para Timor.

Por estas razões meu coração se tornou aberto para servir em Timor Lorosa'e. Para onde fui enviada por minha igreja em janeiro de 2002, sendo que passei os dois primeiros meses estudando o Bahasa Indonésio (língua Indonésia) na Ilha de Java, Indonésia, depois disto segui para Timor (...), (sic).

Anexo II

Roteiro do questionário



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO



Pesquisa com ex-aluna do Betel Brasileiro

Data ___/___/___

Nome:

Idade: anos

Estado civil: 1. Solteira 2. Casada 3. Outro _____

Ano que se formou no Betel Brasileiro _____ Unidade: PB ou SP

Naturalidade: _____

Nível de Escolaridade:

. Ensino superior _____

. Pós-Graduação _____

. Outros cursos _____

Profissão: _____

Igreja _____

Cargo _____

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

1 - Antes de pertencer à religião Protestante você fazia parte de outra religião? Se sim, qual.

.....
.....

2 - Cite o ano de conversão ao Protestantismo.

.....
.....

3 - Em que ano e o que foi determinante na sua escolha para estudar no Betel Brasileiro?

.....
.....



4- Descreva a sua convivência/relacionamento com as colegas do Seminário?

.....
.....
.....

5 - Como era o seu relacionamento com a direção e com o corpo docente?

.....
.....
.....

6 - Como se dava e qual a periodicidade do trabalho prático?

.....
.....
.....

7 - Mencione três fatos que lhe vêm a mente quando pensa nos anos de estudo no Betel Brasileiro?

.....
.....
.....

8 - Qual a sua principal atividade atual em que medida o Betel Brasileiro contribuiu para o engajamento ou aperfeiçoamento?

.....
.....
.....

9 - Qual foi a sua experiência mais marcante no tempo que permaneceu no Betel Brasileiro?

.....
.....
.....